

REVISTA DA SEMANA

N.º 17
27-4-48

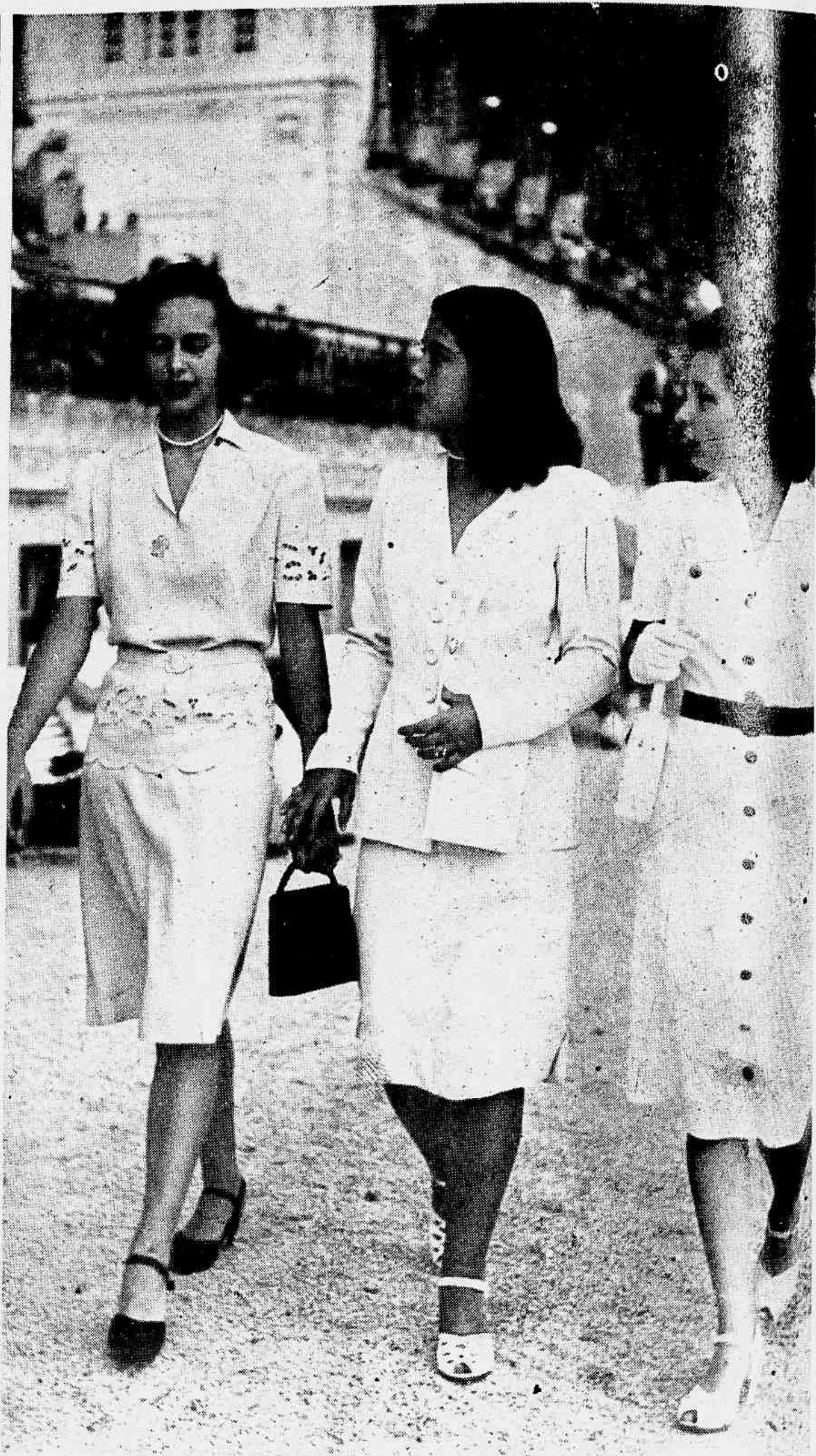
Na Capa: 1948
1948





JOCKEY CLUB MUNDANO

Na tarde de domingo último o Jockey Club Brasileiro ofereceu aos seus frequentadores mais uma das suas muito animadas reuniões. Como sempre, as tribunas estavam repletas de elementos representativos da nossa sociedade, e mais uma vez as elegantes "turfwomen" cariocas concorreram com a sua graça para o êxito dessa tarde turfística. As fotos que aqui estampamos foram colhidas pela nossa objetiva, nos intervalos das corridas.



PORTINARI

RUMO A PARIS!





SEMANA SANTA

1) **OS PES CHAGADOS DE CRISTO** — Uma crente, depois de fervorosamente aos pés de Cristo Morto, aproximou-se da imagem e beijou-lhe respeitosamente os pés. A nossa objetiva, num instante feliz, colheu esse magnífico flagrante de revelação de fé na Providência Divina, que é ao mesmo tempo um exemplo de humildade mística, aos que não procuram, no consolo de Deus, um alívio para as suas dores e os seus sofrimentos.

As cerimônias comemorativas da Semana Santa, como nos anos anteriores, revestiram-se de

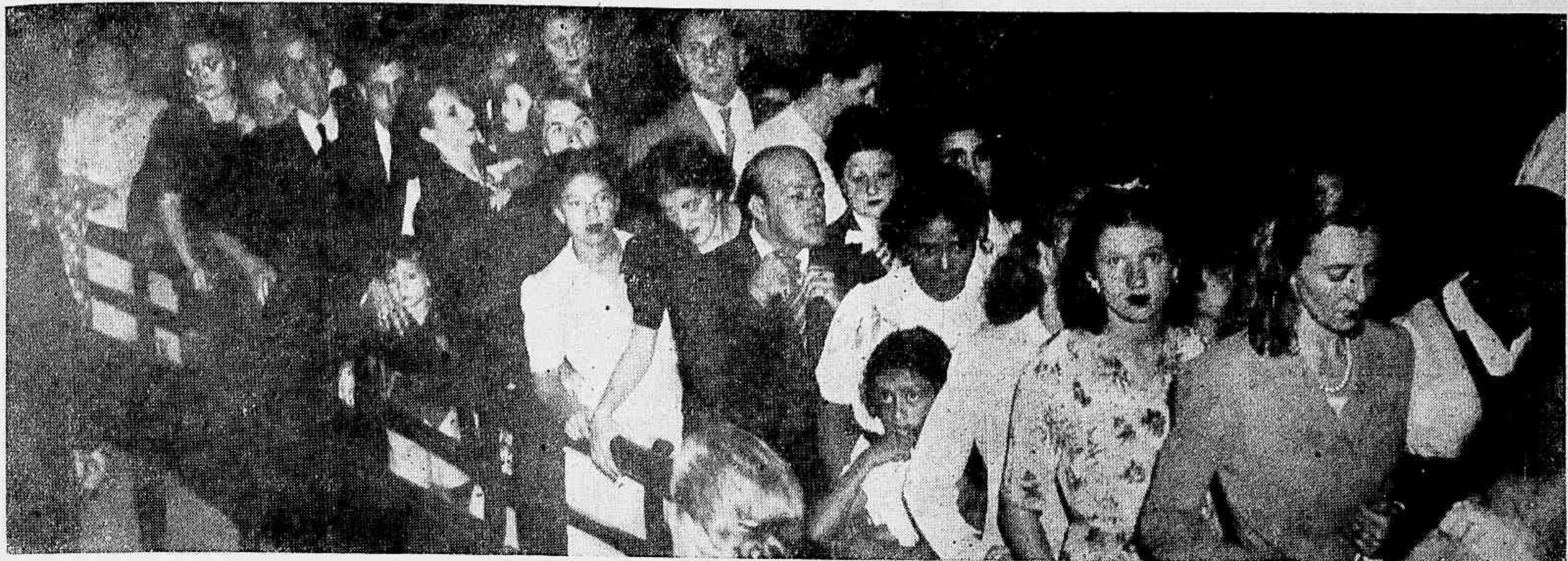
grande solenidade, contando com o comparecimento a todos os atos religiosos de multidões

gigantescas de fieis.

Os cultos celebrados em todos os templos do Rio, as pro-

2) **PARA VISITAR O SENHOR** — A porta da igreja da Lapa, desde as primeiras horas de Sexta-feira Santa, uma grande multidão de fieis se enfileirava para visitar o Senhor Morto e beijar-lhe devotamente os pés. Aí temos um aspecto da fila que se formou à porta do templo e que permaneceu durante o transcorrer de todo o dia santificado, sem que fosse diminuído o número de fieis. Mulheres, velhos, crianças, se misturavam com os homens, na comunhão dos propósitos devotos.

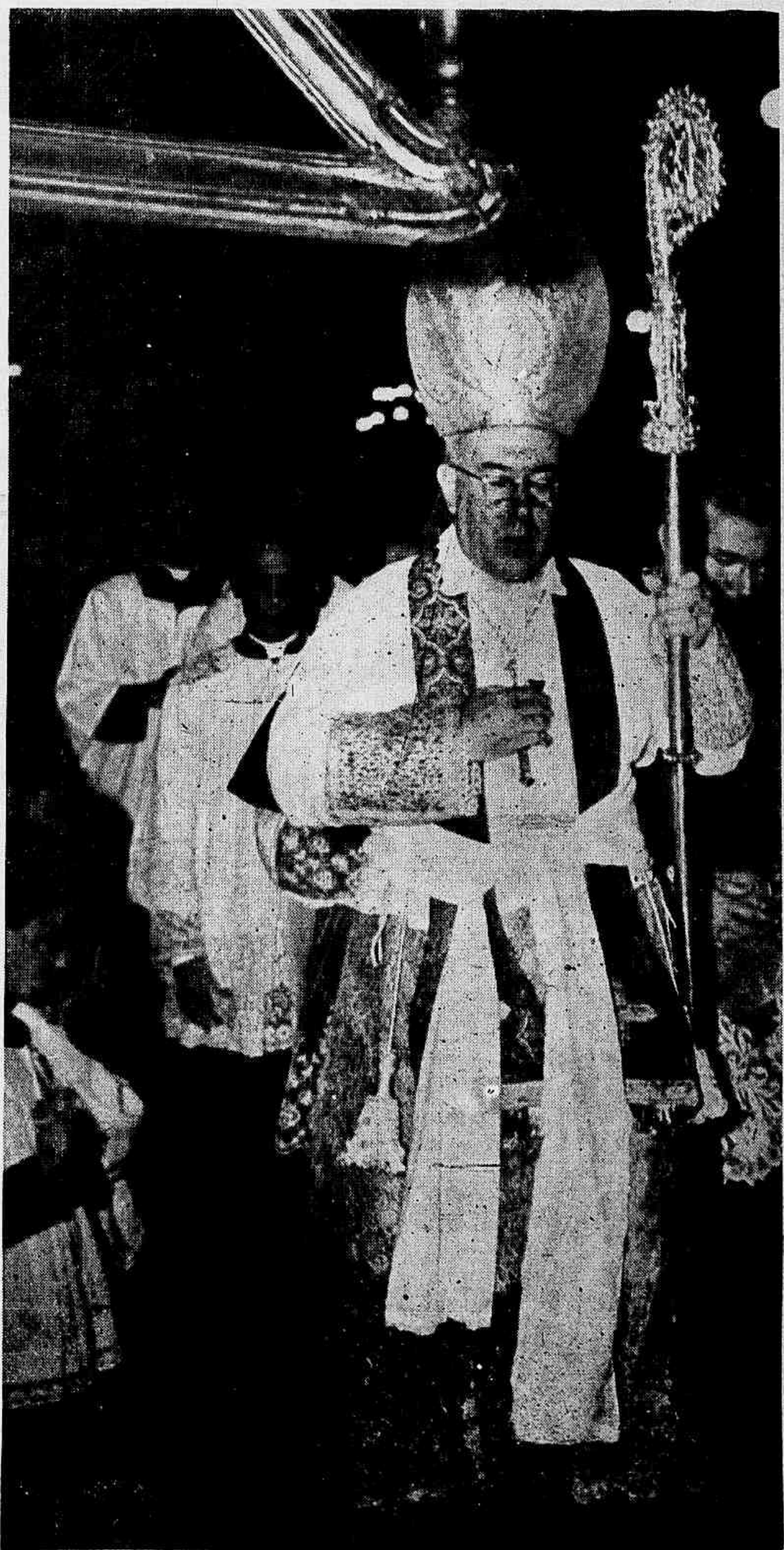


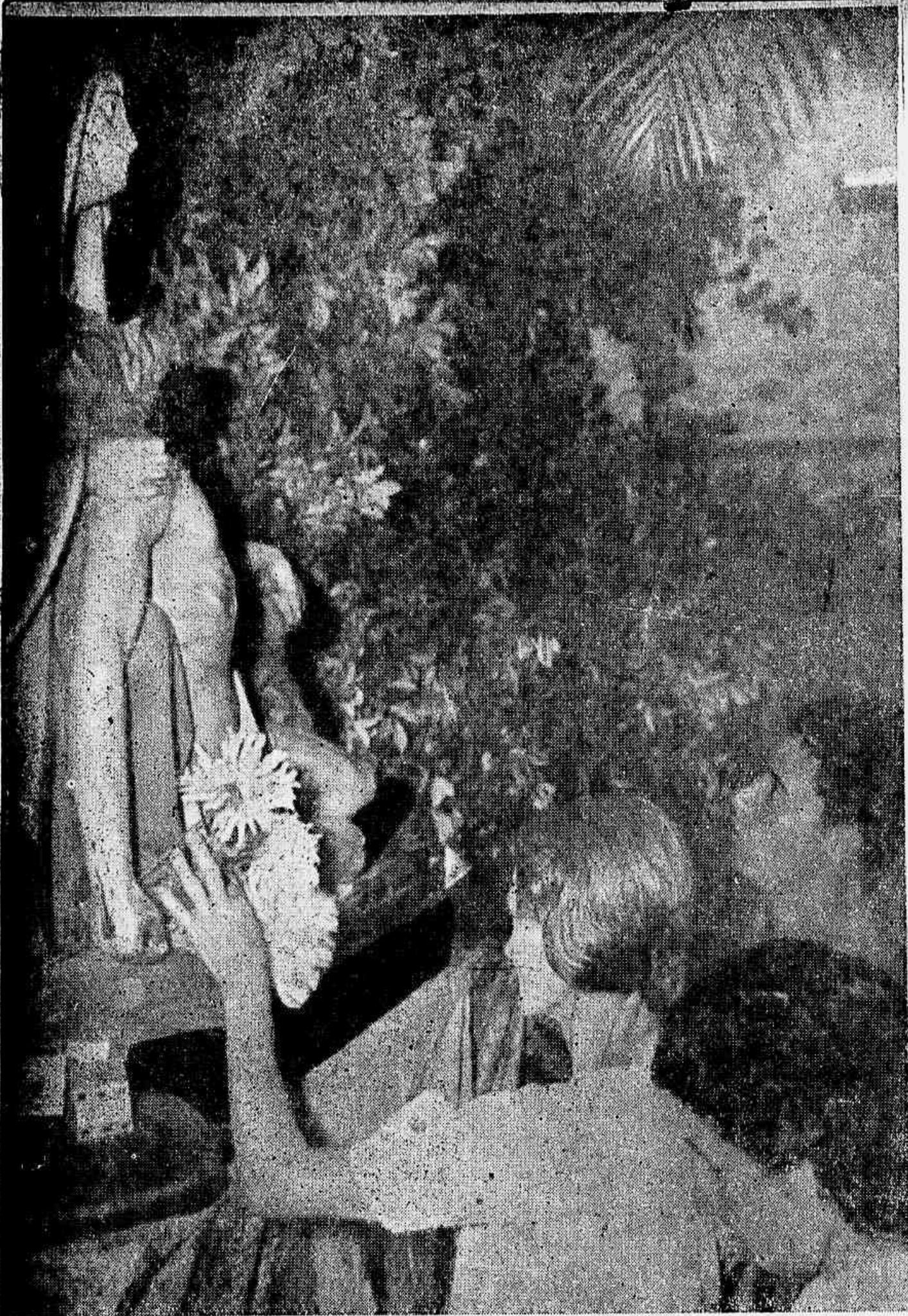


A' ESPERA — As filas enormes de fieis que acorriam às igrejas para reverenciar a imagem sagrada do Cristo, se entendiam desde os altares até os centros das ruas. Milhares de pessoas passavam pelas igrejas, no afã de levar, em suas preces, uma palavra de desagravo aos pés do Filho do Homem, sacrificado em holocausto ao futuro da Humanidade. Na foto acima, vemos um aspecto feito no interior de um dos nssos templos, notando-se a grande afluência de fieis, que se enfileiravam à espera de sua vez de beijar o Senhor Morto.

PRECE — De joelhos, entre velhos e senhoras, o colegial abriu o seu livro de orações e principiou a sua prece em voz baixa. Uma expressão de misticismo boiou em seu olhar perdido nas linhas do missal. E o adolescente nem deu fé de que fora batida a chapa.

O CARDIAL ARCEBISPO, d. Jaime de Barros Camara, dirigind-se à Catedral Metropolitana, para presidir à cerimônia do "lava-pés". S. Eminência aparece com as roupas características dos arcebispos e coberto com a mitra arcebispal.





COBERTO DE FLORES estava num templo a imagem da Mater Dolorosa abraçada ao Martir do Calvário. Mais alguns crisantemos brancos foram colocados ao pé de Cristo por uma senhora devota. O nosso fotógrafo colheu um flagrante no momento justo em que a imagem recebia a homenagem singela

O LAVA-PÉS — Na Catedral Metropolitana, como acontece todos os anos, teve lugar, às 17 horas de Quinta-Feira Santa a solenidade do "lava-pés". Como fizera Jesus aos doze apóstolos, o Arcebispo do Rio de Janeiro lavou numa salva os pés de doze seminaristas, beijando-os a seguir. Na foto abaixo reproduzimos um aspecto da cerimônia, no momento preciso, em que S. Eminência osculava os pés de um jovem estudante.



COMO CRISTO ABRAÇAVA OS DISCÍPULOS, d. Jaime de Barros Camara estreita os seminaristas no amplexo do ritual. Esta é a parte que inicia a cerimônia do "lava-pés", um dos cultos mais tocantes de Quinta-Feira Santa. Vê-se o jovem curvado, para receber o abraço simbólico.

cissões, as visitas públicas ao Senhor Morto, foram outros tantos espetáculos magníficos de fé católica, a que o povo emprestou o seu sentimento de religiosidade, orando com fé e reverenciando respeitosamente os símbolos sagrados da Igreja Romana.

Registramos nestas páginas alguns aspectos que a objetiva da REVISTA DA SEMANA foi colhendo indistintamente em diversos templos da cidade, onde, do Ofício de Trevas ao romper da Aleluia, os fieis oraram fervorosamente aos pés do Cristo Redentor.



NESTE NUMERO

REPORTAGENS

Portinari — rumo a Paris (Célio Aulicus)	3,9/18
Semana Santa	4/6
Um reporter carioca em visita a Tio Sam (Celestino Silveira)	19/22
Figuras e Fatos	36/37
A REVISTA em Hollywood (Louis Serrano)	42/43

LITERATURA

Sapatos Velhos (Vera Santanna)	24/25
Abrantes (Escragnolle Doria)	26
O Aviso (Matthew Bring)	35
Livros Novos (J. L.)	38/39
A Jaula (John Adams)	40
A Igreja de N. S. de Bom Sucesso (Augusto Mauricio)	41

CURIOSIDADES

No Museu Grévin em Paris	44/45
Flagrantes Internacionais	48/49

SECCOES

A Semana em Revista	8
Nos Bastidores Femininos	27

FEMININAS

Casacos e Costumes	28/29
Elegantes	30/31
Chapéus	32/33
Um modelo de Joan Leslie	34
Avulsos	56

HUMORISMO

De Bom Humor	23
"Charge" de Raul	50

NOVELA

"A Vidente" (Amaral Gurgel)	57/58
-----------------------------------	-------



NOSSA CAPA

Esther Williams, da Metro, habitualmente a "partenaire" de Red Skelton. Moça, bonita e fazendo jus a melhor aproveitamento.



Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use **Regulador Gesteira**

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BEM-ESTAR À PELLE — CONTRA AS RUÍNAS
À VENDA EM TODA A PARTE



OS CONCURSOS DA "REVISTA DA SEMANA"

A comissão incumbida da apuração de nosso Concurso de Peças de Teatro prossegue seus trabalhos na leitura de todos os originais recebidos e cuja relação já foi publicada. Neste momento, esses originais encontram-se em poder do representante do Clube Ginástico Português, escritor Daniel Rocha. Trata-se de uma delicada tarefa, que requer de cada elemento julgador o máximo de atenção e desvelo. Iremos dando aos leitores todas as informações a respeito, até quando o resultado final venha a ser divulgado, o que só poderá dar-se quando os originais tenham sido submetidos à apreciação dos cinco membros da comissão, a saber: Daniel Rocha pelo Clube Ginástico Português; Joracy Camargo pela S. B. A. T.; Bandeira Duarte pelo Associação dos Críticos de Teatro; Floriano Faissal pelo Sindicato dos Artistas, e pela REVISTA DA SEMANA, sendo que de parte do nosso companheiro incumbido dessa missão, já a seleção foi feita. O autor da peça colocada em primeiro lugar receberá o prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), oferecido pelo Clube Ginástico Português, como foi amplamente divulgado.

ORIGINA DE 1ª ORDEM
AVIAM-SE RECITAS ME-
DIAS COM ENTIDÃO

O PINCE-NEZ

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

DE OURO

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELOGIOS, BRANCO
E AMOIS PARA PESSOAS

A SEMANA EM REVISTA

"SANGRE HERMANO"



No meio da confusão geral, foi com satisfação que lemos o telegrama da United sobre o apoio dos Estados Unidos à proposta polonesa para que fosse levado ao Conselho de Segurança da ONU o caso espanhol. Gritarão agora os "mais realistas" que não existe caso espanhol. Para eles de fato, não existe. Voltados como estão as suas atenções para o Médio-Oriente, onde a todo custo querem acender o estopim da guerra, não têm tempo de ver o que se passa ali, naquele pedaço de terra infeliz, plantado entre o Atlântico e o Mediterrâneo. Felizmente para os homens livres de todo o mundo, não são esses arautos da Falange Espanhola que decidem os destinos do mundo. O caso espanhol será discutido pelo Conselho de Segurança. Os onze membros daquela assembléia, lidados as acusações e ponderados todos os itens dos libelos apresentados, assumirão a atitude compatível com a dignidade dos povos e com a defesa das liberdades de todas as nações. O fim visado pelos relatores do caso espanhol é justamente a solução do problema sem derramamento de sangue. Os mais pessimistas dizem que isto é impossível e que uma evolução social nunca se processa sem guerras ou revoluções. Esta afirmativa não

deixa de ser uma verdade. Mas o sangue espanhol já regou generosamente a seara da civilização ibérica. Foi ele a primeira gota a fertilizar o terreno das liberdades populares. Foi este sangue que tingiu os caminhos por onde passaram depois as tropas de Mac Arthur e de Timoshenko. Foi este sangue, generoso e jovem, que selou o pacto de todos os homens livres do mundo contra o fascismo e a opressão. Dirão agora, que o sangue derramado na Espanha não era o sangue dos espanhóis. Era o sangue de toda uma geração libertária, era o sangue francês, era o sangue italiano, era o sangue brasileiro.

Mas era também o sangue espanhol. Era o sangue espanhol de Garcia Lorca, era o sangue brasileiro do tenente Alberto Bossuchet, que Franco mandou fuzilar no dia da queda de Madrid. E' por isto, que não podemos ficar calados quando se fala no caso espanhol. O caso espanhol é um problema de todos os povos, é uma questão de todos os homens livres.

"E' preciso vingar o sangue derramado nas ladeiras de Valadolid, e prestar contas aos mortos de Oviedo. E' preciso sobretudo libertar os mineiros das Astúrias e os camponeses de Estremadura, que choram ao péso da escravidão franquista. Que o mundo reclame o seu sangue, o sangue de nossos heróis, o sangue de nossos irmãos.

HEDY LAMAR FOI ROUBADA



"HOLLYWOOD, 20 — O ladrão penetrou na suntuosa residência do casal John Loder e Hedy Lamarr, a célebre "estrela" cinematográfica, roubando-lhe jóias e peles no valor de 67.000 dólares. Entre os objetos roubados figuram um abrigo de "chinchilla" avaliado em 50.000 dólares e um anel de casamento com um brilhante branco de 9 quilates, lapidado em forma circular que custou 12.000 dólares e que John Loder havia apresentado a sua esposa".

Senhor ladrão:

Só não xingamos aqui, mas xingamos mesmo, porque, afinal de contas, esta é uma secção familiar. Mas se o pegassemos agora, no meio da rua, numa rua pouco frequentada por senhoras e senhoritas, ah! senhor ladrão. E á nossa indignação, estamos certos, junta-se a indignação unânime dos outros 2.999.999.999 habitantes da terra. Então, ladrão sem compostura, ladrão bandido, ladrão deshonesto, isto é coisa que se faça? O senhor não sabe, ladrão ordinário, o crime que cometeu! O senhor não roubou apenas um punhado de jóias no valor irrisório de 67.000 dólares, importanciazinha que, traduzida em cruzeiros, daria a insignificancia de Cr\$

1.340.000,00. Não, senhor! O senhor fez coisa muito pior que isso. O senhor roubou Hedy Lamarr, a mulher mais querida e mais cobijada do mundo.

O senhor é o homem mais odiado do mundo neste momento. E é também o homem mais invejado. O senhor conseguiu uma coisa, pela qual muitos milionários da América e dos Continentes longínquos dariam fortunas superiores a dez vezes 67.000 dólares: o senhor entrou no quarto de Hedy Lamarr.

Mas o ciúme do mundo recairá sobre a sua cabeça, como uma maldição eterna. A fúria dos invejosos será a sua própria ruína. O senhor, homem sem escrúpulos e sem caráter que não se vexou em roubar as jóias de Hedy, será maldito por todos os homens de todos os os recantos da terra. E enquanto perdurar sobre a face da terra a sua raça infeliz, ela será maldita também, por todas as gerações e pelo século dos séculos.

Quanto a nós, homem de má fé e más entranhas, não fazemos mais que lamentá-lo e repreendê-lo. Lamentá-lo pela sua estupidez em, conseguindo entrar no quarto de Hedy, (ai Hedy), não fazer mais que roubar umas jóias de valor secundário. E repreendê-lo, ladrão amigo da onça, justamente por ter o senhor roubado as jóias e deixado no guarda-vestido o "sarong" da atriz.

Roubasse o "sarong", ladrão bandido, ladrão estúpido! E então, poderíamos assegurar-lhe, em vez do ódio de todo um planeta, o senhor teria, agora, a gratidão de 3.000.000.000 de "fans"...

OS SINOS DE PERTO DE SANTA MARIA



Aconteceu em Livramento, no Rio Grande do Sul, cidade que se não fica perto, fica no mesmo Estado que Santa Maria. Não vamos falar aqui dos sinos de Santa Maria, mas dos sinos de Livramento. Esses sinos, como todos os sinos do mundo, tinham uma função única e simples — repicar. Era de ouvi-los, ali pelas quatro da madrugada, quando a cidade ainda dormia envolta na névoa fria das planícies gauchas, repicar com alegria, anunciando o próximo nascer do sol. Todos acordavam ao som dos sinos, preparando-se para mais um dia de trabalho intenso. E todos se alegravam com as notas vibrantes das campanas da igreja de Livramento. Todos não. Existe em Livramento, como em todas as cidades do mundo, o "espírito de porco". O "espírito de porco" é o presidente do "clube do contra", uma instituição universal e velhíssima, que se compraz em fazer tudo o que possa ir de encontro ao transcurso da vida normal dos homens e das sociedades.

O presidente do "clube do contra" — secção de Livramento, chama-se Eurico Maciel. Foi esse cidadão que resolveu dar o contra nos sinos da cidade, exigindo que eles não tocassem mais antes do alvorecer, para que não fôsse per-

turbado o seu sono de inimigo do notambulismo. Os sinos porem teimaram em acordar o dorminhoco Eurico. O vigário não ligou às suas reiteradas reclamações a mínima importância, e as ordens que recebera o sineiro de fazer soar os badalos antes do sol nascer, continuaram de pé. Eurico ficou furioso. Foi a juízo. Apresentou queixa, requereu a intervenção da justiça, gritou, esperneou contra os sinos do perto de Santa Maria. O vigário também ficou "brabo", gritou defendeu-se bravamente perante o tribunal. Vendo porem que o outro ia levar a melhor, ao ser citado para comparecer em juízo, resolveu o caso jogando a culpa no bispo da diocese, que não tinha nada a ver com o fato. Mas era uma boa escapula. Com o bispo, com certeza, o juiz não iria meter-se. Aconteceu que o magistrado não foi assim tão facilmente na onda. Resolveu manter a citação do vigário, com um despacho que começava assim: "Meu Deus. Até os sinos dão trabalho ao juiz de Livramento". E, justificando a citação, alegava mais adiante que, se a mesma fosse transferida para o bispo, esse muito logicamente a transferiria para o cardinal. E o cardinal passaria o caso ao Papa, alegando os mesmos motivos. O juiz deduziu então, em seu consciencioso despacho, que a pendência chegaria assim a envolver São Pedro, sem que se pudesse ter uma solução satisfatória. E, com toda razão, ele deu como improcedente a alegação do vigário, temeroso, por certo de que a ação envolveria as alturas. Se os sinos lhe deram tanta dor de cabeça, que não lhe faria o dono de todos os sinos do universo?

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N. 17 :: 27-4-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

Secção das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turquia de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilla e Antuérpia, em 1929, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50

Vicente de Maranguape, 15 — Endereços telegráficos: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tele. — Direção: 22-2223; Gerência: 22-2220; Redação: 22-4447;

Publicidade: 22-2279; Fotografia: 22-1512; Portaria: 22-2221

Sumário em S. Paulo: Rua D. José de Souza, 224. Tel. 6-3222

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 168

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. E. Kopps & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spence — Caixa Postal 424, Lourenço Marques. No Uruguai: Morante & Cia. — Constituyente, 1742, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Pressa" — Florida, 225 — Tel. 25 Avenida 2122 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATIANO BATO

Reservados todos os direitos de responsabilidade das opiniões

ESTE NÚMERO CONTA DE 60 PAGINAS

O preço do exemplar em Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50
Colaboradores salientados pela revista. São as opiniões dos colaboradores que não representam a revista.

Esta, leitor, é uma história parecida com a história daquele pequeno pintor José Pedro, descrita por Jorge Amado. Esta, leitor, é a história de um menino pobre que jogava futebol nas ruas do Brodowski. Brodowski não é a capital de uma província exótica da Sibéria, nem uma aldeia romântica das margens do Volga. É uma cidadezinha paulista, plantada no meio do oceano verde dos cafezais patricios. Ali nasceu o menino Candido, filho de João Batista Portinari emigrado florentino. Era um garoto como os mais da pequena cidade, jogador de futebol e xingador de nomes.

Um dia, o menino Candido quebrou a

PORTINARI-Rumo a Paris

A NOVA ARTE BRASILEIRA VAI SER MOSTRADA AOS FRANCESES — “A PINTURA É A LINGUAGEM PLÁSTICA DO ARTISTA”, DECLARA O PINTOR A “REVISTA DA SEMANA” — UM MENINO POBRE DE BRODOWSKI QUE REVOLUCIONOU OS MEIOS ARTÍSTICOS DOS ESTADOS UNIDOS — PLANOS E PROJETOS PARA UMA VIAGEM A MOSCOU

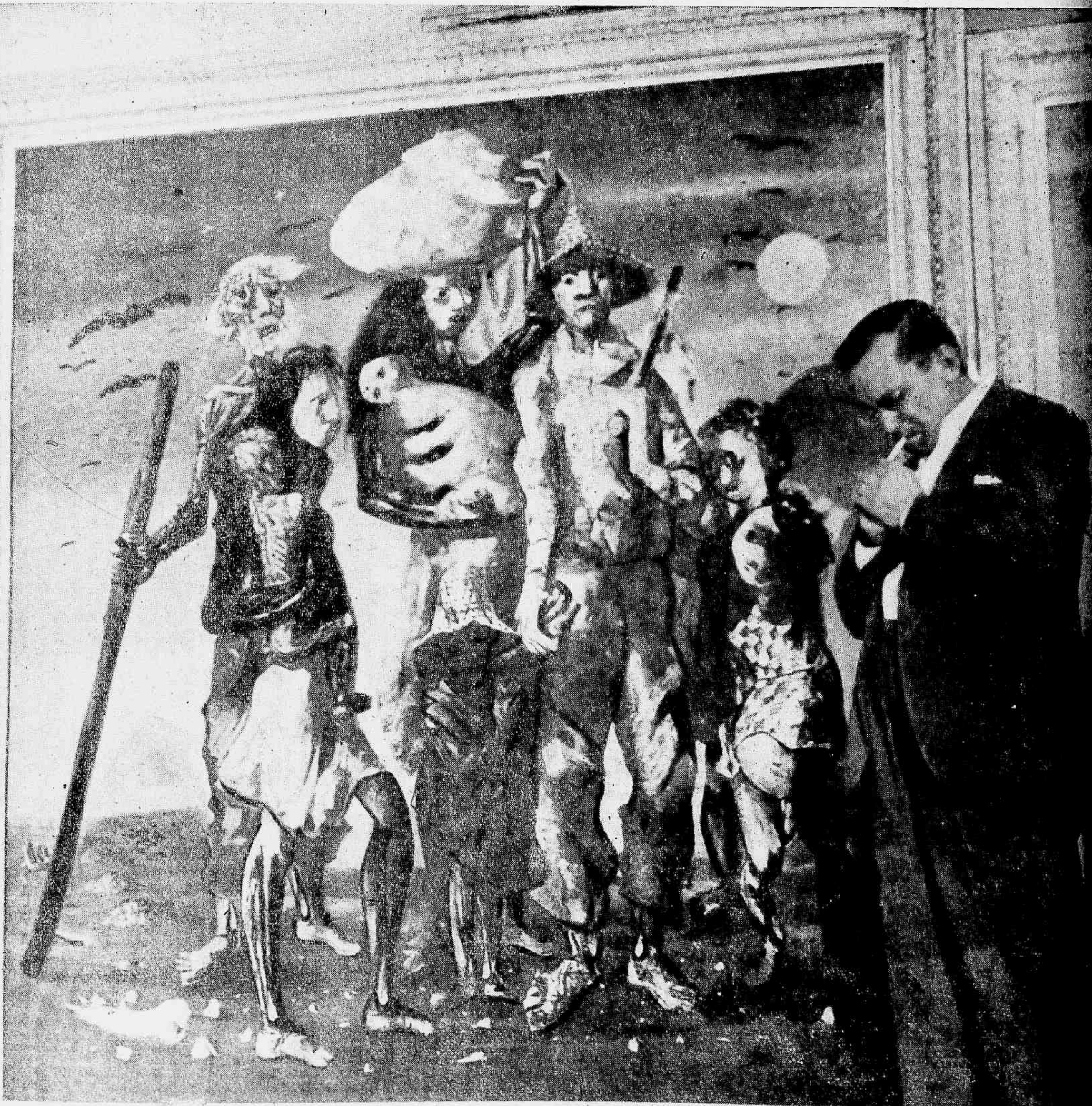
Escreveu CELIUS AULICUS

Fotografou ARNALDO VIEIRA

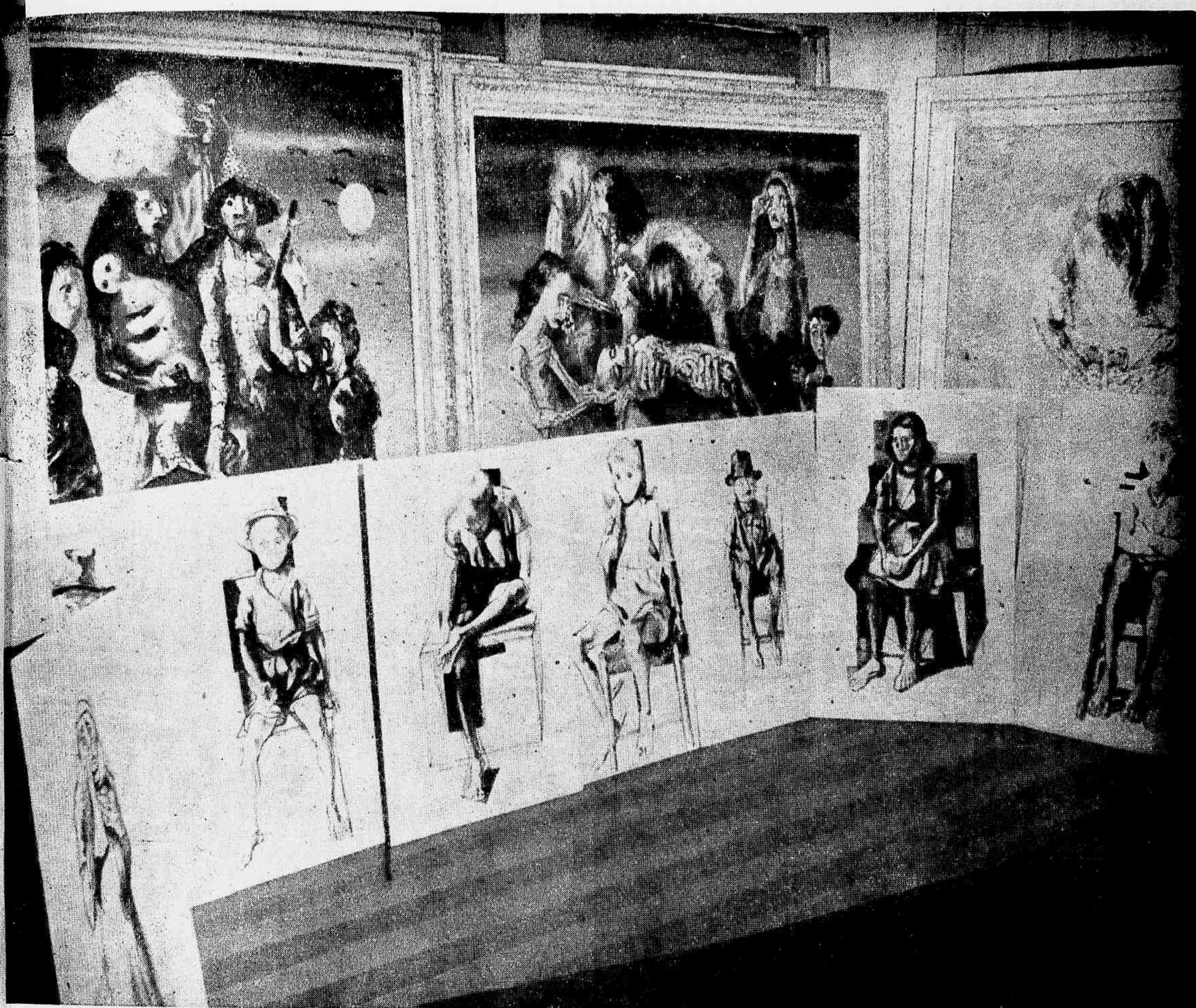
perna num lance arriscado do jogo bretão. Estava encerrada a sua carreira esportiva. Coincidiu com o acidente, a chegada à Brodowski de um pintor de paisagens.

Enquanto o artista trabalhava, os garotos o admiravam de longe, pasmando para os quadros que ele deixava gravado na tela. O menino Candido se entusiasmou com o trocatis. Começou a ajudá-lo, a princípio lavando os pincéis e depois misturando os óleos. Os dados estavam lançados. A pintura fizera nascer no garoto o gosto pelas artes plásticas. Não houve então, em toda Brodowski, muro que não levasse a marca do seu carvão. Brodowski era muito pequena para

O DRAMA DO CEARÁ — Portinari acende um cigarro junto a um dos seus quadros que figurarão na exposição de Paris. É um óleo magnífico, que mostra, na cena da retirada de uma família cearense, todo o intenso pavor do drama nordestino da seca. As deformidades revelam por si mesma, na linguagem impressionista das formas, toda a monstruosidade da natureza maldita, que castiga as populações infelizes das charnecas tórridas, onde os Alísios passam como vândalos impiedosos, levando para longe as nuvens e as esperanças...







AS TRISTES CRIANÇAS DA ROÇA — Em suas peregrinações pelo interior do Brasil, Portinari colheu material para uma série de estudos em torno dos tipos infantis que a roça é tão pródigo em oferecer. Estes quadros reproduzem fisionomias tristes de garotos do sertão e do litoral brasileiro, retratados pelo artista em tina leosa. É uma vasta coleção de miséria e desgraça esta série de quadros de Portinari, onde vemos toda a angústia das populações rurais estampada nas faces magras de seus meninos. O drama da malária, a tragédia da fome, o flagelo da seca e a calamidade da geada, tudo se reflete no olhar triste das tristes crianças da roça.

conter toda a ansia evolutiva do pintor nascente.

Foi por isto que o menino Candido desembarcou um dia no Rio de Janeiro, cheio de esperança e vazio de dinheiro. Conheceu a luta dura pelo almoço de cada dia, familiarizou-se com as pequenas misérias dos quartos estreitos das pensões baratas. Mas em sua imaginação, grandes obras se produziam. E ele ia vivendo entre o prosaísmo da boia difícil de cavar e difícil de engulir e a sublimidade da arte quase inatingível, que lhe acenava de longe a bandeira da glória.

Ele foi caminhando para a glória, devagar, sem pressa. Podia ter usado os recursos tão comumente empregados pelos pseudo-artistas, para atingir as alturas. Sabia, já antes de entrar na luta, que em arte, ao contrário do que acontece em ciência, a linha reta é sempre o caminho mais longo entre o ponto de partida e o ponto de chegada. Apesar disso, Portinari seguiu em linha reta. Um dia, havia de chegar ao pé do loureiro.

MUITOS ANOS DEPOIS

Muito anos depois de haver começado esta história, num dia quente deste abril torrido de 1946, o pintor Candido Portinari con-

DESAMPARO — Este quadro bem merecia este nome. Um garoto pobre, sentado sobre a pavimentação quente da rua foi transformado por Portinari de figura inexpressiva e apagada, numa maravilhosa obra prima. E o menino do quadro fala mais inteligentemente aos corações dos homens, que o pobre menino da rua

versa com o reporter na varanda de sua casa de Aguas Férreas.

A' primeira pergunta que lhe fizemos, responde o pintor:

— Partirei dentro de poucos dias para a Europa, a fim de realizar em Paris uma exposição, a convite do sr. Germain Bazin. Este convite me foi feito ha uns três meses, quando o conservador do Louvre aqui esteve à frente da Exposição de Arte Francesa.

Aproveitamos a alusão para uma nova pergunta:

— Por falar em exposição de arte francesa, qual foi a impressão que ela lhe deixou?

— Deixou-me uma impressão magnífica. Ali, além dos grandes artistas que todos nós já conhecíamos, pudemos ver os representantes de uma nova geração, que luta para nos transmitir a mensagem dos dias inquietantes que a França vem de atravessar. Cada qual o faz, é claro, de acordo com o seu temperamento e o seu modo de rodurir. Alguns destes novos talvez ainda venham a modificar sua linguagem plástica, outros afirmarão as suas expressões; senti, porém, diante do trabalho destes artistas, toda a vida da França que está cada vez mais forte e afastada do perigoso de cristalização. Mesmo nos quadros produzidos pelos paladinos da "arte pela arte", apareceram as marcas da tragédia por eles vivida. Aliás, isto se nota em qualquer lugar: é muito difícil dizer onde começa e onde termina a arte ligada ao povo. Isto acontece aliás mesmo em relação à obra dos artis-

tas que concientemente se fastam dos compromissos que devem assumir para com o povo. Aliás, torna-se impossível para um homem deixar de expressar as suas angústias e os próprios sofrimentos em sua arte, embora insista concientemente em não fazê-lo.

Assim, enquanto o conciente luta por fazer "arte pela arte", o inconciente vai dirigindo o pincel em busca de criações novas, ditadas pelos recalques oriundos das misérias e dos sofrimentos que os artistas divisaram alhures. Foi assim que os artistas franceses, mesmos os que não pretendiam nada além de um efeito estetico, deixaram todos transparecer a inquietude e heroismo da hora presente.

— Quer dizer que não considera a arte francesa como uma arte decadente?

— Claro que não. A arte francesa ganhou novo vigor e vitalidade maior, nos dias sombrios que pesaram sobre a Europa. Ela sai das trincheiras e das colunas das forças "maquisard" mais poderoso e mais jovem.

— Você se referiu aos artistas franceses que pretendem continuar presos às velhas normas. Acha que ainda há lugar para "academismo" no mundo de hoje?

— A esta pergunta prefiro responder laconicamente: não!

A ARTE, A FOME E O POVO

Passamos a conversar sobre a atual situação da França. E, em dado momento, per-



AULICISMO — Um pintor, por mais viva que seja a centelha luminosa de seu gênio, nunca pode prescindir da proteção de um poderoso. E' por isto que tantos retratos encontramos dos velhos soberanos e dos condes ancestrais, espalhados por todas as lojas de belchiores da rua Regente Feijó. E, vencendo a ferocidade das traças, ficamos esta verdade imorredoura. Mais glória se consegue pintando Newton. Portinari não pôde fugir à regra geral. E, para se valer dos favores de um Messenas poderoso, como é Itaráre o Brando, Imperador de todas as Ursas, não se pejou em estampar no óleo a figura serena do Barão, que exibe num canto do seu atelier o olhar magnífico de Salomão, emoldurado pela barba heráldica de Pedro II.



EM AÇÃO — Portinari é irrequieto e agitado. Não para nunca. A sua imaginação trabalha simultaneamente com os seus braços. Ei-lo aqui concebendo e traçando um de seus quadros, fadado como todos os outros a provocar as mais fortes discussões.

guntando a Portinari se ele achava que haveria ambiente propício na Paris de hoje para uma exposição de arte, respondeu-nos o pintor:

— Acho que não poderia haver ambiente mais propício a uma mostra de arte, que o meio parisiense. A arte é sempre o reflexo de uma época. Os franceses vem de sair de um período excepcional e terrível de sua história. As transformações por que vem passando a Patria de Voltaire se patenteam justamente nas obras de seus artistas. Penso pois que a minha exposição encontrará um ambiente favorável de intensa curiosidade. Se não julgasse que os meus trabalhos pudessem despertar o interesse dos parisienses, não levaria a efeito a mostra.

— E será de fato valiosa a contribuição da arte na luta contra a fome?

— Toda arte ligada ao povo é uma poderosa arma de combate e um fator decisivo nas grandes reformas sociais. Assim, não poderia escolher melhor momento para organizar a minha exposição em Paris. Ha fome na Europa, é verdade. Mas o verdadeiro artista nunca foge do que a vida lhe oferece, de bom ou de mau. Além disto, toda arte feita conscientemente, deve ser uma arma de combate poderosa, pelo bem estar do povo.

"ARTE PELA ARTE" E OUTRAS COSITAS MAS

Não pudemos deixar de perguntar a Portinari:

— E a "arte pela arte"?

O pintor depois de um momento de silêncio responde com segurança:

— Não deixa de ser uma arte.

— Mas ainda haverá lugar para ela no mundo de hoje?

— De certa maneira sim, embora ela continue a ser sempre, enquanto perdurá, uma espécie de "torre de marfim" onde se trançam os artistas, distanciando-se cada vez mais, do povo. Assim, ela não será nunca uma arte serviço do povo.

Portinari torna a refletir e retoma a palavra.

— E' preciso saber distinguir entre as linguagens de arte, aquelas que são feitas para as elites e aquelas que são feitas para a grande maioria, mas que, infelizmente, a grande maioria ainda não pode entendê-las. A inteligência não pode ser privilégio, é claro. Mas a cultura o tem sido até aqui. Até hoje, só os filhos de gente rica têm tido o direito de se educar e de adquirir ilustração. Desta maneira, fazemos agora arte para minoria, é lógico. Mas desta minoria, são poucos ainda os que entendem ou querem entender as expressões da linguagens de arte mais avançadas.

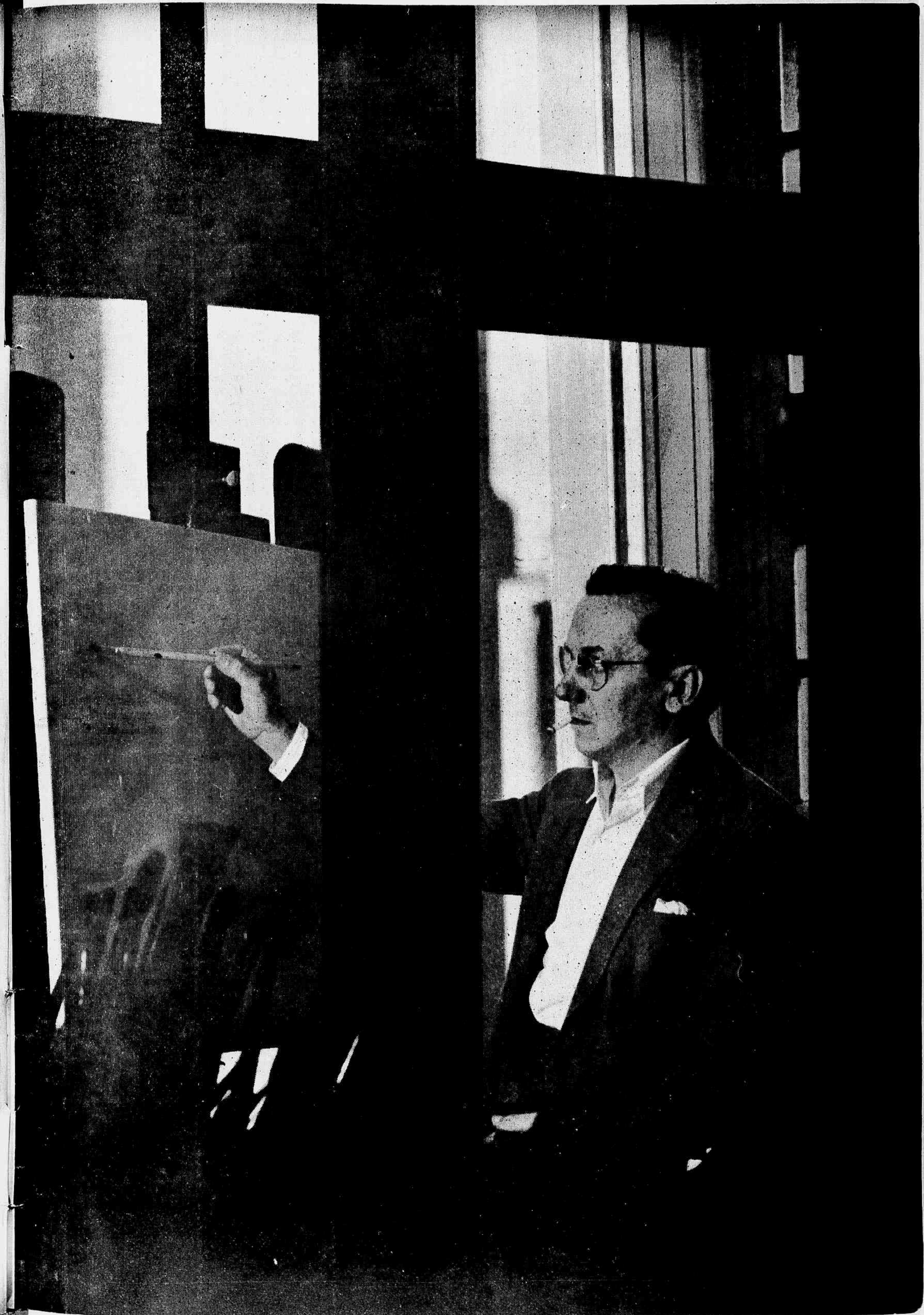
— E o que seria necessário fazer para tornar acessível ao povo esta linguagem artística?

— Nada além de dar ao povo meios de se instruir. A criação de museus, de exposições, tudo enfim que pudesse fazer mais popular o gosto pelas artes.

Nesta altura perguntamos ao pintor se não achava que a "arte pela arte" havia dificultado de certo modo a popularidade da pintura.

— Não creio que a "arte pela arte" caminhe diretamente no sentido da reação. Penso mesmo que ela não seja, como querem outros, uma camuflagem de "arte reacionária". Mas, de uma maneira ou de outra, toda arte que não contribua para o bem estar do povo, é uma arte de má qualidade.

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS — Este detalhe do quadro de Portinari "Jeremias", nos mostra como pode o artista dar expressão a todo um quadro, apenas com a pintura de simples lágrimas.



UM CAFEZINHO LEMBRA BRODOWSKI.

Neste momento, entra na sala uma visita. Estava terminada a entrevista. Portinari levanta-se. Despedimo-nos ainda impressionados com aquele camarada baixo e ligeiro, de fisionomia serena, quase infantil. Já tem um filho taludinho, mas ainda parece o mesmo garoto de Brodowski. Não desmereceu a raça. Hoje, o morador do casarão de Aguas Ferreas, continua a ser o filho do emigrante Florentino João Batista Portinari. Apreendeu a pintar com o troco — tintas que foi buscar motivos nas paisagens da cidadezinha paulista. Veio para o Rio, lutou, estudou, venceu. Venceu a quem? Venceu a todos os que lhe opunham. Na sua pintura ele está vitorioso. Aos que nunca acreditaram em fantasma, ele mostrou os fantasmas todos de sua infância de garoto da roça, cujos sonhos se povoavam de espantalhos e bruxas. Aos que não queriam ver a miséria das populações pobres do Brasil, ele levou-as aos seus salões e as suas pinacotecas, sob as formas mais variadas, mas todas magnificamente reais, dentro de um impressionismo barbaresco, que faz de um elemento anatomico um canto de dor e faz de um galho seco um grito de revolta.

Mas não foi do dia para a noite que Portinari se fez admirado. Grande ele já era, quando fazia retratos inconsequentes que ia expondo pelos salões coletivos, entre paisagens bonitinhas e interiores de igrejas. Podia ter ficado nisto, podia se fazer famoso com as suas catitas expressivas de maiores graúdos. Teria fortuna, teria glória. Mas não. Dentro dele vivia o garoto de Brodowski, o sangue florentino do emigrado gritava dentro de suas veias por um mundo melhor.

Portinari evoluiu. Caminhou para o lado do coração, que é o lado esquerdo. Viu a miséria das populações pobres, olhou a tristeza dos morros. Se o mundo o queria artista, ele seria artista como queria ser.

Mas, um pintor não se faz por si mesmo, embora isto seja comum em outros ramos da atividade humana. Um artista precisa ser descoberto, para depois, convenientemente discutido, ser aceito ou registrado. Foi o que aconteceu a Portinari. O seu Cristovam Colombo não podia ser melhor. Foi ele nada menos que Mario de Andrade, o grande e saudoso Mario de Andrade.

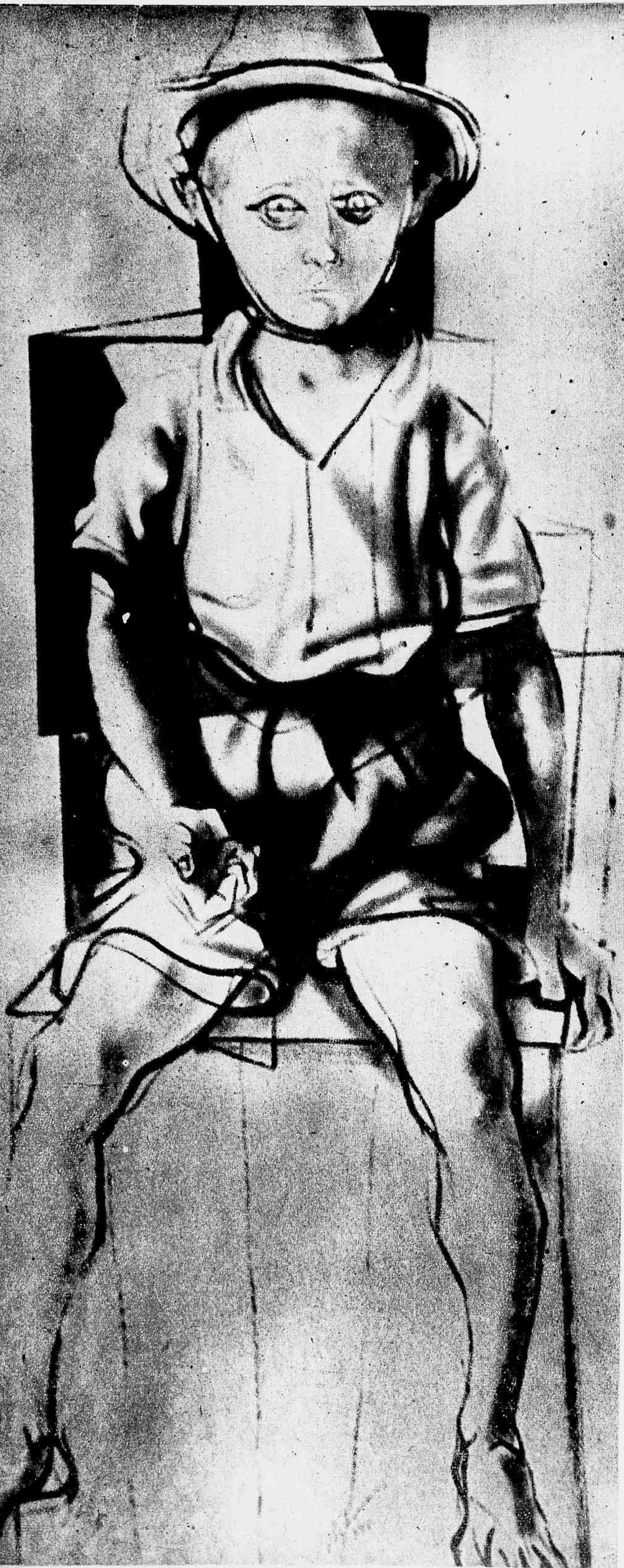
Portanto, melhor do que nós, sabe contar a história de Portinari o grande ensaísta de São Paulo. Vejamos como ele o fez, perdoadada a transcrição:

"O PINTOR PORTINARI"

Cada qual tem suas vaidades... E eu que me sinto tão íntimo e familiar como os argentinos, vou-lhes confessar uma das minhas.

O Salão Nacional de Belas-Artes em 1931 foi famoso e deu lugar a uma grande polémica. O novo diretor da Escola Nacional de Belas-Artes, nomeado em consequência da modificação do regime político, era o arquiteto Lúcio Costa, uma das mais profundas e subtis inteligências artísticas que possuímos. De espírito liberal, ele próprio dado a buscas artísticas de ordem renovadora, decidiu abrir aos pintores e escultores "modernos" as portas acadêmicas do Salão Nacional. E, pela primeira vez, cubistas, puristas, abstracionistas, superrealistas, expressionistas e os fauves solicitários, invadiram o bosque sagrado que até então fora tradicionalmente propriedade exclusiva do academismo e dos pintores "de escola". Entre os modernos, tanto escritores como artistas plásticos, estabeleceu-se uma forte discussão a respeito de um retrato do poeta Manuel Bandeira, pintado por um artista alemão que vivia aqui. Era, com efeito, uma obra impressionante,

UM MENINO — Este é um dos magníficos trabalhos de Portinari sobre os menores do interior do Brasil. Não são necessárias mais palavras descritivas da miséria do nosso hinterland, diante deste quadro eloquentíssimo em suas expressões de tristeza.



que procurava seguir os princípios baixamente sensuais do *Neue Sachlichkeit*, que já devastava com sua reclame a pintura nazista de então. O vigor acentuado dos volumes, o realismo quasi absurdo obtido na transcrição da fisionomia, o anúncio luminoso da composição, tôda uma vasta paisagem montanhosa de Santa Tereza com seus verdes ensolados, eram todos elementos que atraíam fortemente o observador incauto e encantavam à primeira vista. Porém, depois de uma contemplação mais atenta, o quadro começava a fatigar pelo abuso de truques desnecessários, pelo realismo quasi repulsivo, a teatralidade banal e anedótica da composição. E até havia alguns puerís erros de técnica, principalmente nos verdes das montanhas de segundo plano, que embora isoladamente admiráveis de luminosidade, o artista não conseguiu ajustar ao conjunto e arrojá-lo para trás da figura sôbre a qual pareciam desmoronar-se.

Eu viajei os quinhentos quilômetros de São Paulo ao Rio só para ver o Salão e, como de costume naqueles tempos meu primeiro almoço na manhã da minha chegada foi com Manuel Bandeira. Minha "fome" curiosa de homem do interior levou-nos como sempre para os lados do Mercado, para comer uma dessas rutilantes "peixadas à Leão Veloso", que revelam tôda a poesia culinária do mar. Ao passar pela Escola de Belas-Artes, apesar de ser um pouco tarde e têrmos muito apetite, Manuel Bandeira exigiu que entrássemos por alguns minutos, para passar uma vista pelos óleos da parte moderna do Salão e ver o discutido retrato. Foi o que fizemos quasi sem parar, apenas num rápido passeio, porém confesso que o retrato, visto assim sem maior contemplação, me impressionou fortemente.

Bom, almoçamos e o poeta se despediu de mim, partindo para suas tarefas cotidianas. Voltaríamos a ver-nos mais tarde, à hora em que os intelectuais e pintores modernos se reuniam no Salão. Como me achasse sem ter que fazer, só tinha um breve negócio ao cair da tarde, resolví voltar à exposição para assim, sózinho, examiná-la mais profundamente. O recinto estava quasi vazio, na calma pesada das duas da tarde pude observar tudo com sossêgo. Numa das salas menores havia outro retrato de Manuel Bandeira, sem muito parecido talvez e nenhum brilho; todo em tons baixos, de grande segurança na obtenção dos valores, obra muito boa. Folheeí o catálogo. Era de um tal Cândido Portinari, artista de que nunca tinha ouvido falar, naturalmente um "novo". Ao lado havia outro retrato, **Violinista**, do mesmo autor; era já uma obra admirável pela composição e a firmeza extraordinária do desenho, e me deixei arrastar pelo entusiasmo.

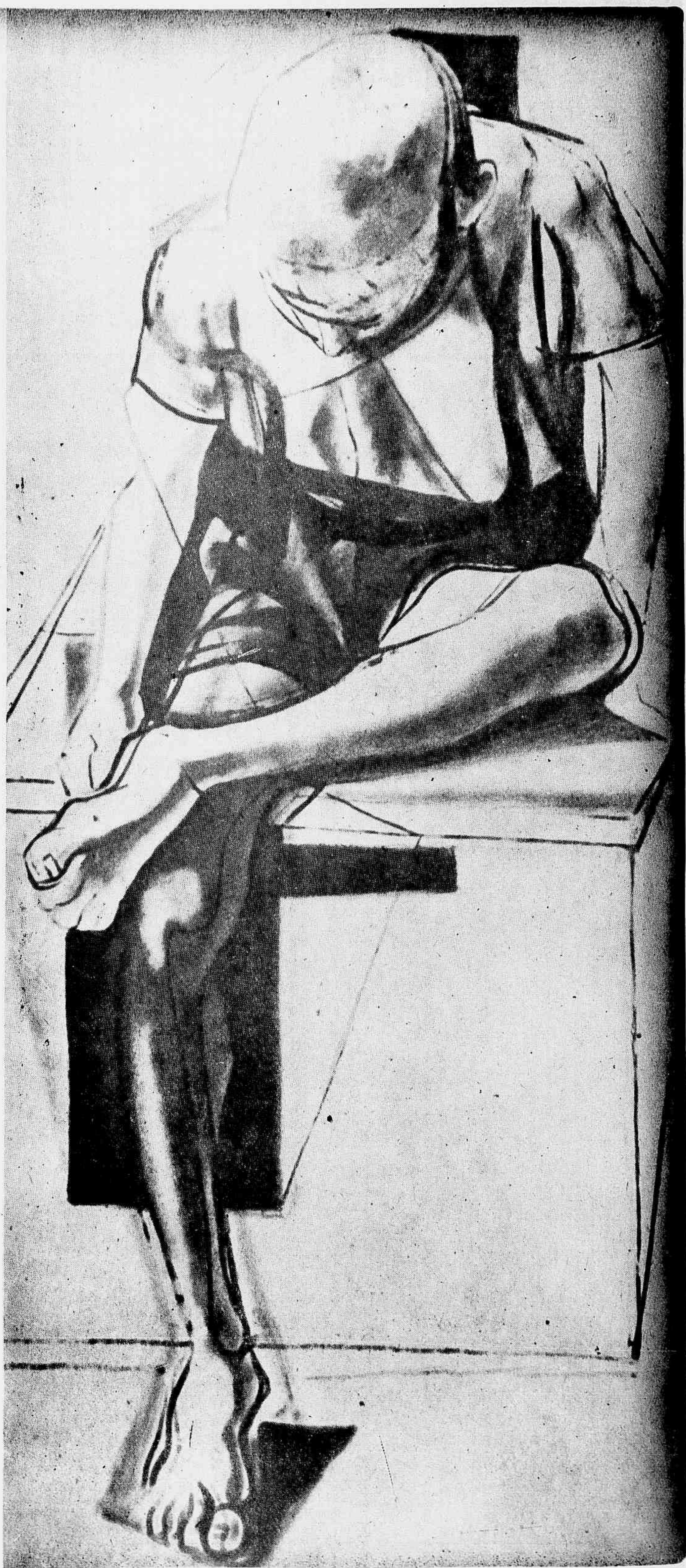
Depois, partí para o que tinha a fazer, e quando voltei por terceira vez ao Salão este fervia de pintores, poetas, críticos e amigos. A conversação se fêz viva. Manuel Bandeira falou do meu entusiasmo pelo quadro do alemão. Eu disse:

— Foi sim, de meu gôsto, mas por êrro; já não gosto mais. De quem gosto de verdade é dêsse pintor Cândido Portinari que fêz aquêle admirável **Violinista**. Quem é?

Vi então avançar para mim um rapaz baixo, claro, com olhos pequeninos de grande mobilidade, capazes de crescer luminosos de confiança e lealdade como de diminuir, com um ar de ironia ou desconfiança. Era Cândido Portinari, e desde então ficamos amigos.

Minha vaidade é a de ter sido dos primeiros a descobrir o valor dêsse grande artista. Sua obra, ainda que muito cuidado, procurada na técnica e pouco afirmativa, obtinha então um respeito passivo e silencioso,

OUTRO MENINO — O garoto, retratado assim, mostra toda a sua tristeza de menino a quem não foram dados cavalinhos e chocolate. Os pés descalços, acostumados à dureza de todas as estradas, são um pedido eloquente de sapatos, na linguagem plástica do pintor.

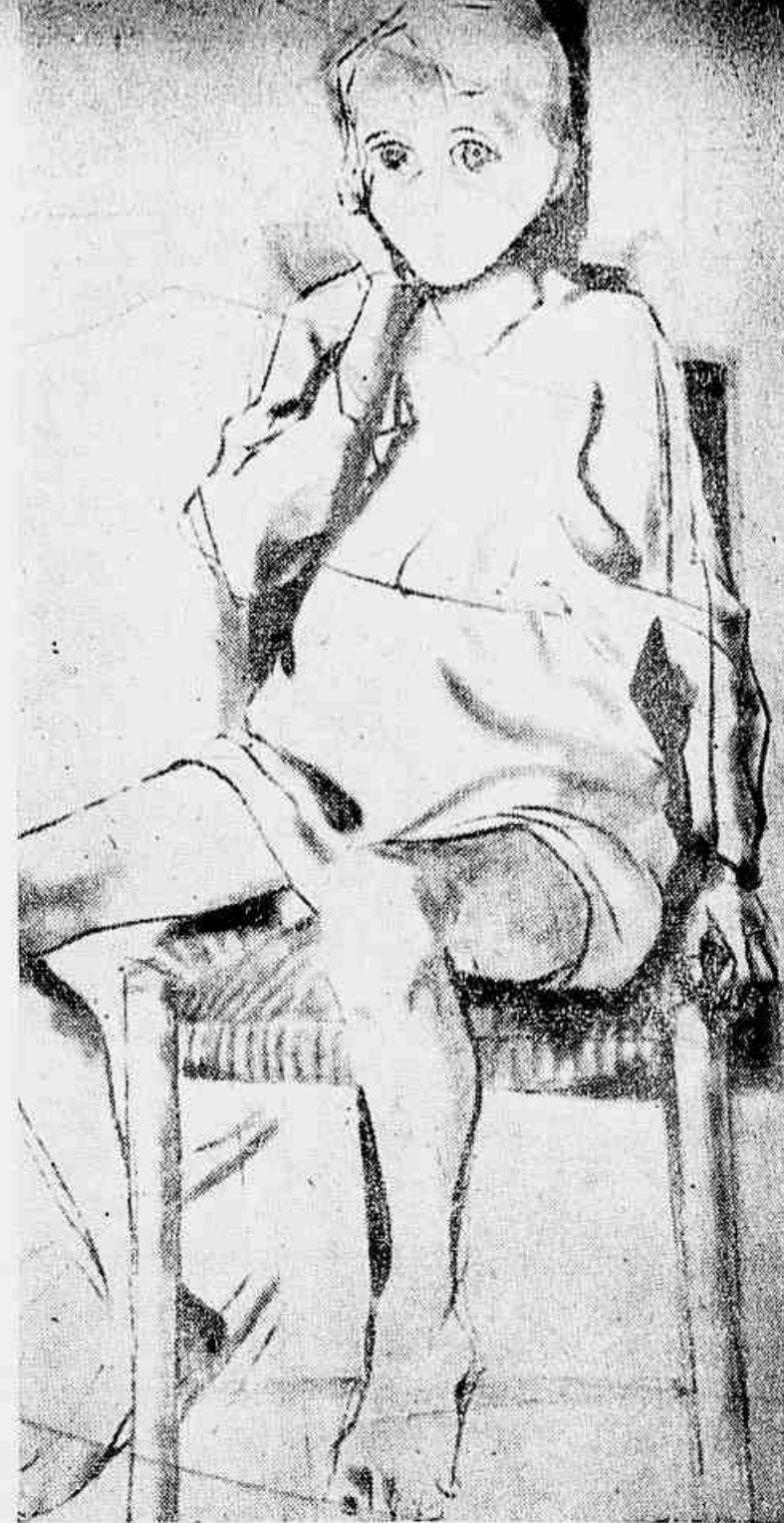


mais que uma verdadeira admiração. Por certo não passou por minha imaginação todo o variado e extraordinário caminho que Portinari iria percorrer em seguida, porém o **Violinista** já era uma obra por si mesma excepcional em nosso meio. Havia nela uma "necessidade" interior impossível de confundir-se com o prazer da novidade e as preocupa-

ções de originalidade. E depusitei no pintor uma confiança sem reservas.

Com efeito, em doze anos de amizade ininterrupta, pude apreciar em Portinari o pintor mais pintor, mais exclusivamente dedicado à pintura que conheci em minha vida. Artista infatigável, "malade imaginaire" dotado de uma capacidade física de trabalho

O TINTUREIRO — Pedalando perigosamente a bicicleta comprada em segunda mão, lá se vai o tintureiro, assobiando para os pedestres incautos, desviando-se em manobras rápidas dos veículos ameaçadores. Assim o viu Portinari, com a calça do freguês agitada pelo vento, ganhando tamanho e expressão dentro de sua imaginação arrojada de artista revolucionário. Em verdade a calça negra que o ciclista leva tem mais valor que a sua figura aapagada de proletário infeliz. E a figura do rapaz quase desaparece, eclipsada pelo tamanho da calça que se agita.

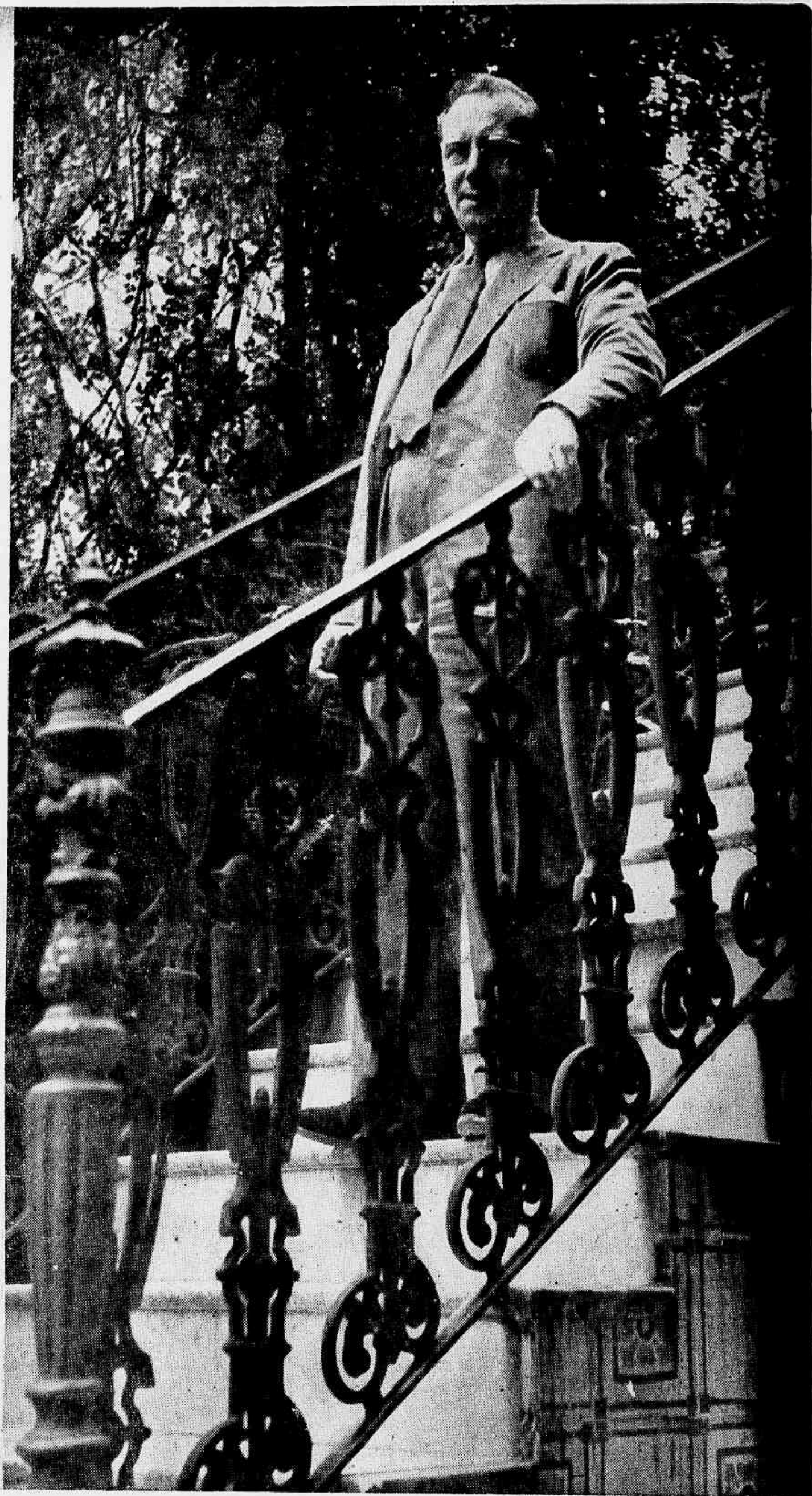


DESALENTO — Nas faces escaveiradas e vazias, apenas dois olhos grandes guardam toda a vida do garoto pobre que Portinari retratou para a sua coleção. Mas estes olhos, por si só, já constituiriam a consagração deste maravilhoso trabalho de desenho expressionista.

formidável, Portinari é pintura e só pintura de manhã à noite. Violento, apaixonado, de grande generosidade, dedica-se exclusivamente aos problemas e coisas da pintura. Se ouve uma sinfonia de Mozart, logo a traduz em palavras de pintor e a classifica por meio de comparações como os pintores históricos. Lê muito. A literatura é um dos seus "hobbies", como colecionador cerâmica popular, ou imagens religiosas antigas. Na verdade ele desfruta com uma hora de literatura, ou saltando como uma criança de três anos, para logo voltar à sua vida plástica, que tanto pode ser a procura de uma cor ou o enigma de uma composição, a transposição de um assunto ou um processo de ensino ou uma intriga entre pintores. E qualquer acontecimento relacionado com a pintura, qualquer procura o devora e ele se entrega a isto com paixão devota. Violento, porém deliciosamente bom, incapaz de fazer mal a ninguém. Inquieto, porém persistente, sua pintura muda frequentemente de aspecto exterior, mas mantendo sempre a marca de uma personalidade inconfundível.

E' que, descendendo de um meio rural, Cândido Portinari conserva uma alma e uma força populares. Vivendo desde adolescente no Rio de Janeiro e frequentando agora gente de todas as classes, conserva todavia a pronúncia caipira paulista que escutou em sua infância e seu gosto imaginativo de expressão. Amigo fidelíssimo de seus amigos, abertamente separado de seus inimigos, incapaz de hipocrisia, desconfiado por vezes, mas logo confiado em demasia, Portinari é, principalmente, violência, força, paixão, sensualidade plástica. Tanto ama uma forma pictórica como um assunto.

Dotado de uma técnica assombrosa, suas



CONDIDO PORTINARI, 1946 — O menino Candido, filho do imigrante italiano João Batista, de Brodowski, vai à Europa, outra vez. Vai expôr os seus quadros em Paris, mostrar ao Velho Mundo a força e o vigor da nova arte da América. Portinari não compreende a arte, a não ser como a linguagem plástica do artista, que, através das cores e dos volumes transmite aos homens as suas idéias, como um literato o faz por meio de romances ou de ensaios. Muito evoluiu o pintor desde a sua saída de Brodowski. Mas até hoje, ele se prende aos dias de sua infância e a sua arte povoa-se dos fantasmas que perturbavam então o seu inconsciente. Aí está o Portinari 1946, num "close-up" e descendo uma escada.

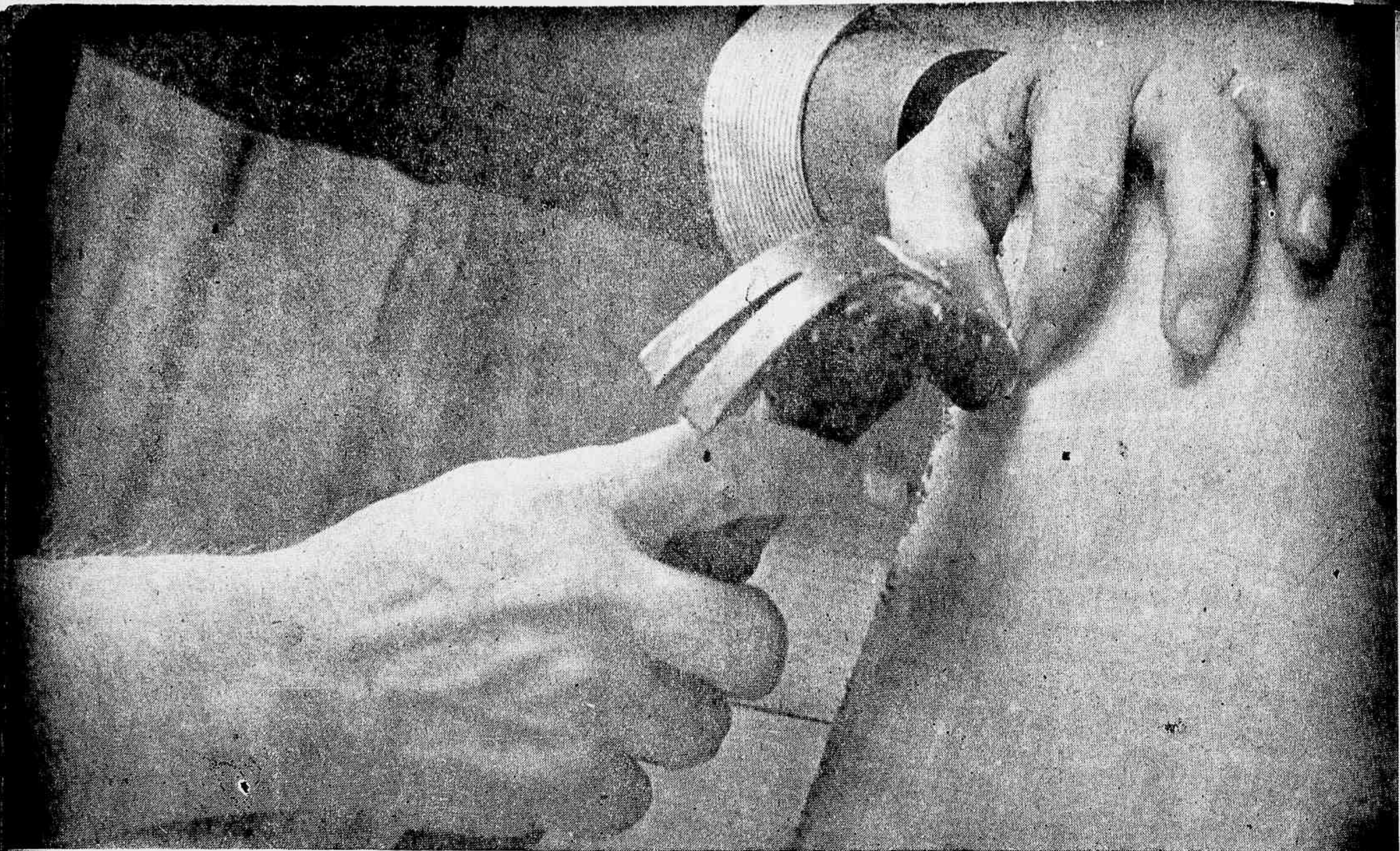
obras atuais, dentro do refinamento mais minucioso, conservam sempre um vigor, uma aspereza de expressão e uma espontaneidade que agrada. Não há dúvida que sua obra, já numerosíssima e irregular tem em todos os seus quadros a mesma alta qualidade criadora. Porém é irregular como um Picasso e um Strawinski são irregulares. E suas irregularidades não derivam de uma tal ou qual falta de técnica. Portinari conhece todas as técnicas, desde as mais acadêmicas, porque sua curiosidade, sua honestidade e a sua capacidade mesma de artista o levam a experimentar todas as técnicas. Ele pode pintar com a graça e a sensibilidade mais delicada, o retrato de uma embaixatriz que foi sua amiga carinhosa nos momentos difíceis em que Portinari despertou muitas vezes com Maria, sua mulher, sem saber como comprar o café da manhã. Ele é capaz de descobrir dentro

de um amigo verdadeiro ou de um irmão, e plasmar num de seus quadros, uma grandeza e uma perfeição de alma quase religiosa. Uma vez, pintando o retrato de um amigo, Portinari deteve um momento o trabalho para murmurar afetivo: "Tu pareces um santo espanhol em madeira"... Porém poucos momentos depois iria esculpir ou pintar uma parede no Ministério da Educação no Rio, ou na Biblioteca do Congresso de Washington; com um movimento ardente de ritmos, uma violência de formas e de cores audaciosíssimas, mas sempre com uma paciência de alma popular sem deixar nem um centímetro do enorme painel sem uma acariciante voluptuosidade de vibração plástica.

O que, realmente, mais singulariza Cândido Portinari é essa permanência popular, por assim dizer conservadora, de personalidade artística, dentro de uma volubilidade

estética que o deixa sem limitações. Em seus negros e suas cenas de trabalho industrial, em suas evocações do passado ou do presente americano, assim como em seus retratos, vai da uma exata verdade visual (ainda que nunca naturalista ou acadêmica) até as mais violentas deformações. Porém sempre dentro de uma firmeza técnica, de uma riqueza pictórica excepcional. E se seus assuntos nos comovem e nos impregnam de humanidade, não será já mais por questões de partido ou de classe. Sheldon Cheney diz muito bem em sua última edição de "A World History of Art":

— Portinari é social sem ser político. Os assuntos, os quadros de Portinari nos dominam pela beleza plástica mesma com que ele os realiza. Beleza perdularia, ardente, sã, quase cruel em seu esplendor radiante, bem própria da alma popular e jovem da nossa



11) DE PARTIDA - Cândido Portinari, quando estiver na rua esta edição da REVISTA DA SEMANA, já estará a meio caminho do porto de Lisboa, que é a sua primeira escala européia, na viagem para Paris. Quando o visitamos, ele ultimava os preparativos para a partida. Nesta página reproduzimos dois aspectos do trabalho de enaixotamento dos cento e cinquenta quadros que ele leva para mostrar aos franceses. O pintor mesmo acondicionou suas telas nos grandes caixões de pinho, fechando-as a seguir, por suas próprias mãos. Em cima, aparecem as mãos de Portinari, acostumadas ao manejo dos pincéis, batendo os pregos numa tampa de caixote. Em baixo: o fechamento do último volume.

America. Unica alma que poderá dar a expressão original de nossa America".

Assim falou sobre o pintor, em sua linguagem original e expressiva, o grande autor de "Macunaima". Assim falou Mario de Andrade sobre a sua feliz "descoberta".

Mas não foi só Mario de Andrade que descobriu Portinari. Vieram depois outros Colombos. A ponta do ovo estava quebrada, era só coloca-lo sobre a mesa. Vieram os seguidores. Alguns liam Mario de Andrade por snobismo e comprovam os quadros de Portinari por snobismo. Não compreendiam a linguagem literaria do primeiro, não compreendiam a linguagem plastica do segundo. Os sinceros, que paravam diante da pintura impressionista do menino de Brodowski como o burro diante do palacio, diziam franzindo o rosto: "Cruz! Que coisa feia!" E passavam adiante para apreciar as naturezas mortas de Oswaldo Teixeira. Outros, preferiam ficar diante do modernista arrojado, pasmando para a obra, mas sentido no fundo que aquela não era a sua verdadeira pintura. E nas bibliotecas vistosas se enfileiravam os livros de Mario de Andrade e nas paredes dos palacetes se penduravam os quadros de Cândido Portinari.

Os dois entretanto se compreendiam mutuamente. Eram amigos. E Portinari sabia ser amigo de seus amigos. O restante, formava no vasto campo inimigo. Compravam os quadros, guardavam os livros na estantes, mas formavam, inconscientemente, a "quinta-coluna" infinda do "academismo", combatendo, sem saber que o faziam, aquilo que pensavam estar apoiando.

OS RAMOS DE LOUREIRO

Mas o menino de Brodowski, alourado e pequeno, estava fadado á gloria. Um dia, apareceu nas paredes do Ministerio da Educação. No dia seguinte aparecia nas paredes da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Não se deixou influenciar porém pelas barbas brancas das instituições que se hospedavam naquelas casas. Os seus negros de pés grandes, pés calejados nos eitos de todas as fazendas, os seus negros de mãos enormes, mãos enrijecidas no balanço de todas as bateias, lá estavam, mostrando a America e mostrando ao mundo, a alma heroica da gente brasileira, o braço forte do trabalhador escravo que construiu sobre os terreiros de café e sobre os leito diamantiferos dos correjos bravios o alicerce de uma nacionalidade.

Agora, o menino de Brodowski está a caminho da Europa. A estas horas já deve estar lá pelo meio do Atlântico, descansando em sua cabine.

Aliás, ele só descansa quando se encontra a bordo. Em terra, é o eterno inquieto que trabalha noite e dia, com as mãos ou com o cerebro, concebendo ou criando.

Em Paris, irá mostrar aos franceses a arte brasileira, a arte da America, em sua expressão mais pura e mais sincera, por isto que as proprias deformações de suas pinturas não são mais que o retrato fiel de nossas proprias deformações. E, se a alguém causa rancor a feiura hedionda de suas figuras, não podemos culpa-lo. A vida para ele é assim, ela vê as coisas a seu modo. Porque, é preciso que se repetia, a vida tem duas faces — uma cor de rosa, voltada para os donos da vida e outra da cor e da forma dos quadros de Portinari, voltada para nós outros, pobres e simples mortais.





NA CALIFORNIA — Aqui está uma fotografia capaz de permitir ao leitor uma impressão externa e generalizada de um grande estúdio cinematográfico norte-americano. O flagrante feito de avião, mostra-nos tdas as dependências da Warner Bros, em Burbank, arredores de Hollywood e situadas dentro da cidade de Los Angeles. A estrada contornando essas instalações, vão ter à direita, no famoso Vale de São Fernando, existindo ali próximo o aeroporto de Los Angeles, ponto de embarque e desembarque para todos os itinerários.

UM REPORTER CARIOCA EM VISITA A TIO SAM

Ainda no Rio, recomendavam-nos que não visitássemos à noite certos bairros de Nova York, por demais perigosos. Recomendação inútil, pois a sedução do perigo está no próprio espírito aventureiro do reporter. E daí a nossa peregrinação pelo Harlem, o reduto dos negros, sem acompanhantes nem cicerones, talvez para não despertar suspeitas. Mas que vem a ser o Harlem, afinal? Nada menos que um inofensivo lugar, visitado pelos brancos turis-

Peregrinação pelos Harlem, Bowery e China-Town — O problema nupcial em análise — Divórcio com cinquenta e duas leis! — Como vivem os brasileiros na América

Por CELESTINO SILVEIRA

(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA, aos EE.UU.)

POXA SACO DO AMERICANO.

A' esquerda, panorama do Cristal Lake, no rigor do inverno, proporcionando aos visitantes uma visão autêntica das regiões do Canadá. E no entanto, o Cristal Lake é situado em plena Califórnia, nas montanhas dos arredores de Hollywood, a duas horas de automóvel do setor cinematográfico. — A' direita: "China Town" de Los Angeles, em "downtown" (cidade baixa), mas um bairro artificial, feito ao sabor dos visitantes e turistas. Há outro bairro chinês, velho e desinteressante, a pequena distancia, mas o artificial, semelhante a um cenário de filme, é o que todos visitam.

tas, em caravanas, com olhos ávidos de curiosidade, penetrando os recantos de cada bar, onde realmente aparecem alguns tipos que só conhecíamos do cinema. Ha ali mulatas rosadas, de feições finas e roupas multicores, mulatas que põem as mãos nas ancas e requebram despejando olhares incendiários para os creoulos pacholas, de charutão de cinco centavos pendurado no beigo côr de rosa; mulatas de dentes bem cuidados, com as mãos nos





CHICAGO, "THE MAGIC CITY OF THE MIDDLE WEST" — Tem, realmente, um panorama fantástico e deslumbrante, a grande cidade situada em pleno coração do Vale do Mississipi. Há cento e dez anos passados, era um pantano, onde pousavam as diligências postais. Hoje, Chicago é o que nos mostra a gravura superior, o monumental centro de indústrias para o mundo inteiro, uma das primeiras metrópoles do mundo em população e desenvolvimento. Garantem os norte-americanos que em 1966, Chicago será "the world's largest city". E dizer-se que no ano de 1833, era Chicago um logarejo apenas com 550 almas!

quadril, cantando o último "boogie woogie", trepidas em palcos improvisados, ao som de um quinteto malabarístico, onde o pianista faz mais caretas que o Joe E. Brown.

Bebe-se cerveja gelada em copos finos e altos, pois não servem "chopp", e a cerveja, como tudo nesta terra, tem um paladar adocicado. Mas as feições sinistras, as roupas de xadrês que os filmes também mostram, os fagunhudos truões do Harlem — esses não os encontramos.

Percorremos depois as ruas fortemente iluminadas do afamado Bowery, e só encontramos miséria, muita miséria, em confronto arrasador com as grandes avenidas do centro. Se os senhores quiserem ter uma idéia exata do Pátio dos Milagres, venham visitar o Bowery, onde as caras das crianças, mal agasalhadas neste inverno forte, parecem suplicar um pedaço de pão, e as mulherzinhas, sumidas e curvadas, andam, às vezes, examinando os

detritos das latas que a limpeza pública vai recolher na manhã seguinte.

Mas o pitoresco, na legítima expressão da palavra, esse nós encontramos em China Town, o bairro chinês, onde as lavandarias correm parelha com os fregues. Entramos em um e não entendemos patavina do "menú". Pedimos qualquer coisa cujo nome soava ao nosso ouvido como "Chu-Chin-Chow", e o que nos serviram foi um delicioso arroz de forno com fragmentos de galinha ótimate temperada, e uma gostosa "omelette" de camarão. A comida vem salgada, ao contrário do que acontece, geralmente, nos restaurantes de Nova York, e a refeição faz acompanhar-se de sucessivas taças de chá, mas um chá forte e quente, que aquece a alma, servido em taças sem azas. Felizmente não nos meteram nas mãos os clássicos pausinhos para prender o arroz. Ou do contrário, não saberíamos manejá-los.

Mas, francamente o jantar em China Town era muito mais brasileiro que à moda da China.

★

Tiramos o domingo para matar o tempo em peregrinações pelos lugares mais inesperados. Submergimos em um trem e este nos deixa, minutos mais tarde, à luz de um solzinho barato, na altura da rua 14. Nossos olhos são atraídos pelos cartazes de um cinema iluminado e escancarado pela manhã, com boa frequência aliás. Mas o programa era todo constituído de filmes pre-históricos, pa-lhaucas de vinte e trinta anos. "O Homem do Aço", as aventuras de Pearl White, as comédias de pasteleiro de Gloria Swanson, ali se exibem como documentários da evolução do cinema. E na plateia, rapazes estudantes, discutem o início da carreira de alguns "astros" hoje desaparecidos, anotam datas e nomes de diretores agora famosos e estão apenas extras, tal como acontece com os fan... fanáticos do Brasil.

Domingo, dia de compromissos religiosos. Entramos na Catedral de São Patrício e vamos sentar-nos quando

A primeira impressão de Chicago, no espírito do visitante, principalmente se este vai percorrer a Michigan Avenue em pleno inverno, com a cidade fuliginosa, o rio seco pela neve e os prédios sombrios, demasiado altos, escurecendo as ruas, é realmente melancólica. A cidade trepida aos nossos pés, com o movimento ininterrupto dos "subways". E atordoa-nos com o trepidar dos "elevated", em algumas ruas do perímetro central. Como se não bastassem esses ruídos acima da cabeça e abaixo dos pés, há ainda a circulação normal dos veículos à flor do asfalto. Mas a segunda impressão é melhor. E os nervos do turista passam a refazer-se. Dentro em breve será um adaptado.

alguem chama a nossa atenção para um letreiro que nos havia passado despercebido. De fato, é mister pagar dez centavos para ocupar lugar no banco corrido. Certamente as esmolas não rendem o suficiente para o custeio do templo, embora ele estivesse repleto.

E à saída, somos interpelado por um funcionário da casa religiosa, que deseja saber a nossa impressão quanto à prédica do sacerdote, deixando-nos em mãos um folheto de trinta páginas. Olhamos o título: "Os perigos do divórcio e a necessidade de acabar com essa lei imoral nos Estados Unidos..."

Mas em nossas mãos estava também o exemplar de um jornal da manhã onde se noticiavam nada menos de quarenta e oito divórcios durante a semana recém-fimada.

Mais tarde entramos no Carnegie Hall e ali está, bem à nossa frente, no cartaz onde se reúnem as programações dos sete dias vindouros, uma orquestra de jazz competindo com os solistas de fama universal no piano, no violino, na harpa... Jazz, na América, é mais alguma coisa que um simples entretenimento musical. Tem foros artísticos. Por isso mesmo, o respeitam moço e velhos.

★

De par com tantos problemas que se alinham, em fila e por atacado, reclamando soluções urgentes e decisivas, deparamos com um que nos faz meditar: O problema... Como dizer? Vamos chamar-lhe, por hipótese, o problema — nupcial. Sabe-se que as moças americanas não dão confiança a rapazes desconhecidos, e já encontramos mais de um brasileiro, saudoso dos olhares brasileiros das nossas patrículas, desabafando nestas palavras:

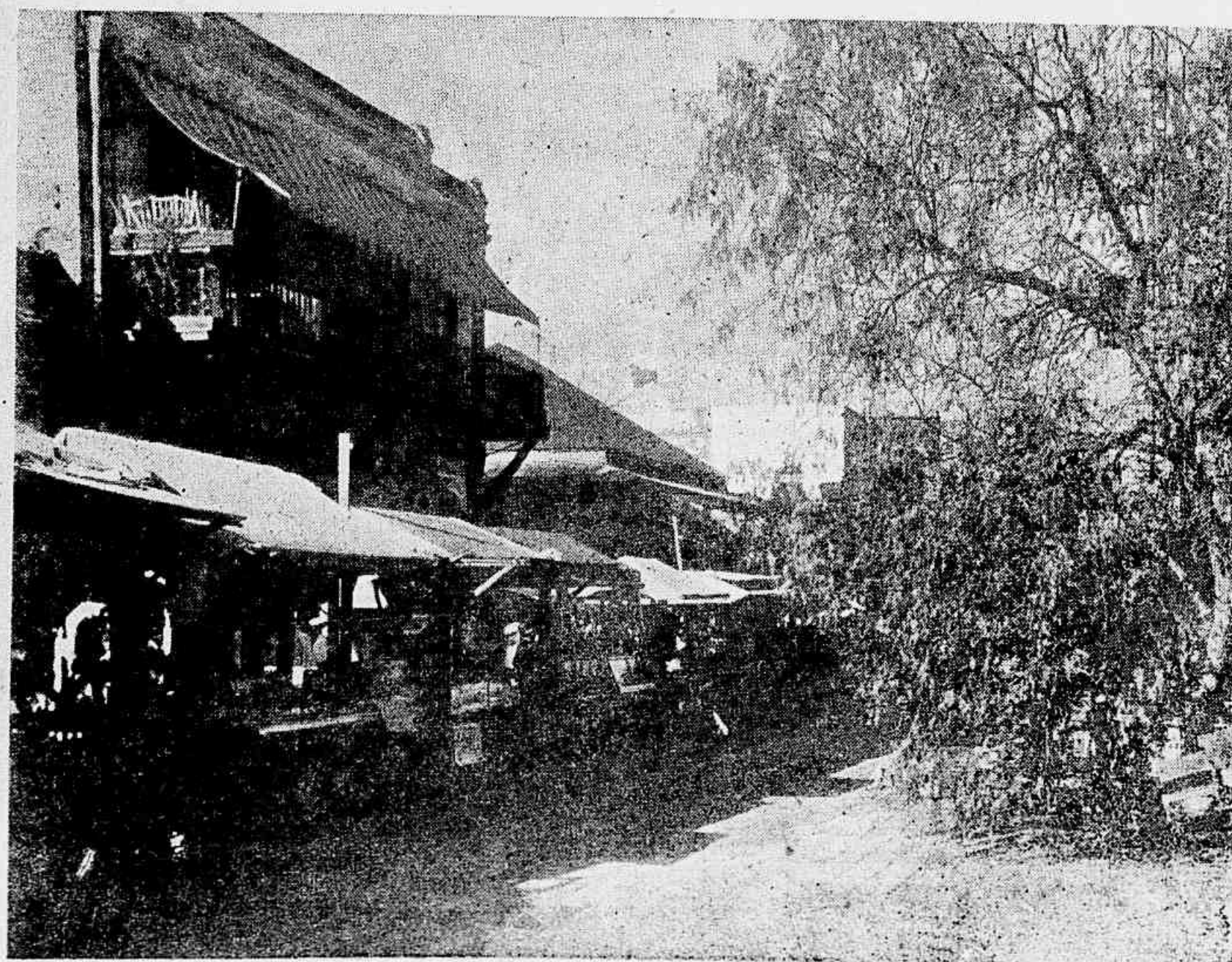
— "No Brasil, é fácil uma aventura quando se é um desconhecido. Aqui na América, o fato de sermos desconhecidos não favorece, mas só prejudica".

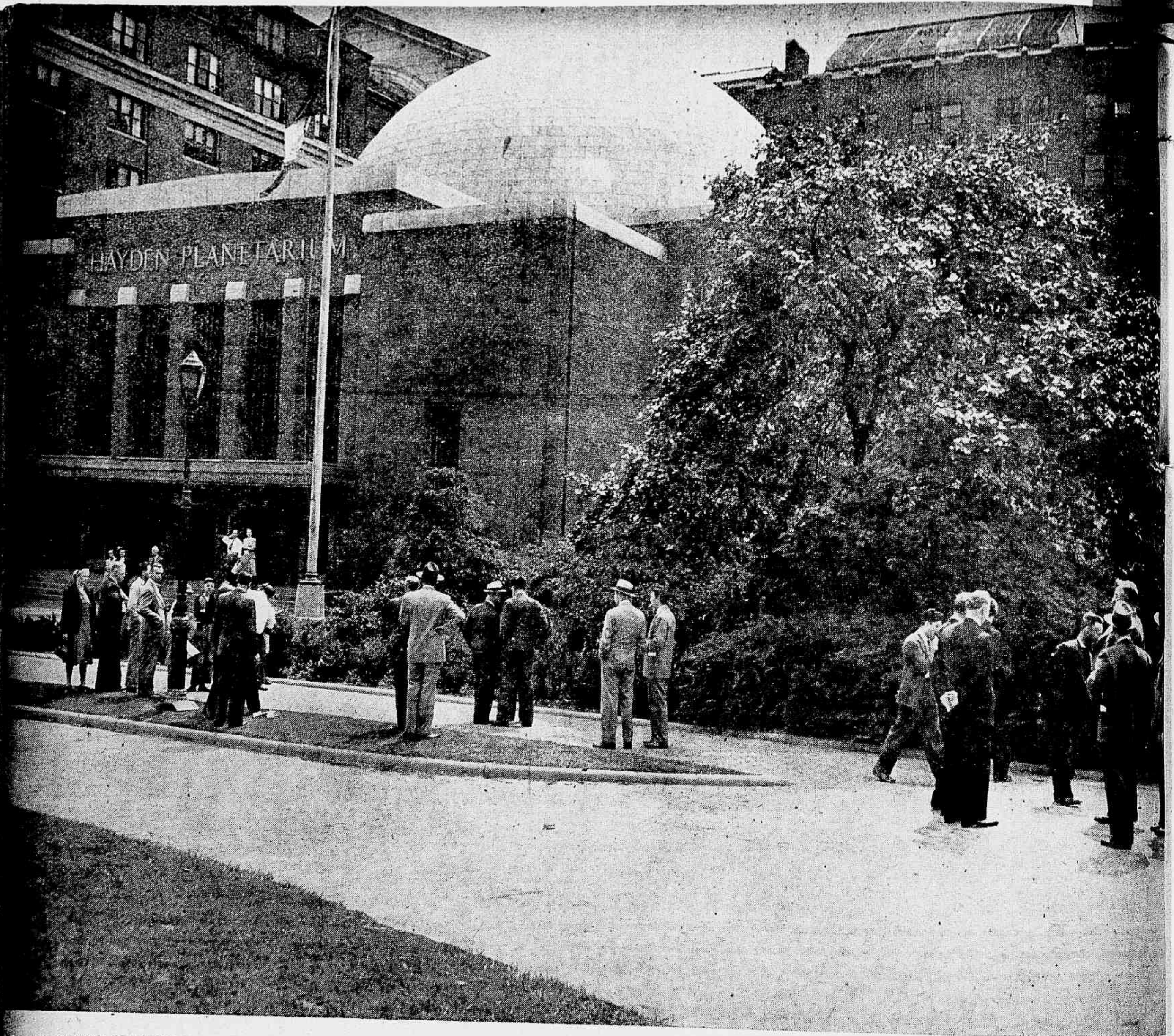
Ora, a mulher americana é tanto mais esquiva, indiferente e alheia às investidas masculinas quando ignora com quem está falando — quanto se demonstra alheia, quase íntima e amável sempre que em companhia de um

rapaz de suas relações. Encontramos por vezes, nos restaurantes noturnos, quadros que no Rio constituiriam escândalo. O beijo, por exemplo, chega a ser uma demonstração pública naturalíssima, entre rapazes e moças. Não é preciso que os namorados se refugiem nas salas escuras dos cinemas para trocá-los, nem nos jardins públicos. Temos visto beijos notáveis, fora da tela — e no entanto, dizem-nos serem quase sempre beijos sem consequências.

Combina-se um casamento com a mesma facilidade que, mais tarde, se estabelece o divórcio. E o que mais nos deixou intrigados, foi o termos perguntado a um conhecido antigo, "como estava passando a senhora". Ora acontece que o rapaz havia desatado os laços matrimoniais muito tempo antes, e nós o ignorávamos. Isso é trivial, porque existe aqui noção diferente dessas coisas. Será um bem? Um mal? Respondam os estudiosos

MEXICO? NÃO, APENAS LOS ANGELES. — Ainda a tradicional Olvera Street, que também se vê a outra gravura da página à esquerda. Em baixo, outro ângulo da pitoresca artéria de Los Angeles, mostrando-nos dois cantores ambulantes, em hora de pequeno movimento. No primeiro plano, objetos de cerâmica mexicana, também ali vendidos. Os clássicos "chales" que os tipos avulsos ostentam, podem ser adquiridos a qualquer hora, em plena rua. Quando aparecem pares de namorados, os cantores ambulantes improvisam serenatas à luz de um lampeão que ainda queima gás.





O HAYDEN PLANETARIUM DE NOVA YORK — Lugar obrigatoriamente visitado pelos turistas, ali se proporciona ao povo uma proveitosa lição de ciência natural e astronomia, pela insignificância de um dólar e vinte centavos. À tarde e à noite, são realizadas essas aulas, à feição de "shows", com o aparente propósito de divertir, mas fundamentalmente ensinando. A fachada do Planetarium não demonstra sua grandiosidade interior. — EM BAIXO: NOS JARDINS DA CASA BRANCA. EM WASHINGTON — Flagrante obtido na noite de 24 de dezembro último, quando o Presidente Truman inaugurava oficialmente as solenidades do Natal iluminando a grande árvore que se vê à direita. Recentemente mr. Truman sugeriu que se ampliasse a Casa Branca, mas os senadores do Capitol manifestaram-se contrários à idéia. E a sugestão não vingou e nem mais se falou no assunto.



da matéria. De nossa parte, observamos o fenômeno e deliberamos não perguntar mais pela esposa, aos velhos conhecidos que por aqui vamos encontrando.



Ao contrário do que muita gente pensa, ao longe, o divórcio não é tão fácil quanto se afigura. Imaginem os senhores, si porventura não sabiam, que existem nada menos de cinquenta e duas leis, cinquenta e dois motivos mediante os quais podem marido e mulher dar por extintos seus compromissos. Aconteça, porém, que essas leis dividem-se entre os quarenta e oito Estados da união norte-americana, e daí existem mesmo alguns Estados — como o de Carolina do Sul — onde não há possibilidade do vínculo matrimonial se desfazer, a exemplo do que ainda acontece no Brasil. Em Nova-York, também não é fácil. Só por crime de adultério prevalece o divórcio, mas sabe-se que na maioria das razões apontadas, o adultério é o menos aproveitado. Em compensação, há lugares como o famoso Reno, tão explorado pelo cinema, onde, por dá cá aquela palha, divórcio é coisa consumada. Divórcio no Reno é mais, mas não pense que outro tanto acontece em qualquer ponto da América. Motivo por que os conjugues ainda acham melhor coçar de outro assunto, provocando reconciliações em família que ficam muito mais em conta...



— Meu caro detetive, não sei porque, mas, não vou muito com a sua cara!



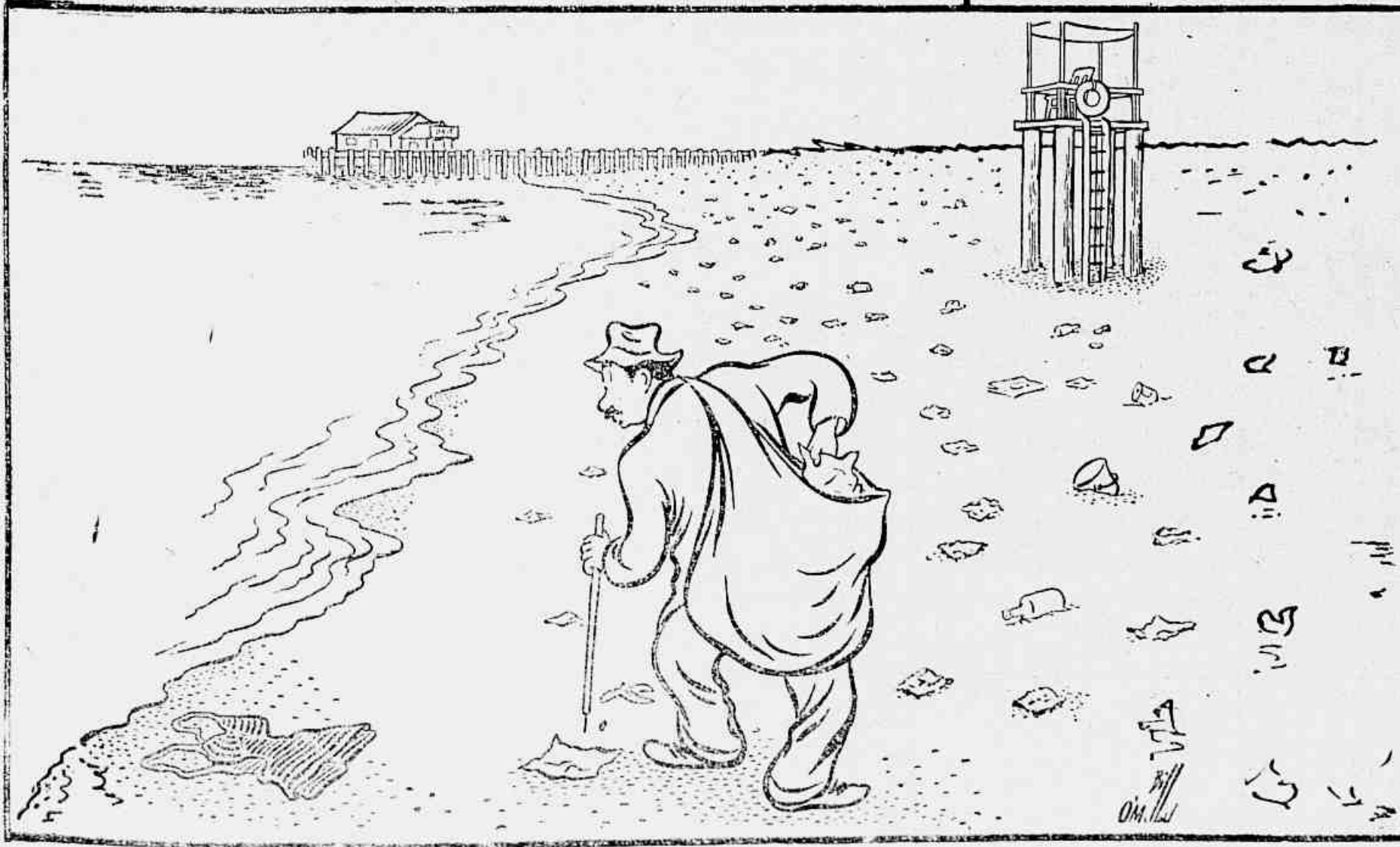
— Não se assuste, beleza! Nós fomos alunos de Belas Artes...



— E que tal esta, Zequinha?



— Francamente, "seu" Tibúrcio, isso é modo de armar a cabana?



**DE
BOM
HUMOR**



Sapatos Velhos

CONTO DE VERA SANT'ANNA -- ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO MATTOS

As seis horas em ponto, o encarregado da limpeza começou a arrear as cortinas de aço da loja. Tomou logo da vassoura e do espanador e começou o serviço. As caixeirinhas fizeram os últimos embrulhos, conferiram os trocos e entregaram-nos aos freguezes. Depois, sumiram por detrás do balcão, arrumando nas vitrines os objetos que tinham sido mostrados e cubiçosamente manuseados pelos últimos compradores. Juntaram tudo. Arrumaram tudo. Aos encontros, iam saindo, buscando a porta que lhes devolveria um pouco mais da liberdade de ficar atrás de uma mesa de vidro, às vezes ociosamente, só para satisfazer às eternas perguntas: "Qual é o preço desta bolsa?" "Meia-dúzia de lenços, quanto custa?" "Tem meias de seda cór de carne?"

Lucy olhou-se no espelhinho de mão da bolsinha já usada, arranjou um fio de cabelo que estava fóra do lugar e esperou pacientemente que lhe dessem passagem na estreita porta de serviço. Ia calada, como quasi sempre. Apenas, aquí e alí, respondia a uma saudação, um "até amanhã" simpático de alguma companheira. E foi andando quietamente, em meio ao borborinho nervoso das ruas, o corre-corre, para um lugar num ônibus, passos apressados, empurrões, zigue-zagues sem fim.

Neste dia, resolvera-se ir a pé. Tinha tempo, pois que a casa ficava perto do trabalho. Questão de uns vinte minutos, sómente. Muitas vezes, viera-lhe esta vontade de andar um pouco só, dar movimento às pernas e às ideias, pensar sózinha, antes de mergulhar no ambiente doméstico que lhe custava, às vezes, muito mais que um dia inteiro de trabalho.

Na esquina próxima, uma casa de sapatos atendia ainda aos freguezes retardatários. As vitrines ainda estavam iluminadas. No centro de uma delas, um mostruário mecânico girava, suavemente, fazendo passar por seus olhos atentos, um pé de sapato graciosamente suspenso pelo salto.

Era um sapatinho preto. Simples, muito mesmo. Tinha, apenas uma fivelinha dourada bem no centro. Mas, o salto!... este a atraia mais ainda que a fivelinha, porque era um salto muito alto e fino, suspendendo o calcanhar numa posição muito incômoda, sem dúvida, mas elegante. Um salto que faria crescer de uns sete centímetros, talvez.

O sapatinho deu mais uma volta, junto com os outros no mostruário mecânico.

— Senhorita, vamos arrear a cortina.

— Um momentinho, quanto custa este sapato?... Aquele preto de fivela dourada... Alí no meio... E?... Este mesmo? Cento e cinquenta? Muito obrigada.

"Cento e cinquenta... tanto dinheiro... mas é o preço, os sapatos de hoje são tão caros... Verdade que tenho um dinheirozinho do outro mês... Talvez, juntando um pouco mais chegue..."

O mecanismo do mostruário foi desligado. Aos poucos, o sapatinho foi parando. Depois, apagaram-se as luzes da vitrina e, no vidro empoeirado, estampou-se a silhueta esguia da mocinha pobre, no seu casaco de malha surradinho, dentro de velhos sapatos castigados pelo exaustivo andar de todo um dia passado na loja.

Lucy olhou para o sapato preto no mostruário e viu-se no espelho embaciado que a vitrina lhe improvisára. E, lentamente, subiu nas pontas de seus pésinhos cansados...

"Ficaria dessa altura... mais ou menos".

A cortina desceu. O sapatinho ficou lá dentro.

"Estou precisada de um sapato novo".

E Lucy foi andando o seu caminho em meio à correria da gente que ia pegar um ônibus, os passos apressados e o zigue-zague sem fim.

— Queres sôpa, Lucy?

— Só um pouco, Mamãe.

ORLANDO
MATTOS



— Menino, mais um zero na escola? Onde é que se vai parar? Estou vendo que não adianta gastar dinheiro contigo; trabalho perdido.

— Não ralhe com ele, Gaspar. O pequeno está muito adiantado para a idade.

— Adiantado, coisa nenhuma. Vadiagem, isto é o que é. Adiantado... Olha, si continuares assim, vais ter comigo. Cuidado que já estou perdendo a paciência...

Sob a violência de uma sacudidela, o pequeno começou a chorar sentido. A mãe tomou-lhe as dôres. O pai se enfurecia. A tia, meio surda, aumentava a confusão com apertes sem propósito, de uma voz esganiçada.

Mais tarde, Lucy fechou-se em seu quarto, um minúsculo quartinho de uma vendedora de balcão. Estava cansada. O corpo todo se resentia da atividade do dia. Ela tirou os sapatos e olhou-os atentamente, de um lado e de outro. O salto carcomido já estava arrebitado. A sóla mostrava um grande rombo, como uma chaga que estivesse a ponto de sangrar. E o verniz que ha tanto tempo desaparecera, tinha em seu lugar, pintas de couro num fundo descarnado.

Lucy jogou-os para um canto. Foram para debaixo da cadeira. Despiu o vestido já desbotado-pelo trabalho e colocou-o aos pés da cama, para não amassar.

"Amanhã, compro o sapato da fivelinha dourada".

Em sonhos, o sapatinho girava, girava; ela estendia a mão para apanhá-los, mas, quando ia tocando com os dedos, ele lhe fugia depressa, continuando a girar.

— Vai no pé ou vai na caixa? perguntou o caixeiro.

— Vai no pé. Pode embrulhar o outro.

Lucy estava radiante. Feliz, como todos aqueles que satisfazem um grande desejo. Era-lhe tão penoso comprar um sapato! Representava quasi um luxo, um capricho de moça rica. Eram economias que se gastavam em cinco minutos, apenas. Mas, como era também uma necessidade...

Ela se foi pela calçada, sob os encontros dos que iam assinar o ponto. Mas, parecia-lhe que, ainda com tanta pressa, tinha olhares para ela. Olhares de admiração pela ele-

gância dos sete centímetros conquistados em troca de cento e cinquenta mil réis. Seu andar era leve e gracioso. Sua expressão era felicidade. Como a receberiam no trabalho? Certamente, todas as colegas se juntariam para examinar a compra. E, naturalmente, seriam indiscretas bastante para lhe indagar do preço e da casa onde os comprara. Mas, não tinha importância! Quando soubessem da resposta, só poderiam fazer bom juízo de sua situação financeira. Que bom que é ver-se admirada pelas próprias companheiras! E as freguezas? Iriam na certa, servir-se com ela. A mais bem arranjada de todas! Talvez até... ou não?... bem, ninguém diria que fosse impossível o chefe notá-la e fazê-la subir de posto: chefe da secção de meias! Sim, seria bem provável. E, para quem não é mais que uma "vendeuse"...

"Ah! meu Deus, como é bom se comprar um sapato novo!"

A porta da loja, Lucy? encontrou-se com algumas colegas. Os mesmos cumprimentos de todo o dia.

"Ainda não viram", pensou.

Cada uma tomou seu posto. Umas desembrulhavam encomendas recém-chegadas, outras ajeitavam um "bibelot" caído na vitrina. Agachavam-se atrás do balcão para arrumar caixas vazias. Colocavam papel carbono entre cada talão do bloco... Mas Lucy estava aérea. Servia-se de todos os vidros para se contemplar na beleza do seu sapatinho de fivela dourada.

Porém, ninguém a viu. Nenhuma colega pareceu reparar nela. E Lucy continuou na sua triste insignificância de vendedora de meias.

A hora do almoço se apresentou como o momento mais próprio para a exaltação de sua pessoinha. Passou um pente pelo cabelo e uma esponja de pó no nariz, mas, rapidamente guardou tudo na bolsa, pois, de longe, percebeu o gerente da casa que se dirigia para a porta de saída. Lucy apressou o passo, chegou mesmo a correr e, rapidamente, passou á sua frente, com o passo estudado de um equilibrista na corda bamba. E pensou ter sido olhada e admirada. E louvou-se a si mesma, o senso de oportunidade e o espírito de iniciativa.

Em casa, acharam-na simplesmente alta, mais nada. Foi preciso que explicasse que tinha feito compras pela manhã e que mostrasse o par de sapatos que adquirira. Gaspar limitou-se a dizer:

— Muito bonitinho!

A tia expressou-se como num gemido:

— Hum!

A mãe, esta, se indignou:

— Extravagância, filha! Onde já se viu, cento e cinquenta mil réis, com essa carestia de açúcar! Qual! vocês de hoje!

E o pequeno continuou sorvendo barulhentemente a sua sôpa de macarrão.

Então, Lucy voltou ao serviço. E o dia foi andando. Tal qual como tinha começado. O mesmo trabalho de sempre. A mesma delicadeza irritante das freguezas aborrecidas e o mesmo mal humor desagradável das moças do balcão. As mesmas perguntas suaves. As mesmas respostas displicentes.

Apenas, os pés começaram-lhe a arder como si estivessem em fogo. E uma dorzinha fina parecia que se estendia dos dedos ao calcanhar. De quando em quando, uma pontada aguda lhe fazia lembrar dos calos. Tinha deixado os sapatos velhos em casa. Agora, nem um banquinho para descansar!

Segurava a ponta dos pés, comprimindo-os com força, mas, às vezes, era mesmo obrigada a tirar os sapatos. Ai então, sofria mais do que se estivesse sem eles. Suspiros entre os dentes. Lágrimas quasi a cair dos olhos: a pobre Lucy cumpria a pena por uma vaidadezinha tão desculpável!

Quando, enfim, a hora chegou de fechar a casa, Lucy se animou. Parecia-lhe diminuído o sofrimento. Os pés não latejavam tanto quanto dantes. Ela se dirigiu para a porta de serviço. Saiu á rua, o passo lento, cauteloso. Atraz, uma companheira atrasada disse:

— Sapato novo, Lucy? E' horrível, não acha? Doem tanto os pés...

Que importa agora elegância, linha e o resto? Queria era chegar em casa, logo. Mergulhar os pés numa água bem morninha... talvez, mesmo, com um pouco de sal (dizem que alivia muito os pés doloridos). Depois, esfregá-los com muito talco e enfiá-los num gostoso sapatinho velho...

ABRANTES

O Brasil Imperio contou servidores sempre de vista no cenário nacional, um deles o visconde por fim marquês de Abrantes. Naquele cenário, desde moço, nunca a Abrantes coube papel avulso.

Existindo além de meio século, teve quasi meio século de vida publica, é sabel-a dos primeiros dias da Independência aos primeiros dias da guerra do Paraguai, é sabel-a no Primeiro Reinado, na Regencia, no Segundo Reinado. Abrantes viu o Brasil de pé como nação, viu-o ao morrer, erecto ante o mundo, a sorte não dando a Abrantes respiros no serviço publico.

Deputado à Constituinte, durante varios anos adestrou-se parlamentarmente na Camara dos Deputados. Chegada a idade de transpôr a barreira constitucional vedando a entrada no Senado antes de ser quadragenario, Abrantes candidatou-se à senatoria, pelo Ceará, terra que só conhecia por informações de corografia.

Em Maio de 1840 correu eleição na provincia nortista, eleição "agitada e irregularissima." Eleição. Quem qualificou a de 1840? João Brígido, tão sabedor de homens e fatos do Ceará e de sua politicagem igual à do Brasil todo, onde lutas partidarias recebem alcunhas. Conhecia a terra cearense, do tempo da eleição Abrantes, *chimpanços* contra *crangueiros*, *caracaris* contra *equilibristas*, admiravel alcunha em se tratando de politicos.

Votado no Ceará em 1840, era Abrantes escolhido pelo regente Araújo Lima. E isto tres dias antes da Maioridade, o novo senador tomando posse cinco dias depois da hurna.

Revezadamente, no Primeiro Reinado, na Regencia, no Segundo Reinado, Abrantes veria ministro de Estado. Estreando na pasta dos Estrangeiros, Abrantes dirigiria tres vezes a pasta da Fazenda, com conhecimento de causa, dedicado a estudo de finanças, especialidade na qual tanto mais falha quem julga acertar.

A exemplo, de outros vultos do Imperio, Abrantes passaria pela diplomacia, a carreira dos prudentes e temporisadores tendo a palavra por prata e o silencio por ouro, sobretudo em occasões graves. Fagulhas originam incendios, prova-o a História compendiando a vida das nações e a ambição das conquistas.

Abrantes teve primeiro contato com a diplomacia como nosso ministro residente em Viena onde apesar da denominação do cargo pouco se demorou.

Em 1844, com mais tempo, voltou à Europa em missão especial em França, na Inglaterra e na Prussia, preponderante na Alemanha desde o seu Grande Frederico, o perde-ganha militar.

Abrantes era convidado a entender-se com o governo francês à testa do qual estava Guizot, Peel à frente do governo inglês.

A missão Abrantes em Paris e Londres visava obter a cooperação franco-inglesa no sentido de resolver questões platinas para resguardo de interesses comerciais e politicos, estes relativos à independência do Uruguay e do Paraguay ameaçada pela ditadura de Rosas, tendo Oribe por acolito.

A França e a Inglaterra acabaram intervindo de sociedade no Prata onde o Brasil só contou consigo mesmo, até que Monte Caseros obrigasse Rosas a fugir fantasiado de marinheiro.

Levou Abrantes a Berlim o negociar de tratado de comercio.

A Alemanha retalhada em Estados unia-se pelo *Zollverein* ou liga aduaneira datando de 1834 e depois tida



MARQUÊS DE ABRANTES (1794 — 1865).

como primeira semente da unificação germanica, a beneficio do capacete de ponta prussiano e da cena espetaculosa da Galeria dos Espelhos em Versalhes de 1871.

Tratou Abrantes de questões de colonização e imigração na capital da Prussia então de 400.000 almas confiadas a uma guarnição de 8.000 soldados.

Viagens, atenção a negocios, não tolheram saudades em Abrantes, saudades do Brasil, em antecipação ao *ubique patriae memor* de Rio Branco.

Prova-no saudades patrias uma carta de Abrantes que nos comunicou finado e illustre amigo, Miguel Calmon. No alto da carta menção alguma do nome do destinatario, mas o tom da epistola mostra ser ele pessoa intima, talvez proxima.

Dizia-lhe Abrantes:

"Berlim

Ha mto que não tenho noticias suas, aqui recebo d'ahi, de quando em quando, alguma carta do Lima Nobre, unico que se lembra de mim.

Sei por alguns ou poucos jornaes que me vem do Rio, que o negocio do Boto lhe tem acarretado dissabores, que mesmo tem sido calumniado.

Sinto muito porque a calunia é sempre de amargura para o homem de bem, mas não se lhe dê disso, siga o seu caminho da probidade e justiça que o tempo a justificara.

Bem sabe que posso fallar como experimentado: fui caluniado por estranhos e até por parentes que me faziam possuir milhoens em Londres, roubados ao Thesouro.

José Egidio conhecia os Negociantes que me haviam passado os milhoens para a Europa".

O desabafo epistolar de Abrantes ultrapassa uma folha de papel de carta. Mostra quanto sofrem intimamente os homens publicos de bem alvejados pela calunia na voracidade do desprestigio alheio, restando aos caluniados apelar para a justiça invocada na folha de papel de 1846.

Tornado ao Brasil, buscando servil-o, proseguio Abrantes na vida publica sem embargo de suas assacadilhas. Daria conta de sua missão especial em 1855 por meio de dois alentados volumes especificadores de trabalhos do autor, tanto mais necessarias contas claras quanto mais em alta posição os responsaveis pela causa publica.

Ano depois da publicação do seu relatório de missão, era Abrantes de visconde elevado a marquês, a 2 de Dezembro de 1851, tendo Olinda e Paraná por companheiros de promoção nobiliarquica em dia natalicio imperial.

Em 1862, o marquês de Olinda ao formar o seu terceiro ministerio valia-se do auxilio de Abrantes confiando-lhe a pasta dos Estrangeiros.

Na Secretaria da pasta a Questão Christie requereu homem de pulso. Uma barca inglesa, e por sinal *Prince de Galles*, naufragara na costa inhospita e deserta do Albardão, bandas do Rio Grande do Sul, os salvados da barca à presa de ladrões.

Depois segundo naufragio agravou as reclamações relativas ao sinistro da barca. Officiais de uma fragata inglesa foram passear à Tijuca, admiraram-lhe os sitios e tanto que ao voltarem da excursão, se não achando em estado de deliberar foram convidados a tornar à razão num posto de guarda do meio da serra da Tijuca.

A questão Christie, daria a Abrantes uma serie de preocupado dias até deixar ele a pasta dos Estrangeiros em 1861, restando-lhe cumprir deveres de homem de responsabilidades no Senado e no Conselho de Estado.

Tinha de cumpri-los em quadra momentosa para o Brasil qual a das campanhas do Uruguay e do Paraguai.

Noticias desta ultima guerra davasas Abrantes a velho e prezado amigo, Maciel Monteiro, barão segundo de Itamaracá, nosso ministro em Portugal, com o qual Abrantes se carteara lembrado de tempos que se tinham ido e se tendo ido diziam saudades.

No longe de Lisboa, Maciel Monteiro punha olhos e coração sobre estas linhas:

Rio 25 de Agosto de 1865.

Meu Itamaracá,

Li com attenção os objectos de que trataes na tua carta. A ausencia do Imperador (unica pessoa com quem podia entender-me a teu respeito) obriga-me a espera-lo e a não falar sobre taes assumptos, visto que o Ministerio pouco ou nada pôde fazer.

Esta corte está em completa pasmaceira, só se cuida da guerra.

Os Paraguayos continuam a invasão a Prov. do Rio Gde do S. pela margem do Uruguay, já passaram (sem resistencia) o Ibicuy, e a esta hora já se apoderarão de Uruguayana. As forças da Prov., mal organizadas, vão-se agora reunindo; e só com algum tempo poderão repellar a invasão, graças à actividade e esforços do Imperador.

Dizem as folhas do Rio Gde que já temos 10 a 12 mil homens reunidos.

Do Exercito aliado apenas sabemos que elle monta a 25 mil e que sobre elle vem marchando o exercito forte de 50 mil.

De nossa esquadra sabe-se que permanece estacionada no Chimboral no rio Paraná, e que não pode subir o rio, e bloquear effectivamente o Paraguay por causa das fortes baterias que o inimigo tem levantado nas margens do rio.

A falta de navios encorajados, e das operações do exercito aliado tem contrariado mto. Até a vassante dos rios e as molestias por causa do clima oppoem-se à acção do Exercito aliado e da Esquadra. Só em Outubro se poderá obrar.

Adeus. Até o paquete inglês.

Do teu am. do C. — Abrantes.

A carta é de 25 de Agosto de 1865. A 5 de Outubro desse ano Abrantes morria. Pouco antes, velha amizade dele dissôra adens tornado supremo.

NOS BASTIDORES FEMININOS

Si você, minha amiga, possui uma pele bonita, pôde se considerar pelo menos "meio-atraente". Por que a verdade é que uma mulher pôde ser bela mesmo possuindo qualquer imperfeição, desde que essa imperfeição não esteja na pele. Nariz, olhos, boca, queixo, tudo isto pôde estar longe do ideal classico, mas a pele deverá ser sempre adorável, ou então tudo estará perdido. Esteja certa de que uma mulher de pele limpa, macia, perfeita, nunca poderá ser feia.

Mas, também, na beleza da pele, há a considerar-se o fator "moda". No século XVIII, por exemplo, só era linda aquela que tivesse o tom "branco-rosado" da época. As belas de então usavam cremes em profusão e empoavam-se e pintavam-se com tal perfeição que pareciam verdadeiras figuras de porcelana. Em seguida vieram as mulheres de tez pálida, olheiras acentuadas, o que lhes dava um ar acenturadamente romantico que arrebatava os nomes, provocando duelos, serenatas e... sonetos...

Até agora, tivemos, e ainda temos, a "mulher queimada"; pequenas que se "torram" ao sol da praia, que usam óleos e cremes para conseguir mais depressa ainda rivalizar com o "produto da terra". Não resta duvida de que esse tom queimado dá a quasi todas mulheres uma certa atração, mas não resta duvida também de que envelhece e estraga a pele não poucas vezes. Enfim, envelheça ou não, o fato é que "êles", os responsáveis de tantas "irresponsabilidades" cometidas por "elas", ou melhor "nós", preferem agora as mulheres "naturais". Não quero dizer que você agora deverá aparecer em público com o rosto lavado, limpo de qualquer preparo. Não, minha amiga, para obter o tom "natural" que "êles" querem (consequentemente nós também queremos), você terá que lidar com dezenas de potes de cremes e ainda com pós e pomadas de diversas tonalidades e, depois de meia hora de cuidados especiais, poderá enfrentar o mais "naturalista" de todos os homens, porque estará realmente encantadora.

Kitty



PEGGY KNUDSEN (Warner Bros)



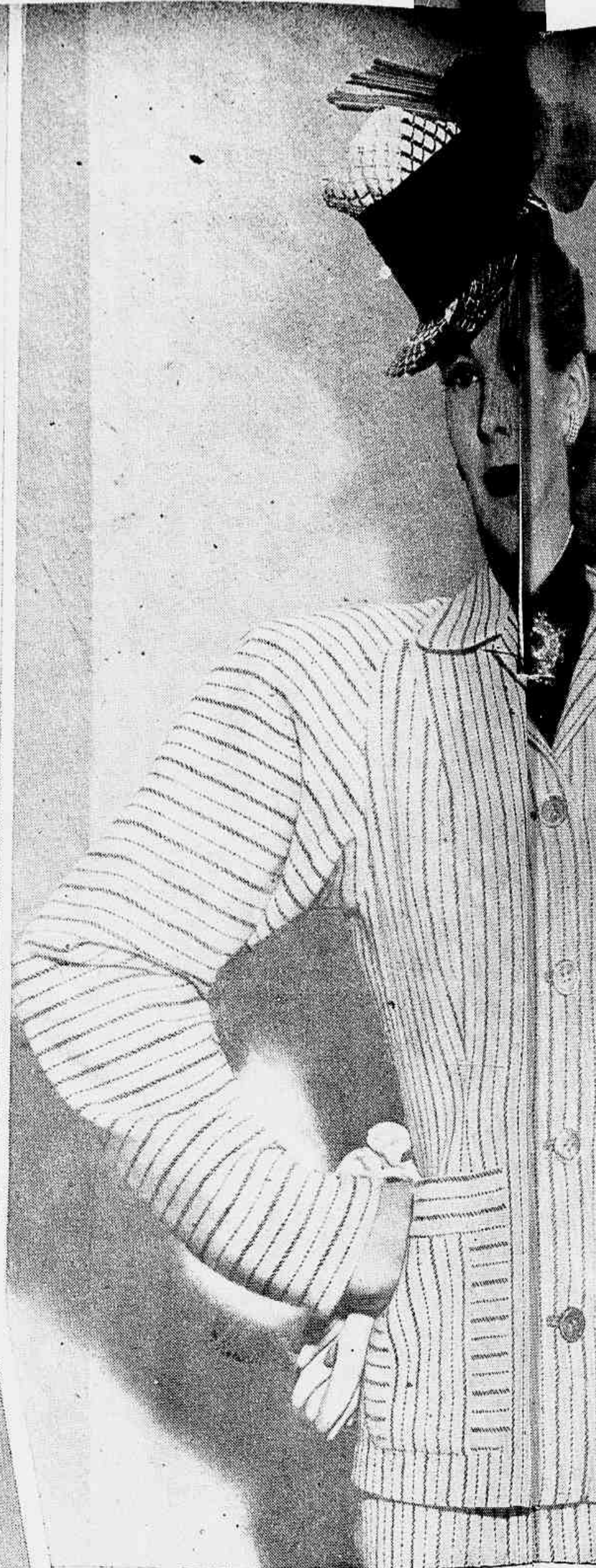
CASACOS E COSTUMES



Aqui estão quatro interessantes figurinos apresentados às nossas leitoras por duas lindas figuras do cinema: são elas Marjha Vickers, da Warner, e Andrey Totter da Metro. A primeira exibindo dois amplos casacos de lã, e a segunda dois interessantes modelos em seda ou lã de tom escuro próprios para a noite.

Esses modelos fazem jus às atenções das elegantes cariocas, e quando se avizinham os dias menos quentes, porque o inverno no Rio parece estar cada ano mais desaparecido, é certo que qualquer um deles será aproveitado em profusão. Para as tardes de sol invernos, para as manhãs esportivas na praia, no campo ou para a noite no teatro, esses figurinos são de grande efeito.





ELEGA

Sim, elegantes e variadas as nossas leitoras, nestas páginas.

1 — Para você que é preta, o Fleming, da RKO Rádio, em mangas compridas ajustadas aos pulsos, l

2 — Andréa King, é quem oferece creme com listras marron, cortado p do mesmo tom.

3 — Nada como uma "sua" para trabalho. Jane Greer, uma nov promessa fina, em três cores: cinzento, de e va

4 — E' Janis Carter, que nos apresenta esse "duas-pecas" inspirado. O modelo é feito em lã azul mar busto de corte nitidamente r. Obse murgu verde que Miss Carusa co "toilette".



ELEGANTES

...variações...
...estas peças.
...ue é p...ada, oferecemos este modelo de Rhonda
...o, em "U". Confeção fácil. O decote é um "U",
...stados de pulsos, lacinho de veludo preto no decote.
...é quem s oferece este elegantíssimo costume em lã
...rron, cor...etado por um original chapéu em feltro
...uma "ser" para usar pela manhã, para sport ou
...uma no...romessa" da RKO, usa aqui uma de malha
...nizento, de e vermelho.
...arter, gladora "estrelinha" da Columbia, quem
...uas-pe...insprado nos trajes militares do seu país.
...lã fi...azul marinho, casaco cintado, largo no
...mente r. Observem a elegantíssima bolsa de ca-
...ss Car...usa como complemento da sua prática







CHAPÉUS

NO inverno, o uso dos chapéus é aconselhado para completar qualquer "toilette". E' muito mais "chich", sem duvida e esperamos que as nossas leitoras encontrem inspiração nesses modelos que nos vêm de Hollywood.

1 — Chapéu de feltro bege, proprio para "tailleur", cópa alta, ába virada e como enfeite duas grandes penas em duas tonalidades e véo marron. Sugestão de Peggy Knudsen, da Warner Bros.

2 — Indicado por Esther Williams este modelo de feltro preto, formato "az de espadas", com jersey azul, torcido na frente. Perolas brancas e pretas formando circulos.

3 — E' ainda a mesma estrela quem nos apresenta este outro modelo em feltro preto com aplicações.

4 — Na página ao lado quatro lindas sugestões, três tendo como motivo principal flôres varias são exibidos por Janet Blair, e o quarto um modelo "aureola" usado por Esther Williams, da MGM, em veludo bege e marron, com farto véo de seda marron.





UM MODELO DE JOAN LESLIE

JOAN LESLIE, "estrela de 'Too Young to know'", mostra que a elegância da mulher deve começar dentro de casa. Sobre uma camisola de crepe romano, ela usa um luxuosíssimo "negligée" de setim branco, de saia bastante ampla. Na blusa, recortes até a cintura, onde os dois lados são unidos por um laço. Mangueiras curtas, com babado franzido de renda. O mesmo nos dois bolsos da saia.

Conto de Matthew Brinig

O AVISO

ELE estava sozinho em casa quando o telefone tocou. Atendeu, impaciente, porque não gostava de ser interrompido quando estava trabalhando.

— Alô?

— Quem fala?

— Peter Ayres.

— Lembra-se de mim?

Foi somente isso. "Lembra-se de mim?" disse a voz e, a seguir, desligaram.

— Alô? Alô? ele ainda repetiu.

Depois, não conseguindo resposta, disse para si mesmo: Um trote...

Pouco depois, Anna chegou e ele esqueceu o incidente. No dia seguinte, contudo, ele encontrou Larry.

— Olá, como vai?

— Que há de novo?

Harry olhou para todos os lados, e murmurou:

— Sabe que Julian voltou?

Peter sentiu um arrepio.

— Tem certeza?

Mas já tinha se controlado. Julian voltara. Muito bem. Que havia de mais naquilo? Certamente, já bastante tempo passara desde aqueles dias tormentosos... Julian não guardava rancor.

Naquele mesmo dia, convidou Anne para ir ao cinema.

— Vamos ao cinema, meu bem?

— Ha algum filme bom?

— Não sei. Vamos a qualquer um. Estou precisando de uma distração.

A verdade é que ele queria escapar, um pouco, àquela preocupação. Se Julian chegasse, falasse com ele, estaria tudo resolvido, hostil ou não, ele saberia a posição de Julian em relação a ele. Mas aquela incerteza não lhe agradava. Ademais, em vista dos últimos acontecimentos ele refletia: aquele telefonema teria sido mesmo um trote? Fora demasiado oportuno... Resolveu esquecer tudo e ir ao cinema. Porém, no momento em que ia sentar-se, vislumbrou, na penumbra da sala, um perfil conhecido. Julian! Apressadamente, tomou a mão de Anne e disse: — Vamos!

— Que há? perguntou ela surpreendida.

— Nada. Vamos embora.

Ao chegarem em casa ele disse:

— Prepara-me um drink.

Ela obedeceu, porém ele notou que o encarava com surpresa. Que teria ele? Era preciso explicar a ela, revelar o absurdo daquele pavor, mas a verdade é que ele nem podia tratar do assunto. Tomou uma decisão: no dia seguinte procuraria Larry, solicitaria todas as informações

sobre o paradeiro de Julian e iria procurá-lo: melhor seria enfrentar de uma vez por todas a fonte daquela sensação de perigo constante do que continuar a viver naquela perpetua ansiedade.

Não contou à esposa o que tinha. Protexou uma indisposição súbita para explicar a sua saída abrupta do cinema e foi deitar-se.

No dia seguinte pela manhã, telefonou para Larry.

— Larry, preciso falar com você.

Marcaram um encontro num restaurante pouco frequentado. Era um almoço, mas Peter nada comeu. Ouviu, porém, em silêncio,

as informações que Larry lhe deu. Depois ouviu também, surpreendido, seus conselhos:

— Não procure Julian.

— Por que?

— Porque Julian está procurando você também. E, quando ele o encontrar, eu não respondo pelo que ele pode fazer. O que mais me inquieta em tudo isso é que, quando o vi, ele não perdeu tempo com ameaças, com gestos melodramáticos, como era seu hábito. Ele agora está frio e calmo, como quem planeja com cuidado um crime horrível: sente-se na voz dele que todo aquele ódio contido está se canalizando. Se ele encontrar você...

— Que pode fazer? Matar-me? Não ousará. Quem vêm do carcere, não quer voltar para lá.

— Você se engana. O ódio represado às vezes explode sem possibilidade de refreamento, além disso o horror à prisão mais a perspectiva de uma nova experiência, supostamente desagradável. Dizem até que ele foi feliz lá. Vivia como um mestre entre os discípulos. Sabe que escreveu uma série de livros.

— Sei. Li-os todos.

— E que encontrou nêles?

— Um cinismo frio, uma maldade premeditada.

(Continua na pág. 46)





A escritora Maria Dezonne Pacheco Fernandes acaba de brindar o público leitor com três livros que obtiveram amplo sucesso: "Sacrifício de Mãe", "Punhado de Emoções" e "Folhas do Coração" revelando, no estilo suave e atraente, os dotes de espírito e coração da autora, que é uma das mais belas formações morais dos nossos meios literários.

Recomendam-se, assim, os livros da sra. Maria Dezonne Pacheco Fernandes à leitura dos que apreciam os temas onde a bondade, a ternura e o amor se associam e se confundem em magníficas lições de virtude cristã.

FIGURAS E FATOS

Henriette Marie de Gorter, filhinha dileta do sr. Heyman Bernard de Gorter e d. Norma de Gorter, aos 2 anos de idade.



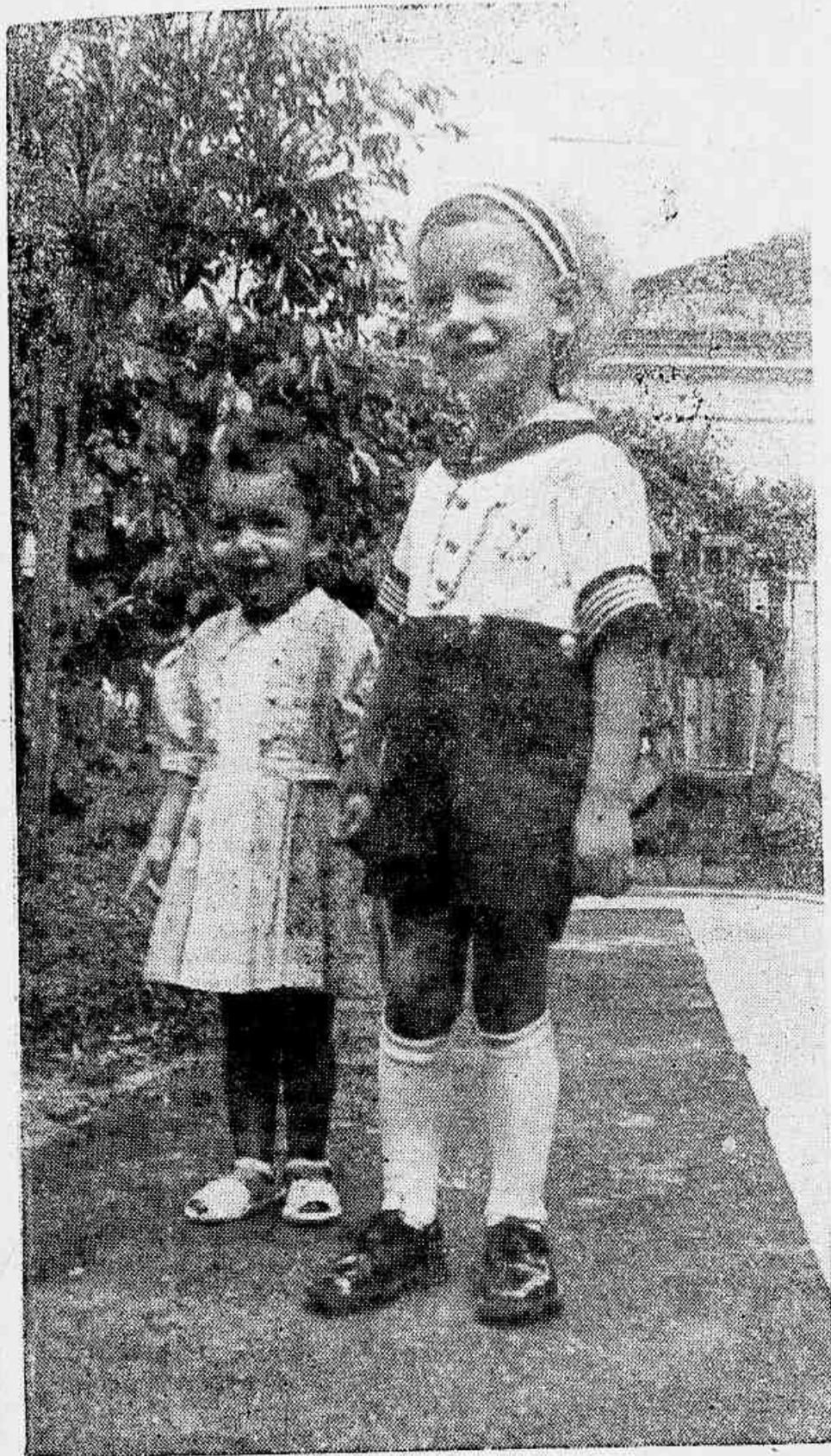
BRASIL-CANADA — Sacerdotes canadenses, da Congregação do "Sacré Coeur de Jésus", fotografados, em Montreal. Vieram para Campanha, em Minas. Frei Siméon, superior e diretor do colégio, de Campanha, aparece à direita do consul Humberto Gomes, que fez, em Montreal, para os mesmos sacerdotes canadenses, um curso de português, em cujo encerramento os sacerdotes cantaram o Hino Brasileiro, presentes o dr. Rego Monteiro, Representante do Brasil no "Bureau International du Travail".



Mariza e Marilda, lindo par de gêmeas que alegria o lar do nosso confrade João Chaves de Oliveira e de sua exma. esposa d. Marina Vitali de Oliveira.

Com a presença do professor Fioravanti Di Piero, Secretario Geral de Educação e Cultura, de altos funcionários municipais e figuras destacadas de nosso mundo artístico, foi inaugurada, ontem, no saguão do Teatro Fenix, uma exposição de retratos de grandes músicos, nacionais e estrangeiros, trabalhados em sanguinea pelo consagrado artista patrio Ernesto Francisconi.

A exposição, que consta de 20 trabalhos originais, está despertando o maior interesse nos meios musicais desta capital. A's segundas-feiras o Serviço de Divulgação da Prefeitura fará realizar, no recinto da exposição concertos de gravações pertencentes à Discoteca Pública do Distrito Federal, apresentando páginas famosas de cada um dos retratados.



Roberto e Hilda, filhos do Capitão Tenente Thoribio Lopes, que se encontra presentemente em Belém, Estado do Pará, e de sua Exma. esposa d. Elvira Sarmento de Figueiredo Lopes, residente nesta capital.



Realizou-se no dia 19 de Março p.f., o enlace matrimonial da senhorita Aglaia Cocchiarelli com o sr. Rubem Vernieri, na igreja de São José. Vemos ao lado, uma foto feita logo após a cerimonia religiosa.



Em baixo, flagrante tomado no salão nobre do Palace Hotel, quando da inauguração da exposição do pintor José Maria de Almeida. Sentado, o expositor, ladeado por distintos ornamentos da nossa sociedade.



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS,
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Petrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

Livros

SACRIFICIO DE MÃE, romance de Maria Dezonne Pacheco Fernandes — Livraria Cristo-Rei, editora — São Paulo, 1945.

SACRIFICIO
DE
MÃE
ROMANCE

A Sra. Pacheco Fernandes escreveu este livro para ensinar a resignação e a esperança. Assim, ele mandam sofrer com paciência os males presentes e aguardar os dias melhores que Deus, se bem implorada a sua infinita misericórdia, não deixará de mandar.

A heroína do presente romance atravessa uma fase crudelíssima de adversidade. Raras mulheres saberiam suportar tantos e tão grandes males, sem se revoltar ou sem descer. Esta, nem por um momento chegou a duvidar. Manteve o seu amor à vida e a sua fé na Providência. Tendo, na flor da mocidade, com todas as ilusões em flor, aceitado por esposo um herói de aparência e de cálculo, logo no dia seguinte ao das bodas se viu, a pretexto de uma viagem para negócios urgentes, inadiáveis, abandonada, como se todos os seus sonhos se devessem reduzir a uma aventura passageira. Não quis aceitar logo a realidade de tal infortúnio. Esforçou-se, lutou, sacrificou-se até onde possível por manter a dignidade, pelo menos o aspecto de felicidade do seu lar. Não conseguiu, porém, evitar que o marido a deixasse de todo e aos dois filhinhos que só ela verdadeiramente amava. Dedicou-se, então, de corpo e alma aos dois seres estremecidos. Ambos cresceram, se educaram e ainda bem moços revelaram, com exemplar bondade, inteligência peregrina. Eis, porém, que Luiz, o mais aplicado aos estudos, o primeiro do seu curso, fica cego de repente. E a mãe continua inalterável na sua devoção, inabalável na sua confiança. Leva a coragem ao ponto de a repartir, como se em verdade lhe sobrasse, por outras pessoas, todas as que, vendo-a padecer assim, se comovem, possuindo-se de amargura. Vão passando os anos, os lustros. A admirável criatura não esmorece nunca. E o heroísmo do seu coração é, afinal, tanto quanto possível recompensado. Sabedora de que o marido, arruinado, vencido pela doença como pela má sorte, está prestes a morrer, vai, com os filhos, visitá-lo, para lhe perdoar. E na veemência patética de tal cena, o filho que inexplicavelmente cegara, do mesmo modo e subitamente recupera a vista.

Tal, em suas linhas gerais, a história que a Sra. Pacheco Fernandes desenvolve em estilo correntio, despretençioso — às vezes um pouco singelo de mais — história de amor abnegado e de fervor religioso, que do eminente prelado e homem de letras D. Francisco de Aquino Correia mereceu alto louvor. Em carta de agradecimento à autora, escreveu o insigne arcebispo de Cuiabá:

"Devo dizer a V. Excia. que fiquei encantado com o seu modo de sentir a natureza, onde o sol, a lua, as estrelas, as flores, tudo se diria que tem alma e fala suavemente à sua sensibilidade; verifiquei o conhecimento que V. Excia. tem da nossa alta sociedade, cujo luxo parece reflectir-se-lhe no estilo; admirei a sua penetração da alma humana, sobre cujas tragédias procura sempre fazer raiar a luz das supremas esperanças e consolações da religião católica. Este livro fará assim à sociedade todo o bem que V. Excia. deseja, "elevando o coração das mães e homenageando a memória paterna" como dizeis."

CAIXINHA DE ENFEITES, fantasias, crônicas e uma conferência de Aloysio de Castro da Academia Brasileira — F. Brigueit & Cia., editores — Rio de Janeiro, 1946



Caixinha de enfeites é o título do primeiro trabalho. Que lhe chamem conto, alegoria ou simples devaneio, pouco importa. A finura e a graça destas páginas dispensam a formalidade da categoria. De qualquer maneira que, tecnicamente, as passamos considerar, nos sentiremos obrigados a declará-las deliciosas.

O assunto? Trata-se do septuagenário Torquato Junqueira, desembargador mineiro aposentado, que vive agora no Rio, em Santa Tereza, com sua esposa e sua neta Rosinha, ambas, por ele embora de modos diversos, adoradas. O magistrado é naturalmente conservador; cultua os autores clássicos; vai buscar ao passado, à tradição, as lições de bem viver e bem pensar que, entende ele, deveriam regular a existência de todos nós. Rosinha, com as suas desseis primaveras em plena floração ao sol caribenho, forma, ao lado do avô, o contraste mais fácil de imaginar. A começar pela afeição do velho à dantes chamada. Tijuca dos Pobres e o entusiasmo da moça pela Copacabana, reina entre os dois um conflito incessante, posto que risinho, de idéias, gostos, maneiras de apreciar as pessoas e os costumes. Qual dos dois vencerá? Praticamente, de certo a moça, pois, como todas as netas, fará do avô o que quiser; teoricamente, moralmente, só por milagre se decidiria. Entretanto, vai o devoto dos clássicos demonstrando, uma vez por outra, à adoradora de todos os modernismos, como aqueles mestres tinham razão, não apenas quanto às coisas do seu tempo, mas também em relação às do nosso. A propósito de vestuário e de enfeites, por exemplo, faz-lhe ouvir um trecho de Manoel Bernardes. Assombrado da menina, ao verificar como o congregado do Oratório, de quem ela tudo ignora, entendia de faceirice e de toucador; de estofos, joias e perfumes; de tintas, pastas e pomadas, como qualquer profissional ou perito da atualidade... Assim termina, o episódio doméstico daquele dia. Outros hão de vir, sem que Torquato Junqueira consiga dominar a vivacidade e os ímpetos de Rosinha nem esta chegue a abalar tão profundas, tão arraigadas convicções. E, se o autor deixou a questão suspensa ou continuando, não seremos nós que a havemos de resolver.

Há no livro uma série de panegíricos, mais reflectidos uns, outros mais sentidos, mais extensos estes, aqueles limitados pela condição das respectivas cerimônias ou celebrações, todos, porém, de nobre pensamento e forma esmerada. Assim o autor rende homenagem, sob o título geral de *Saudades*, a Felix Pacheco, D. Olívia Penteado, Felipe de Oliveira, Annes Dias, Jorge Hles de Mello e Rodrigo Octavio. De Alberto de Oliveira e de Miguel Couto nos fala em outras páginas de admiração e afecto profundos. E, entre os restantes trabalhos, se destaca, pelo vulto, a expressão de cultura e o senso crítico, a conferência consagrada à vida e à poesia do criador do *Rocaille au soleil* e das *Georgiques Aréliennes*, Francis James.

Novos

Homens que iluminam, conferências de Cristino Castelo Branco — Gráfica Editora Aurora Ltda. — Rio de Janeiro, 1946.

HOMENS QUE ILUMINAM

O Sr. Cristino Castelo Branco gosa plenamente da faculdade de admirar. Deve ser, por isso, além doutras razões que lhe assistam — e que com toda a sinceridade a ele desejamos — um homem contente com a vida e consigo mesmo. As horas que tem consagrado ao louvor dos méritos cheios lhe proporcionaram, a ele, outro tanto tempo de bem-aventurada emoção. Sente-se bem, nestas páginas, o jubile de render a homenagem da sua inteligência e do seu sentimento àqueles que se lhe afiguram verdadeiramente dignos dela. Depois de cada uma das celebrações ou simples cerimônias em que a sua palavra exaltou um Rui Barbosa ou um Tobias Barreto, sem dúvida o orador se regozijou como perante um dever bem interpretado e bem cumprido. Se algum dos personagens assim enaltecidos pudesse estar entre o auditório, certamente não experimentaria satisfação superior à do panegirista. Porque, para quem sabe admirar, vale isso ainda mais do que ser admirado.

Falando de Rui Barbosa, assim define o autor a existência do grande político grande orador, grande jornalista: "Luta campal e nobre foi a sua vida. Vida de sonhador

ajustado ao homem de ação. Luta de ideal pelo bem, pelo direito, pela justiça, pela liberdade, pela cultura, pela civilização. E as armas de combate, dos bons combates que pelejou, eram as mais perfeitas — pois, se bem escrevia, melhor falava". Nem toda a gente, de certo, aprovará esta última comparação que dá superioridade, ao tribuna em relação ao escritor. Nem por isso a intenção de quem a formulou fica desmerecida na sua sinceridade ou na sua veemência.

Conceitos igualmente ardorosos vamos encontrando nas páginas que dizem respeito a Pedro Lessa, Silvio Romero, Olavo Bilac, e outros vultos resplandecentes da intelectualidade brasileira. Explicando como esses homens iluminam, procura o Sr. Castelo Branco emprestar ainda mais intensidade ou uma expressão nova ao fulgor que deles emana. A Olavo Bilac assim se refere, nobremente: "Poetas, fazedores de versos, modernistas ou passadistas, futuristas ou decadentes não nos faltam. Abundam. Enxameiam. Acotovelam-se nas ruas, nas praças, nos cafés, em toda parte. Mas poetas dominadores, grandes poetas, expressões luminosas do sentimento e do pensamento humanos não são muitos. Poucos. E entre os poucos, Bilac fulge sempre". E a sua comunicação à Federação das Academias de Letras do Brasil sobre a individualidade de Clovis Beviláqua, assim termina: "Sobrepairando aos abalos morais da época em que vivemos, Clovis Beviláqua é agora, mais do que nunca, um índice de verdadeira cultura, dessa cultura espiritualizada que se opõe ao mal, à asfixia do pensamento, ao materialismo anticristão, antiliberal dos totalitários que convulsionaram o mundo. Índice dessa cultura real, que não morre, que não pode morrer, merece ele a homenagem espontânea de todos nós da Federação das Academias de Letras, que lhe rendemos neste momento, dando graças a Deus pela sua vida que engrandece a vida do Brasil".

OBRAS COMPLETAS de Adelino Magalhães — Livraria Editora Zélio Valverde — Rio de Janeiro, 1946.



Tristan Bernard, tão conceituoso humorista quanto espirituoso filósofo, registou severamente, no antelóquio de uma das suas peças, a intenção dum livreiro que pretendia editar-lhe o "teatro completo". Nenhum autor, opinou ele então, tem o direito de anunciar ou deixar anunciar as suas obras completas, enquanto lhe reste na cabeça um pouco de massa cinzenta para pensar e nos dedos um pouco de energia para escrever. Além do mais, haverá sempre em tal procedimento uma espécie de engodo, uma improbidade para com os clientes de livraria que, julgando adquirir tudo quanto certo homem de letras produziu, ficam sujeitos à contrariedade de verificar, alguns meses depois ou até no dia seguinte, que o sujeito continua a trabalhar e não dá esperança do seu próximo desaparecimento dentre os vivos. "Por conseguinte — conclui o adorável moralista de Monsieur Codomat — só devemos publicar as nossas obras completas... depois de mortos".

Não pensa do mesmo modo o Sr. Adelino Magalhães. E está no seu direito. Admitindo que ele admire tanto quanto nós o autor de *Triplepalle* e do *Danseur inconnu*, nem

por isso deixamos de lhe reconhecer a faculdade de imprimir o conjunto integral dos seus trabalhos sempre que isso lhe pareça necessário ou se lhe torne agradável. E ainda que venha a criar novos romances, estudos sociais ou ensaios de crítica, sempre lhe assistirá o recurso de novas edições das suas obras... cada vez mais completas.

São agora dois grossos e bem atochados volumes. Mais de mil e trescentas páginas de amplo formato, que compreendem o labor de alguns lustros. E não há como acompanhar-se nelas metódicamente, a carreira do Sr. Adelino Magalhães por ser este um autor que principiou vitorioso. Vitorioso, da melhor maneira: discutido. O seu livro de estréia sofreu condenações e gosou louvores de extrema veemência. O escritor se apresentava com ostensiva audácia de idéias e de estilo. Certos críticos se indignavam, outros comentadores — estes, bem entendido, mais moços que os primeiros — o aclamaram conferindo-lhe o título de iniciador do suprarrealismo no Brasil e até no mundo inteiro. A propósito doutro livro: *Tumulto da vida*, ponderou Tristão de Atlayde: "Pretenderá o Sr. Adelino Magalhães erigir a desordem em dogma na arte?" Mas diversos defensores também ilustres, entre eles Nestor Victor, responderam directa ou indirectamente a tal pergunta, declarando não se tratar de desordem nem de mera pretensão, mas sim da afirmação real duma arte diferente, independente e tanto quanto possível original. Assim se formou a notoriedade do autor e o seu nome adquiriu um prestígio que os dois volumes presentes só poderão continuar. E talvez, afinal de contas, Tristan Bernard não tivesse razão.

J. L.



UMA CREAÇÃO INIMITÁVEL DE

ROGER & GALLET



Tenha o mundo a seus pés...

Uma cabeça bem cuidada com cabelos são e juvenis completa a elegância. E o mundo a notar como pessoa de bom gosto e de apuro. Brylcreem dá brilho, torna os cabelos sedosos e brilhantes. De perfume suave, fixa naturalmente o penteado, sem emplastar. Evita a caspa e tonifica a raiz do cabelo. Experimente após o permanente! Nos cabelereiros de 1.ª ou nas suas 8 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos.

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO



Ele tinha a fama de mentiroso. Na verdade, mentiroso, propriamente não era. Entusiasmava-se, às vezes, ao ouvir sua própria voz, e continuava indefinidamente a falar, prolongando as histórias com peripécias que não tinham acontecido. De resto, não mentia mais do que outros caçadores, talvez mais habéis na sua mistificação. Em todo o caso, ele, que nunca tivera, exceto em sonhos, o contacto direto com o mistério das selvas, sabia dar, para ouvintes admirados, uma descrição bem viva de aventuras estonteantes, alimentadas com leituras sofregas das obras dos grandes exploradores. A verdade é que animava-o uma ansia teórica de aventuras e ele sentia em seu quarto pobre, a mesma emoção violenta do homem que se sente esmagado pelas forças indefiníveis que agem dentro da selva. Podem dizer que ele tirara do avanço na jangal uma noção puramente

poética, em detrimento de outros aspectos mais realistas.

Mas é inegável, e sabe-o quem lá esteve, que não é puramente ficção o que descrevem os poetas e que de fato há um choque no encontro temível entre o homem e os elementos. Naturalmente, ele sempre relatava os casos num arranjo favorável à sua fantasia — nem as forças primitivas eram autênticas, mas simples disciplinadas forças do sonho. Faltava-lhe aquela grandeza selvagem que Conrad pôs em cena, mas é bom não esquecer que eram produto da imaginação de um jovem empregado de balcão, um pouco mais sofisticadas do que a ilusão do herói super-homem, mas eu no fundo, procedentes da mesma origem complexa. Numa espécie de compensação pela sua vida apagada, ele arquitetava aquela loucas aventuras, mas, certamente elas encerravam elementos inegáveis

A JAULA

Conto de JOHN ADAMS

de sua própria situação e sua própria personalidade. Tanto assim, que era, finalmente, o ideal burguês de um aumento de salário, quando muito de ocupar o lugar do patrão, de casar e ter filhos, era somente isso que estava atrás da aparelhagem dos sonhos e devo observar que, caso se lhe apresentasse a realidade do fenómeno que ele ambicionava, ele ficaria aterrorizada. Justamente porque lhe faltava aquele impulso épico das grandes aventuras, ele fascinado por elas, imaginava-se protagonista, mas nunca teria a coragem de romper com as raízes que o agarravam ao emprego seguro, à pequena cidade. Bastava-lhe a imaginação, e ele enchia horas e horas com os espectros evocados.

Um dia, porém, encontrou-a. E' natural que não a visse como realmente era — uma moça sem grande inteligência, simples, franca, bela porque moça, daquela frescura da mocidade que os anos vão dissipando: produto que, à falta de outros elementos azeda e torna-se a proverbial figura da esposa que não entende o marido. Faltava-lhe, sem dúvida, perspicácia para definir a imaginação do rapaz e divertir-se tranquilamente com ela, sem dar a perceber, é claro, que tinha localizado a sua fraqueza. A atração puramente física, bastante normal, de resto, não bastava, e todas as vezes que ele abria diante dela o seu compartimento de sonhos, válvula de escape para o recalque de que sofria, ela o fazia parar, sem compreender, dizendo:

— Você é um mentiroso!

Sim, ele mentia, mas o que ela não tratava de investigar era a causa daquela mentira, a origem daquela exaltação que o fazia descrever, com os olhos brilhantes, aventuras prodigiosas. Ele sentia, naqueles momentos, coriscos e relâmpagos à sua frente, e estava cego e surdo, diante dela, falando, falando. Ela como se uma bofetada o fizesse sair do transe:

— E' mentira sua. Então não está vendo que eu não acredito nisso?

E ele se sentia humilhado porque imaginara-a como a companheira ideal para os passeios loucos, fantásticos, porque ela representava o complemento necessário do sexo nos seus sonhos. Era a heroína para os beijos nos dias de tempestade, sozinhos, num rochedo. Ele se sentiria forte se ela se submetesse, se alimentasse nele aquela sensação poderosa de virilidade. Senhor e amo...

Mas, pelo contrário, o que ele recebia era o desmentido frio.

— Ora vejam só que loucura! Na África? E, por que não na lua, já que você tomou embalagem?

Ele odiava-a por vezes, naqueles momentos. Mas ela lhe era necessária, tanto mais necessária quanto mais incrédula, porque ele sentia a necessidade de reafirmar-se como homem — como homem FORTE.

Sentia que eu me lançava diretamente no turbilhão, e vencia à custa de sua própria energia, ou sucumbia para sempre e, noivo desafiado, ia tornar-se o marido submisso, fraco, sem aquela posição que sonhara do homem maravilhoso, que o permitisse ver a si mesmo como o príncipe encantado. Tanto mais vulgar sua aspiração, quanto mais humana, a forma mais perfeita da vulgaridade, da qual o ideal quer desprender-se e alçar-se, mas à qual está preso. Porém o

(Continua na pág. 46)

O jornalista Augusto Maurício vem de reunir em um volume fartamente ilustrado, uma seleção de quarenta crônicas referentes à história dos templos velhos da capital da República, sob o título "Templos Históricos do Rio de Janeiro". Será esse livro prefaciado pelo escritor Mucio Leão, dedicado ao nosso conterrâneo Mario Nunes e terá ainda uma sugestiva capa desenhada pelo nosso companheiro Raul Pedernheiras. E' desse interessante trabalho, a aparecer brevemente, o capítulo mérito que hoje oferecemos aos leitores.

QUEM passa pela rua da Misericórdia e, displicentemente, dirige a vista para uma igreja situada no fundo do Hospital da Santa Casa, bem no sopé da ladeira — único remanescente do demolido morro do Castelo, jamais pode supôr que além daquelas grossas paredes sem outro atrativo a não ser o respeito que merecem as obras antigas, haja um mundo de preciosidades escondidas. Dizemos escondidas porque a igreja só está aberta pela manhã, para a realização do culto religioso, e é justamente durante a tarde que o movimento de pedestres mais se intensifica naquele recanto velho da cidade.

E' ali o templo que tem a invocação de N. S. do Bom Sucesso, pertencente ao patrimônio da Sta. Casa da Misericórdia, e cuja devoção conta mais de três séculos, por isso que data de 1637.

Naquele ano, já tão distante, o Padre Miguel da Costa, aqui chegado procedente de Portugal, trouxe em sua companhia a imagem da Virgem que lhe merecia a mais elevada veneração. Com a indispensável permissão do Provedor do estabelecimento hospitalar colocou a imagem em um dos altares, onde logo grangeou muitos devotos que passaram a festejá-la. Em breve o culto à Virgem do Bom Sucesso crescia, e a Santa teve até mordomos e zeladores, ficando o Padre Miguel da Costa como seu procurador e tesoureiro. Tamanha era a sua evidência que N. S. do Bom Sucesso passou a ser considerada padroeira do Hospital da Sta. Casa, e suas festas, realizadas sempre no primeiro domingo seguinte ao dia 8 de setembro, alcançaram grande brilhantismo, e atraíram membros da nobreza e do povo, na sua mais alta condição social.

Dizem os antigos que na primeira vez que se festejou a Virgem (11 de setembro de 1639), achando-se o SS. Sacramento exposto, a sua imagem foi vista na hóstia consagrada durante cerca de uma hora e meia, por três sacerdotes, e que, ainda em uma novena resada por motivo de grande sêca que assolava então o Rio de Janeiro, o mesmo milagre se repetiu, segundo declaração de Frei Miguel de São Francisco.

No ano de 1652, no mês de setembro, já morto o Padre Miguel da Costa, o Juiz da Irmandade do Bom Sucesso fez doação da instituição à Santa Casa da Misericórdia, assim como todos os bens pertencentes à Virgem, sob a condição de continuarem a festejar a Santa milagrosa. O documento referente a este assunto deve ainda encontrar-se no 1.º Livro do Tombo daquele Hospital.

Não obstante a letra da escritura, poucas festas foram realizadas em louvor à Senhora do Bom Sucesso.

A imagem que se vê no altar-mór é de pequenas dimensões, e sobre ela pairam dúvidas de ser, ou não, a primitiva que fundou a devoção.

Segundo Frei Agostinho de Sta. Maria, no "Santuário Mariano", a primitiva foi retirada do templo pelo Provedor Tomé Corrêa de Alvarenga, antigo Governador, que a levou para a sua casa, colocando-a em oratório particular, para que somente ele e a família a venerassem, e que, mais tarde, daqui fora para Lisboa, conduzida pelo mesmo ex-Governador. Em seu lugar teria sido colocada uma outra imagem perfeitamente igual.

Não podemos asseverar ser ou não verdadeira essa substituição, porquanto Tomé Corrêa de Alvarenga faceceu nesta cidade em setembro de 1675, e o seu corpo, conforme o seu desejo expresso, teve sepultura na entrada da igreja. Assim sendo, como poderia ter ido parar a Lisboa a imagem de lá trazida pelo Padre Miguel da Costa?

Essa interrogação jamais terá uma resposta elucidativa.

UM TESOURO DE ANTIGUIDADES

Como dizíamos no princípio desta crônica, a igreja de N. S. do Bom Sucesso é um mundo de preciosidades do mais alto valor arqueológico. Quem entra no templo, não sabe, de pronto, o que mais deva admirar — tantos e tão variados são os objetos que os seus olhos contemplam de repente. Tudo ali fala do passado; em cada uma daquelas magníficas obras há um rumor de glória e uma comovida lembrança dos tempos que se foram e que só a lembrança e a saudade podem reviver. E como é agradável penetrar-se naquele ambiente onde tudo recorda uma história bonita que ali vive, muda e silenciosa, em cada banco, em cada altar, em cada imagem!

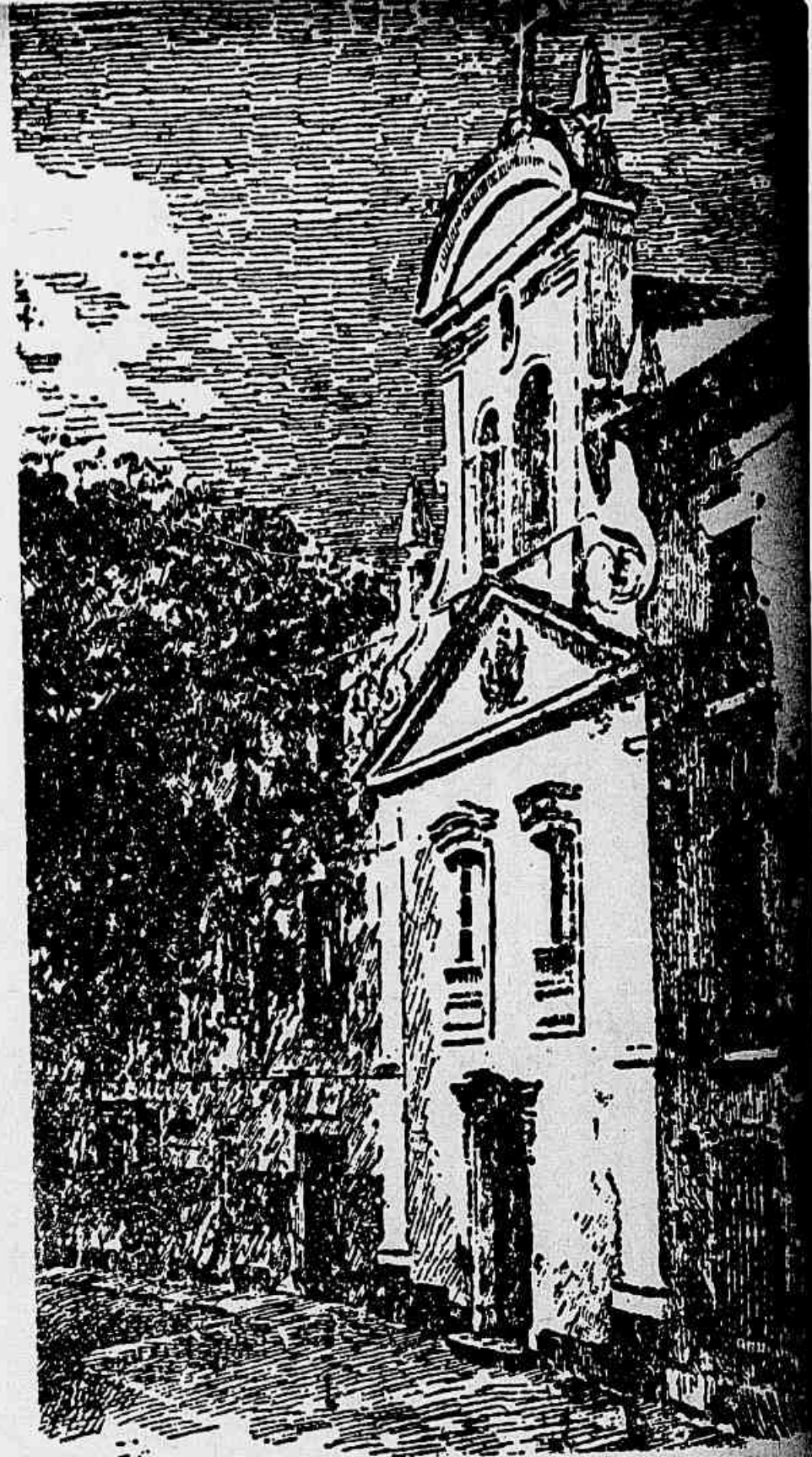
Pendentes do teto todo branco e cuidadosamente limpo, destacam-se onze lustres de puro cristal da Boêmia, fulgindo à luz. São peças de grande beleza e que hoje representam enorme soma.

Três altares construídos em madeira denunciam logo a época de sua confecção — 1567. Um é grande, e dois menores. Há, também um púlpito que, como os altares, apresenta caprichoso trabalho. Destoam inteiramente — altares e púlpito, do estilo da igreja, mas a sua confecção é tão preciosa que a divergência não chega a chocar. Pertenceram todos à igreja dos Padres Jesuítas do Morro do Castelo. Naquele púlpito, por certo que muitas vezes pregaram o Evangelho os Padres José de Anchieta e Manoel da Nóbrega, os dois grandes expoentes da palavra sagrada que, pelo seu saber merecem eterna reverência.

Nos altares acima mencionados, as imagens são igualmente modeladas em madeira e de rara perfeição. No maior está Sto. Inácio de Loyola, tendo aos lados, sobre duas peanhas, S. Francisco Xavier e S. Francisco de Borja. Nos outros dois, ao centro, se vêem duas imagens da Virgem da Conceição, perfeitamente iguais, ladeadas, cada uma, por seis pequenas estátuas dos apóstolos do Cristo, com cerca de um palmo e meio de altura.

Além do altar-mór, onde se acha, ao alto, o Cristo Crucificado, e, logo abaixo a imagem de N. S. do Bom Sucesso, há ainda quatro outros altares, em que são venerados N. S. de Nazaré, N. S. da Cabeça, N. S. das Dores e S. Salvador.

Tudo está em ótimas condições de conservação e asseio, o que se deve ao desvelo de Manoel de Sá, funcionário que conta cerca de vinte anos de serviço à igreja, e que sabe informar aos visitantes do templo tudo quanto lhes possa ser útil. E o faz sempre com entusiasmante solicitude e admirável boa vontade.



A pia batismal, colocada à esquerda da porta de entrada, não apresenta nenhum traço de maior curiosidade; no entanto o quadro que lhe fica ao fundo, pintado sobre cobre, representando o batismo de Jesus, é uma obra de arte.

Acima está o côro, espaçoso, com cadeiras, estantes e o órgão que conta aproximadamente 200 anos, mas que funciona como novo.

SACRISTIA

E' uma peça ampla, cheia de luz. Há ali quatro arcazes de jacarandá trabalhado, e no centro deles, em pequeno altar, uma magnífica imagem de Sta. Isabel, mãe de S. João Batista.

Nas paredes grandes quadros com efigies de santos, todos muito antigos e de inestimável mérito histórico. Um outro quadro, embora menor, desperta a atenção: é o que lembra o milagre do aparecimento da Virgem do Bom Sucesso na hóstia, pintado a óleo. Não está assinado nem tem data visível. Entretanto logo se percebe ser de data muito afastada. No próprio quadro o autor apoz abaixo a seguinte inscrição:

"No ano de 1639 aos onze de setembro na domingo infra octava na Natividade da Senhora dia em que se celebrou a primeira festa à N. S. do Bom Sucesso, estando o SS. Sacramento desencerrado, apareceu na custódia a Virgem Sra. na forma que está pintada e viram três sacerdotes por espaço de hora e meia estando a completas e foi aprovado este milagre".

(Continua na pág. 46)

A IGREJA DE N. S. DO BOM SUCESSO





Ao alto, à esquerda: Frank Morgan e a "novíssima" Barbara Hale, numa sequência de "A Dama da Sorte", da RKO. Há ainda, nesse filme, Robert Young que tem atuação dramática imprtante. — A' direita Humphrey Bogart palestrando com uma jovem brasileira, Maria Belmar, que já tem aparecido em comédias de Abbott e Costello e desfilou, anos passados, em um concurso de beleza nrtre-americano, sob o título de "Miss Brasil". Em baixo, Orson Welles (sentado, de cabelo e barba grisalhos), e Claudette Colbert, protagonistas do filme "Tomorrow's for ever". A propósito de mr. Welles, sabe-se que ele projeta abandonar definitivamente o cinema. Mas todos conhecemos a inconstancia do Cidadão Kane...

HOLLYWOOD, abril (Por Louis Serrano, correspondente especial da REVISTA DA SEMANA) — A fúria dos filmes cuja ação transcorre no Brail, está começando a dominar os estúdios hollywoodenses. Ainda a RKO-Rádio não estreou "Interludio", em grande parte uma história passada na "cidade maravilhosa" e valorizada com a presença de Ingrid Bergman, que é sempre um amor de pequena — e já a Columbia mete ombros na filmagem de "Rendez-vous n Rio", para o qual estava sendo reclamado o Grande Othelo, quando redigimos esta crônica. De fato, o popular artista "colored" virá — ou virá — para posar e gravar um número no referido filme, e o convite da Columbia fez-se por intermédio do nosso patricio Aloisio de Oliveira. Mas parece que alguns obstáculos teriam surgido aí no Rio, ligados à quitação do Imposto de Renda e do serviço militar, por parte de Grande Othelo, motivo porque, disseram-me, se ele não estiver aqui em Hollywood no próximo dia 23, será tarde. Nesse caso, poderá dizer, caso o popular ator insista em embarcar: — "Já vai tarde..." Mas nós esperamos que Othelo consiga solucionar todos o impasses e desejamos tê-lo aqui em Hollywood, a princípio experimentalmente, mas depois com um contrato decisivo. Não tenhamos d"vidas: Se a experiência de Grande Othelo der certo, como todos esperamos, não tardará que a Columba ou qualquer outro est"dio lhe façam uma proposta definitiva. E então, Hollywood terá mais um grande artista brasileiro em seus domínios. Nem é bom pensar o que seriam Carmen Miranda e Grande Othelo trabalhando juntos. Nem é bom pensar porque a idéia passou-nos pela cabeça, de relance, mas pode também agaalhar-se no cérebro de algum produtor inteligente e teimoso, e então, vencidos todos os impasses do serviço militar e do imposto de renda, Grande Othelo ficará por aqui mesmo... Existe exagero nesta profecia? Muito mais duvidosa seria a carreira de Carmen quando ela veio em 1939, e o resto, todos nós sabemos.

Os tempos são outros e todas as possibilidades se oferecem, hoje, para artitas do valor de Othelo.

Na página ao lado, em cima, Ingrid Bergman palestra com o diretor Alfred Hitchcock sobre um detalhe qualquer do diálogo de "Interludio", filme passado no Brasil. Em baixo, Dorothy Mc Guire e o ex-marinheiro Guy Madison, protagonistas do filme "Till the End of Time" da RKO.

A REVISTA EM HOLLYWOOD





A fabricação das cabeças de cera, para o famoso museu parisiense, obedece a um meticuloso trabalho executado por uma equipe de técnicos. Aqui estão duas sugestivas figuras, cuja pose fotográfica da margem a um interessante "truco". Aparentemente, a cabeça feminina está dando um beijo a testa da outra figura. Há em Londres, um museu equivalente, o de Madame Tussaud, mas sem dúvida é no Grévin, de Paris, que os mais bem feitos e habilidosos tipos desse estilo se encontram, inclusive os três "grandes", da última guerra: Stalin, Churchill e Truman.

NO MUSEU GREVIN EM PARIS

A glória é, de certo modo, apenas uma efígie num selo, ou numa moeda, um manequim no museu de figuras de cera, ou um pingote de tinta na história.

De certo modo? Não, completamente.

Mas a glória é fugaz... o selo é substituído, perde a moeda o valor, atira-se na caldeira o manequim afim de aproveitar, para outro, a cera.

Desejando recordar uma época, nada mais indicado do que uma visita ao velho museu Grévin, em Paris, que equivale ao museu londrino de Madame Tussaud.

As figuras de cera, em sua vida petrificada, em sua alucinante semelhança com os heróis, as estrelas do palco ou da tela, os assassinos, etc... possuem tal poder de atração que o povo, todos os dias, se acumula antes

STALIN, CHURCHILL E TRUMAN, OS TRES GRANDES, REPRODUZIDOS EM CÉRA — A HISTÓRIA DO DORMINHOCO — OS ALEMÃES NÃO CONSEGUIRAM VER O FUEHRER NO MUSEU, DURANTE A OCUPAÇÃO

Figuras de cera: glórias por demais transitórias — por GEORGES RAVON

(Especial para a REVISTA DA SEMANA, pelo Serviço Francês de Informações.)

as bilheteria. Provincianos, em sua maioria, a eles se juntam, agora, numerosos soldados aliados.

A cena em que figuram os Três Grandes atrai a atenção geral.

— Stalin e Churchill, estão muito parecidos e era assim mesmo que eu os imaginava — diz um senhor com ar solene — mas Roosevelt não, eu o julgava mais corpulento...

Observação que não é de estranhar posto que se trata de Truman.

Tiveram os técnicos do Museu Grévin, grande trabalho com os "três grandes".

— Foi terrível — disse-me um deles — "apenas tínhamos modelado o "nosso Stalin", "nosso Churchill e "nosso Roosevelt", e o presidente dos Estados Unidos desaparecia. A seguir, Churchill deixava o Governo. Depressa, fundimos, pintamos, vestimos um Truman. Mas ainda não tivemos tempo para fabricar um Attlee. E, ainda há pouco, fala-

ram de uma misteriosa doença de Stalin!"

Quando é necessário substituir uma figura por outra, os técnicos põem mãos à obra. A documentação fotográfica é reunida, o escultor inicia o trabalho, os cabelos são colocados um por um, enquanto se escolhem os olhos que mais convêm assim como as mãos.

O traje das figuras de cêra provoca também inúmeros problemas.

— Fazemos questão — declarou meu guia — de exatidão senão de autenticidade. Antes da guerra, as personalidades que reproduzimos na cêra, davam-nos frequentemente suas próprias roupas.

★

A história do Dorminhoco é interessante.

Há no Museu, um boneco de cêra, sentado num banco, adormecido sobre o seu jornal. O público se diverte da confusão dos visitan-

tes de vista fraca que se desculpam ao tocar de leve o manequim, julgando-o um contemporâneo. E' o manequim do Dorminhoco.

Em 1905, porém, o sr. Arthur Meyer, diretor do jornal "Le Gâulois", chegou esbafo-rido, no escritório do Diretor do Museu:

— Como é isso, sr. Diretor, seu manequim adormeceu lendo o "Le Gâulois"! Quererá o sr. insinuar que a leitura do "Le Gaulois" provoca o sono? Processa-lo-ei, sr. Diretor!

Foi preciso retirar "Le Gaulois" das mãos do Dorminhoco e introduzir, entre elas, o "Petit Parisien".

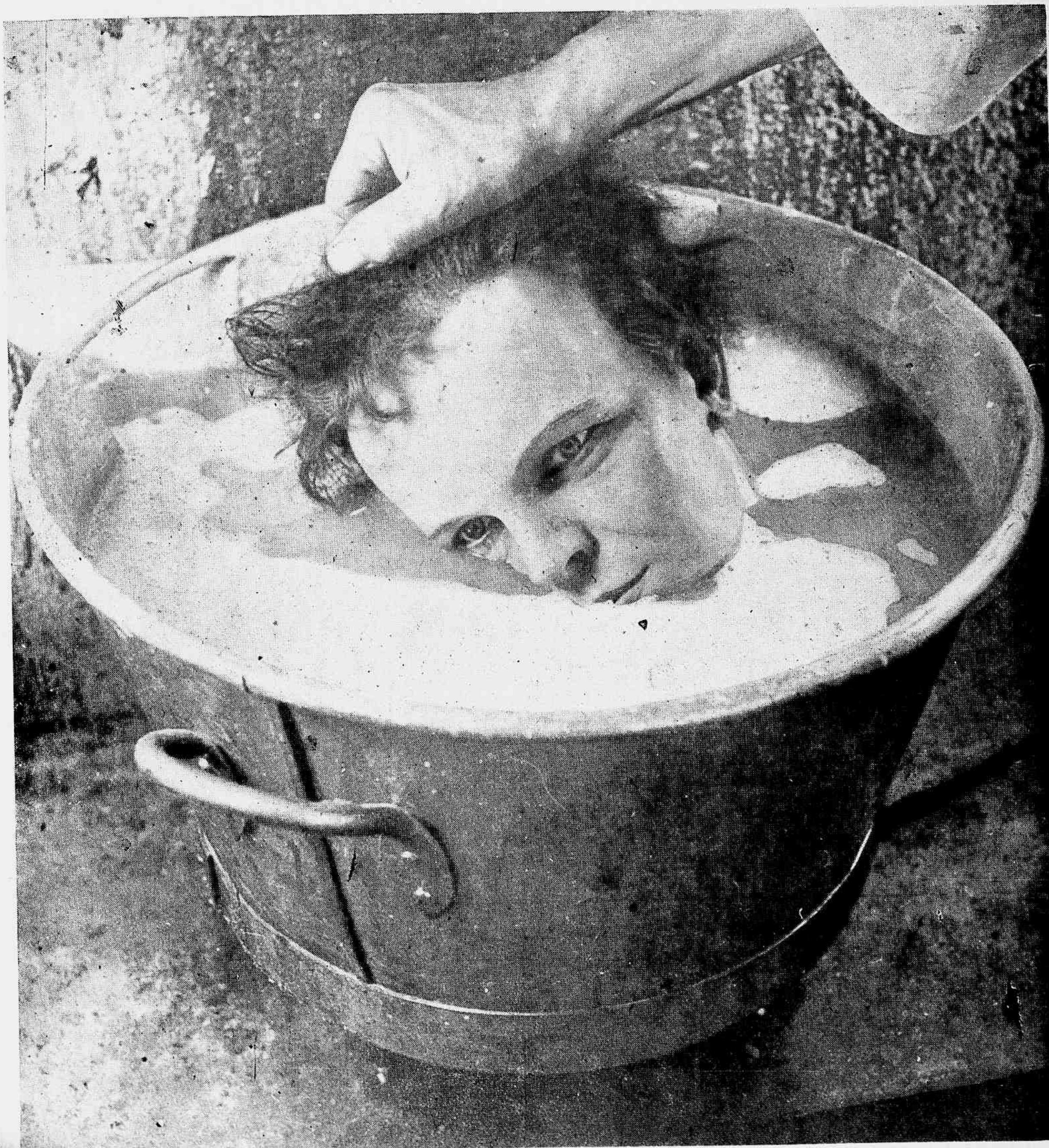
No dia seguinte, violenta intervenção do Diretor dêsse jornal e a seguir do Diretor do jornal "Le Matin".

Desde então, o Dorminhoco cochila sobre... o "Diario Oficial".

E, ninguém reclamou...

(Continua na pág. 55)

A' direita, a imagem de La Fayette, reproduzida magistralmente em cêra, é apreciada por um soldado norte-americano, em visita ao museu Grévin. E em baixo, outra interessante cabeça, quando submetida ao processo de derretimento. Periodicamente essas figuras são substituídas, e por isso, resulta sumamente transitória a gloria de cada cidadão ali exposto. Atira-se na caldeira o manequim e a cêra dissolvida será, mais tarde, aproveitada para outro heroi...





Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

Um reporter carioca...

Continuação da pag. 22

Como vivem os brasileiros na América? É fácil responder. Os brasileiros são poucos por aqui, não temos em Nova-York sequer uma colônia que justificasse a circulação de um jornal a ela destinado, como sucede, com outras. Há milhões de italianos em Manhattan e por isso come-se "spaghetti" em cada esquina, mas os brasileiros ufanam-se de terem reunido, incidentalmente, tres mil patriotas nas festas do ultimo Natal. Tres mil para quasi oito milhões! Mas si a quantia é escassa, a qualidade em compensação supre aquela lacuna, e temos encontrado brasileiros que trabalham, com acerto e eficiencia. Tem o brasileiro, todos aqui reconhecem, um poder de adaptação a esta terra, mercê do tratamento amavel que nos dispensam os nativos. Dizia-nos uma brasileira com dez anos de America: — "Esta terra está para o brasileiro assim como o Brasil para os portugueses. Eles chegam ao Rio morrendo de saudades, mas acostumam-se embora com o coração sempre voltado para a patria. Acabam vivendo eficientemente no Brasil. Pois o mesmo acontece conosco. Extranhamos e parecemos dispostos a voltar sem demora, mas acabamos habituados ao café com creme, ás comidas com açúcar e gostando muitissimo de tudo..."

E assim é. Dos homens de governo, de comercio, de teatro, de imprensa, de rádio, de quantos nos aproximamos, chegam-nos sempre atenções. Falam os norte-americanos com os brasileiros como si estivessem em familia a ponto de se abrirem, por vezes sobre problemas politicos e sociais de ordem interna. Nesse particular o norte-americano possui uma certa afinidade com o brasileiro. Já se discute si o Presidente Truman encontrará maioria de votos para uma reeleição, e censuram-se abertamente as deliberações do Congresso com uma semcerimônia incrível.

Estamos na terra da Liberdade, sim, mas esta liberdade não é ampla em relação aos brasileiros. Lendo as declarações que o Presidente Truman nos fez em Washington sobre os destinos da politica de boa vizinhança, sinto um "leader" de Wall Street — "Algo que mr. Truman quizesse o contrario, a politica de boa vizinhança com o Brasil teria de continuar porque o nosso povo está convencido de seus bons resultados. E muito contribui para isso a attitude do seu país durante a guerra".

De fato, neste país a vontade do povo é sempre e pela menos respeitada. Quem quiser conhecer o que seja uma campanha em regra de opposição, veja a America. Por isso mesmo a America ha de continuar sendo a terra da Liberdade. Porque o seu povo coloca o culto da Liberdade acima de tudo. E o governo está aqui para respeitar essa devoção.

A igreja de N. S. do Bom Sucesso

(Cont. na pág. 1)

Ao fundo da sacristia destacam-se dois candelabros de metal branco do mais fino lavor, e em frente, um lavatório de mármore com figuras embutidas, de várias cores, no mesmo estilo dos que existem nas Igrejas de Sta. Rita e S. Francisco de Paula. Além disso há ainda outras prendas que completam aquele relicário de maravilhas que é o templo da rua da Misericórdia.

(Página do livro "Templos Históricos do Rio de Janeiro", a sair brevemente.

AUGUSTO MAURICIO

O aviso

Continuação da página 55

Larry subitamente tomou o braço de Peter:

— Não o procure Peter. Pela nossa amizade. Pelo amor que você tem à sua esposa!

Peter não sabia o que fazer. Respondeu, agitado.

— Vou ver. Vou ver.

Tinha em suas mãos o endereço de Julian. Iria procurá-lo?

Naquela mesma noite Anne perguntou:

— Peter que há com você? Nesses últimos dias você tem andado diferente, preocupado. Que há?

— Nada. Nada.

— Peter, você sabe que não deve me esconder nada. Você pensa que eu não sei o que aconteceu?

— Como?

— Não é verdade que Julian voltou?

— Como é que você soube disso? Ele esteve aqui? Procurou você?

Continua na página 51

Antisardina



Minhas amiguinhas, façam como eu, evitem o contraimento da pele ao sorrir. O uso diário do creme ANTISARDINA n.º 1 assegura a perfeita elasticidade da cutis evitando as rugas precoces.

ANTISARDINA é o meu creme ideal.

Em 21 de outubro de 1944

(Ass.) MIRACÍ DE ASSIS

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.º Lda

*Adquirir o direito de ser jovem e bela
usando* VELAS ANTISSEPTICAS



EM TODAS AS FARMÁCIAS E DROGARIAS DO BRASIL

Fique sedutora! REDUZA ESSA GORDURA QUE TANTO A ENFEIA TOMANDO
VINHO CHICO MINEIRO

NÃO EXIGE REGIME, NÃO FAZ MAL E É USADO HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO
MULTIFARMA — Praça Patriarca, 26 — Sala 6 — São Paulo — Remessa pelo reembolso postal

S. A. Publicidade

Meia-estação

V-1435 — Traje para mocinhas, composto de saia de lã azul marinho, "godet" e com dois "machos". Blusa de "lingerie" branca com pregas horizontais pespontadas.

V-1436 — Prático e bastante elegante é este modelo de lã quadriculada. Pala pespontada e tiras pespontadas na blusa, donde saem bolsinhos brancos. Golinha branca também de piqué. Saia "em forma".

V-1437 — Modelo para manhã, em lã cinzenta. Pregas na blusa e na saia. Viéz azul marinho nas palas da blusa e da saia. Botões decorativos.

V-1438 — Modelo de lã com recortes originais. Gola de "smoking". Quatro bolsos embutidos, terminando em "moscas".

V-1439 — "Duas-peças" de lã com bolsos originais e nova linha na gola.



V. 1436.

**MAIS VALE
PREVENIR
DO QUE
REMEDIA**

**SIGA
ESTE
PROVERBIO**



**TOME E DÊ
AO
SEU FILHO
EMULSAO
DE SCOTT**

*De Lábio em Lábio...
dou volta ao mundo!*



Faltam suas massas inconfundíveis, pelos seus tons modernos e harmoniosos, ZANDE - o baton que está na moda - conquistou a preferência de todas as mulheres lindas do mundo. ZANDE dá aos lábios um contorno perfeito, conservando-os avermelhados e perfeitamente maquiados durante muitas horas.

Zande

O BATON PERFUMADO DA MULHER SONHA

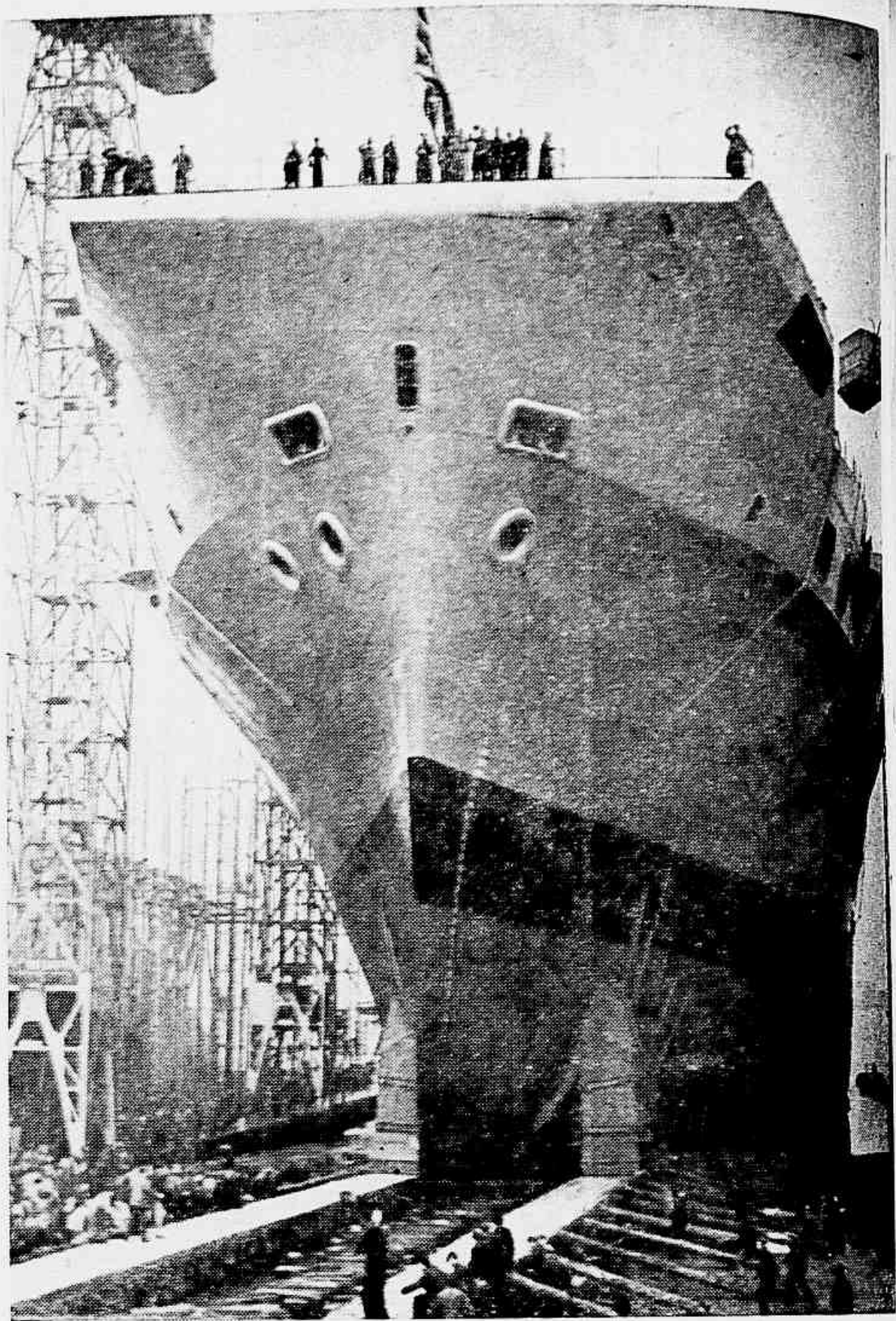
HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS

Pílulas de Herva de Bicho
compostas inalteradas

LIC 2518
10-5-925-A.N.S.R.

DÓR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use **AURIS-SEDINA**



NOVO GIGANTE DOS MARES — Aqui vemos o maior porta-aviões britânico, que vem de ser batizado pela princesa Elizabeth, em solene cerimônia realizada nos estaleiros da Messrs Harland & Wolff, em Belfast. Este flagrante foi feito quando a nova e gigantesca unidade da Home Fleet desfilava pela carreira para flutuar. Este belonave foi lançada ao mar como parte integrante da nova frota da Grã-Bretanha, que se aumentará com outros vasos de guerra que já se encontram em construção.

FLAGRANTES

A MADRINHA DO "EAGLE" — Na foto abaixo vemos a princesa Elizabeth da Grã-Bretanha, madrinha do novo porta-aviões "Eagle", que foi recentemente lançado ao mar nos estaleiros de Belfast. Ao lado da madrinha da gigantesca belonave, aparece sir Frederick Redbeck, da firma Messrs Harland & Wolff, poderosa empresa armamentista britânica, a quem foi entregue parte dos trabalhos de ampliação da Home Fleet e da Union Jack, que agora serão completamente remodeladas e dotadas de novas e possantes unidades.





AS TRISTES CRIANÇAS DE HONG-KONG — Num hospital da Cruz Vermelha Britânica, em Hong-Kong, foi feito este flagrante, que mostra crianças acolhidas pelos ingleses naquele porto. O hospital de São Paulo em cuja terrasse passa-se a cena, está repleto de crianças vadias e desamparadas, que a tragédia da ocupação japonesa espalhou pelas ruas da cidade. Muitos destes meninos estão seriamente enfermos, em virtude das privações sem conta que passaram, durante os dias negros em que os ataques dos soldados nipões martelavam o calçamento de Hong-Kong.

INTERNACIONAIS

NOVO FILME INGLÊS SOBRE O AMAZONAS — Antes de partirem para o Brasil, em missão de estudos, os membros da comissão técnica que ora visita a Amazonia para colher dados para a produção do filme "O fim do rio" (The end of the river) visitou na Embaixada Brasileira em Londres o escritor Paschoal Carlos Magno, com ele trocando ideias e colhendo sugestões. Na foto acima, o poeta patricio aparece ao lado dos técnicos cinematograficos ingleses.





TINTURA FLEURY

**DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELLO**

Em poucos minutos a cor natural volta aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 48. Sob. Rio

Nome

Rua

Cidade..... Estado.....



**Nenhum RELOGIO lhe dará
tanta SATISFAÇÃO**

como o

CYMA



*Antimagnético
de Fama Mundial*

CYMA

A 30 DE ABRIL

Número especial de aniversário de "A CENA MUDA".
A única revista semanal ilustrada inteiramente consagrada ao cinema, ao rádio, ao teatro, à música popular e aos "grill-rooms". Colaboração de

HENRIQUE PONGETTI
MARQUES REBELLO
LÚCIA BENEDETTI
CELESTINO SILVEIRA
R. MAGALHÃES JUNIOR
ARMANDO MIGUÉIS
e
JOÃO JOSÉ

Edição aumentada, com OITO
PÁGINAS A CÔRES — PREÇO
PARA A CAPITAL, CRS 2.00 —
PARA OS ESTADOS, CRS 2.50.



ZIMOLACTOL

Granado

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

Agora muitos usam
DENTADURA POSTIÇA
com perfeita comodidade

Coma, fite, ria os dentes, sem medo de que sua dentadura postica se desprida ou caia da boca. **FIXODENT** conserva as dentaduras com mais firmeza e usáveis mais comodas na boca. Este pó de saboe agradável não deza na boca nenhuma sensação pegajosa. Não provoca náuseas. É aleatório (não irrita). Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidores para todo o Brasil:
QUINTO LUGAR AMERICANA LTDA.
Av. Rio Branco, 14, 1.º - Rio de Janeiro

Desperte a Bilis do seu Fígado

o salutar da cama disposto para toda a vida. Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bile. Se a bile não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodreçam. Os gases incham e causam desconforto. Saborear a prisão de ventre. Você se sente aborrecido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples ervanção não estimula o fígado. Neste caso, as **Pílulas Carreri** para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr todo litro de bile e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bile correr livremente. Para as **Pílulas Carreri** para o Fígado. Não existe outro produto. Preço Cr\$ 3,00

"Chápas"...



"A VOZ PÚBLICA"



"O SEXO FRACO."



"MOMENTO SOLENE."



"O PÃO DO EXÍLIO"



"O CANTO DO CÍSPNE."



"CÍRCULO VICIOSO."



"O BÉLO HORRÍVEL"



"O SUOR DO PÓVO."

O aviso

Continuação da página 46

— Não. Eu soube de outra forma.

— Como? Como?

Houve uma pequena pausa e a seguir Anne anunciou:

— Peter, ele está novamente com Maria.

— Não é possível!

— Foi ela mesma quem me disse.

— Mas ela sabe que ele...

Mas eu lhe disse que ele...

— Julian procurou MARIA? Eles já se entenderam. Ela me pediu que afastasse você de Julian. Ele é capaz de tudo.

— Mas como foi que Maria...?

— E' bom reviver o passado? Você está esquecido do que disse a ele sobre Julian? Ela também acreditou na história que você contou aos acionistas, empurrando para Julian a responsabilidade.

— E Julian... Como conseguiu... como conseguiu provar?

— Você bem sabe que ele não tem provas. Contou-lhe simplesmente.

— E... e ela acreditou?

— Por que não? Tem visto o seu procedimento todos esses anos, conhece você.

— E você, você Anne, também está contra mim?

— Não estou contra você, Peter. A verdade é que amor entre nós não foi mais possível desde que descobri a verdade. Que você espoliara meu cunhado, o marido de minha irmã. Por Maria, quase separei-me de você. Pelos nossos filhos, resolvi ficar ao seu lado. Mas, hoje, confesso que estou plenamente indiferente ao seu destino.

— Você diz isso como se desejasse a minha morte.

— Não é verdade. Ou não o teria prevenido. Julian está procurando você. Ele já foi procura Larry nada lhe disse.

Maria quer evitar um crime. Disse-lhe que tinha partido com você, para o estrangeiro. E' o melhor que você tem a fazer.

— Mas você bem sabe que eu não posso. Não tenho meios...

— Nesse caso, só lhe resta enfrentar Julian. Boa sorte.

Ele nunca pressentira aquela animosidade em Anne. Tinha sido tudo resolvido tranquilamente, quando ela descobrira a verdade.

— Não quero mais viver com você, ele anunciara.

Mas ele falara nos filhos, e ela aceitara o argumento. Tinha reatado a vida tranquilamente, mas, de repente, ela re-

velava, uma indiferença profunda ao seu destino, uma completa ausência de qualquer sentimento em relação a ele com a qual ainda não se tinha chocado. E justamente naquele momento, aumentava a gravidade e a importância da revelação. Porque era quando perseguido e angustiado que ele pensava em recorrer ao seu amor.

Amor? Não existia mais. Ela vivia ao seu lado, mas era o mesmo do que tê-la ausente.

Fugir não era solução. Além de faltarem-lhe os meios, era prolongar indefinidamente a angústia da espera, o sentimento idêntico ao do animal acua-

do, e sem saber quando o inimigo. Soltaria no seu pescoço para devorá-lo. Enfrentar Julian continuava a ser a melhor solução, porém não ousava adotá-la. Só o pensamento de ver à sua frente Julian zombeteiro, Julian sarcástico, Julian espoliado e decidido a matar, enchia-o de terror, e as suas pernas recusavam mover-se. Ele todo tremia.

Foi naquele mesmo dia que recebeu o segundo telefonema.

— Quem fala?

— Ainda não teve coragem de vir visitar-me?

Somente aquilo. Depois, desligaram.

EIS UM PERIGO PARA SUA CÚTIS:

- a Beleza de Máscara!

* QUE É BELEZA-DE-MÁSCARA?

É esta falsa aparência de beleza conseguida com os recursos de um "maquillage" excessivo, com o fim de ocultar ou disfarçar imperfeições da cutis. Além de artificial e efêmera, essa Beleza-de-Máscara constitui perigo para a vital respiração da pele.

Para evitá-la, não oculte, não disfarce!

CORRIJA AS IMPERFEIÇÕES COM LEITE DE COLÔNIA!



Use Leite de Colônia pela manhã e durante o dia como base para pó. À noite, para tirar o "maquillage" e limpar a pele. Use-o igualmente para proteger sua cutis contra os efeitos do sol.

Hoje mesmo, consulte seu espelho... Mas, não tenha pressa! Mire-se nele com todo rigor... Naturalmente, ele só poderá dizer-lhe uma coisa — a verdade! E, se alguma imperfeição a surpreender — cuidado! Não se precipite por uma senda perigosa! Não pretenda disfarçar... Não pense que pode ocultar rugas, espinhas, cravos, sardas e manchas, asfixiando a pele... Fazendo-o é ostentar uma traiçoeira Beleza-de-Máscara! Ao invés disso, adote este método fácil, simples e prático — corrija essas imperfeições, eliminando-as! Para tanto, recorra ao Leite de Colônia, que limpa, alveja e amacia a pele, dando-lhe uma beleza jovem, radiante e, acima de tudo, real!

Leite de Colônia

— LIMPA, ALVEJA E AMACIA A PELE

PÍLULAS DE BRISTOL

Vegetais e açucaradas

Estimulam suavemente os intestinos e eliminam os resíduos e toxinas.

J. W. T.

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.

PASTA DENTIFRICA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA

Ele estremeceu. Era ele, era a sua voz: reconheceu-a. Tantíssimas vezes a ouvira, até no processo, negando, negando... Era

a voz dele. Mas havia como que uma nova qualidade de aspereza em seu timbre, antes suave, a rouquidão que lhe pu-

zera o desespero, e, mais tarde, o ódio. Fria e cortante. Condenava-o à morte.

Não saiu mais de casa. Não

ousava. Porque em cada esquina vi a silhueta de Julian, mesmo que lá não estivesse, cada momento, ouvia a voz de Julian, inconfundível, apesar não estar realmente ouvindo. Certa tarde, o criado entrou no seu gabinete. Ele sobrepujou-se.

— Que há?

— Está aí um cavalheiro que deseja falar-lhe.

— Como se chama?

O criado, silenciosamente, apresentou um cartão.

As letras pequenas, em relevo, agrediram os olhos de Peter. A princípio mal pôde lê-las, tal era a força de seu sentimento. E ali estava escrito:

— Julian Thornfield.

— Mande-o entrar, conseguiu por fim, murmurar roucamente.

O criado, um tanto surpreso, saiu.

Peter olhou em torno. Não podia escapar. O tempo não passava. Mas não havia saída. Viu passos, vozes, a voz cortante.

Continua na página 53

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. É a verdade. Os crimes protegem a pele se apertam o dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para branquear, alisar e refrescar a pele.

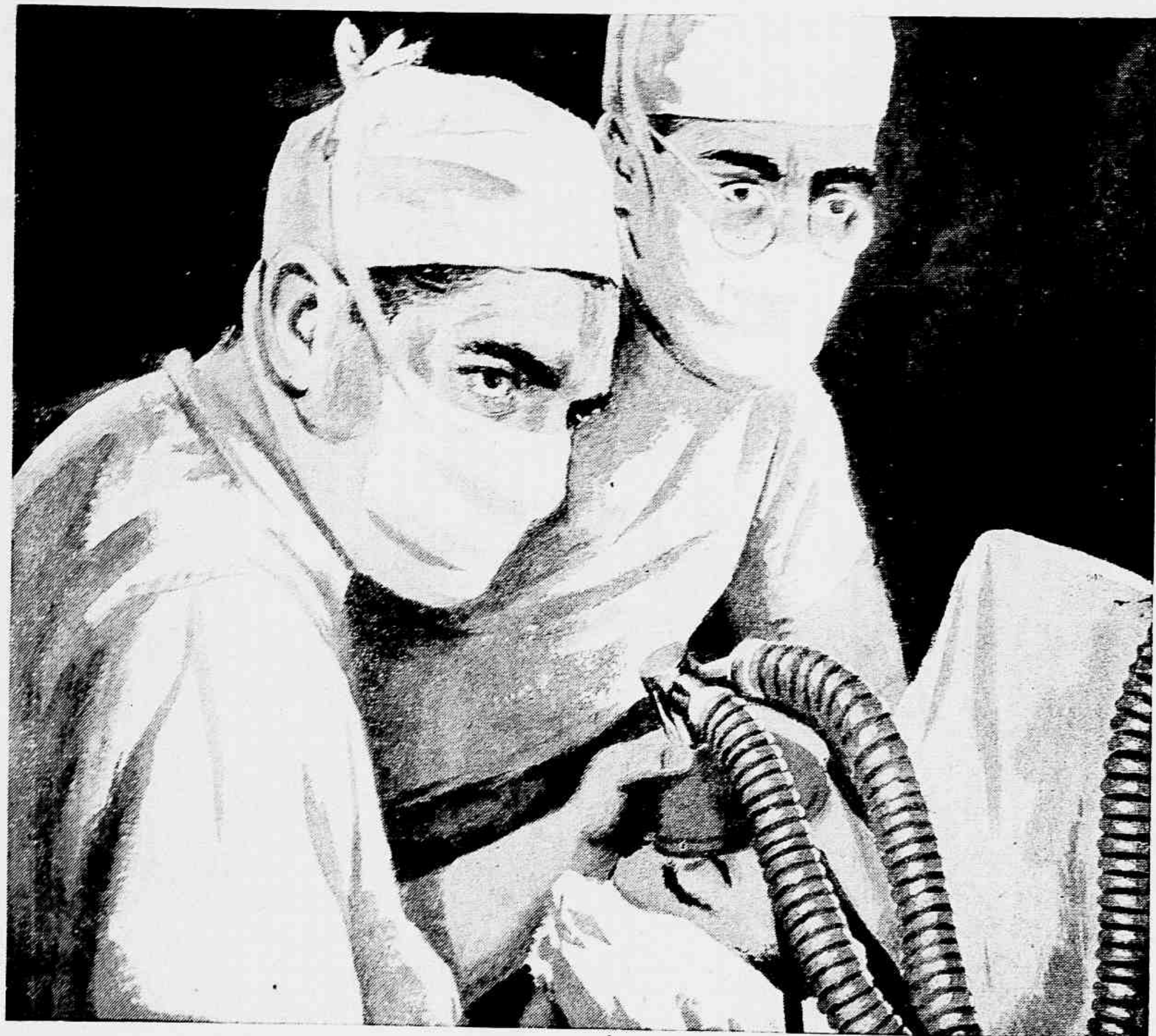
Depois de aplicar este creme, a pele ganha um ar de realidade encantador à vista.

A pele que não respira resaca e torna-se horrivelmente escura. O Creme Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele viçosa volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente!

É um produto dos Laboratórios Alface & Freitas.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



PETROLEO... Auxiliar da Medicina...

Milhões de habitantes do Brasil usam lampêes a querosene — um derivado do petróleo. Milhares de outros se utilizam do petróleo como combustível automotivo. Muita gente, porém, esquece que o petróleo tem outros numerosos usos. Por exemplo, como auxiliar da medicina, representado pelos anestésicos e muitos preparados medicinais, derivados do petróleo. O petróleo contribui, portanto, não só para a comodidade e bem estar de todos, como também para salvar vidas humanas. Muitos dos novos usos do petróleo têm sido descobertos pela Organização Esso, líder da sua indústria desde 1870.

Esso

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE

CORTE E COSTURA



Aproveite suas horas de folga para aprender por correspondência, SEM SAIR DE CASA, uma profissão que de muito lhe valerá para o futuro. Torne-se UMA PERFEITA MODISTA graças ao nosso sistema exclusivo e nossa organização superior. Poderá exercer sua nova profissão logo depois de iniciar os estudos. Mensalidades suavisimas Envie-nos hoje mesmo o coupon abaixo:

GRATIS

Cada aluna receberá: Figurinos moderníssimos - Carteira de Identidade - 100 Cartões de Visita - Serviço especial de consultas.

INSTITUTO POPULAR DE ENSINO 509
Caixa Postal 5317 - São Paulo
Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME:

RUA: N.º

CIDADE:

ESTADO:

A JAULA

Continuação da página 40

que é bom salientar é que não era a luta do ideal poeticamente concebido que o impelia ao conflito, era mais propriamente a aspiração a ser um desses seres maravilhosos e revoltados, como Byron que foi morrer por uma causa, numa guerra cujo objetivo mal conhecia, como Rimbaud, anjo depravado. Não era assim, mas tinha a fascinação daqueles personagens e aspirava sê-lo: um homem misterioso, interiorizado. Ele era, contudo, da mais chã simplicidade e tanto soavam falso seus projetos, como a perspicácia superficial da noiva apontava desde logo a incongruência de seu sonho dentro da realidade de sua vida.

— Você não é nada disso! E' um empregado de balcão e acabou-se.

Mas ele via, na submissão, o caminho para a vida de um fracassado e lutava, com todas as forças. Com um ímpeto e uma determinação maravilhosos. E da sua mediocridade, surgia uma espécie de grandeza, pela mesma tenacidade com que se aferrava ao sonho.

Mas não bastava a reiterada afirmação, era suficiente a descrição entusiasmada. Era preciso o ato que o comprovasse como o Herói.

Tipicamente, surgiu no circo, a oportunidade, a chance inesperada para a demonstração de heroísmo. Um leão e uma crian-

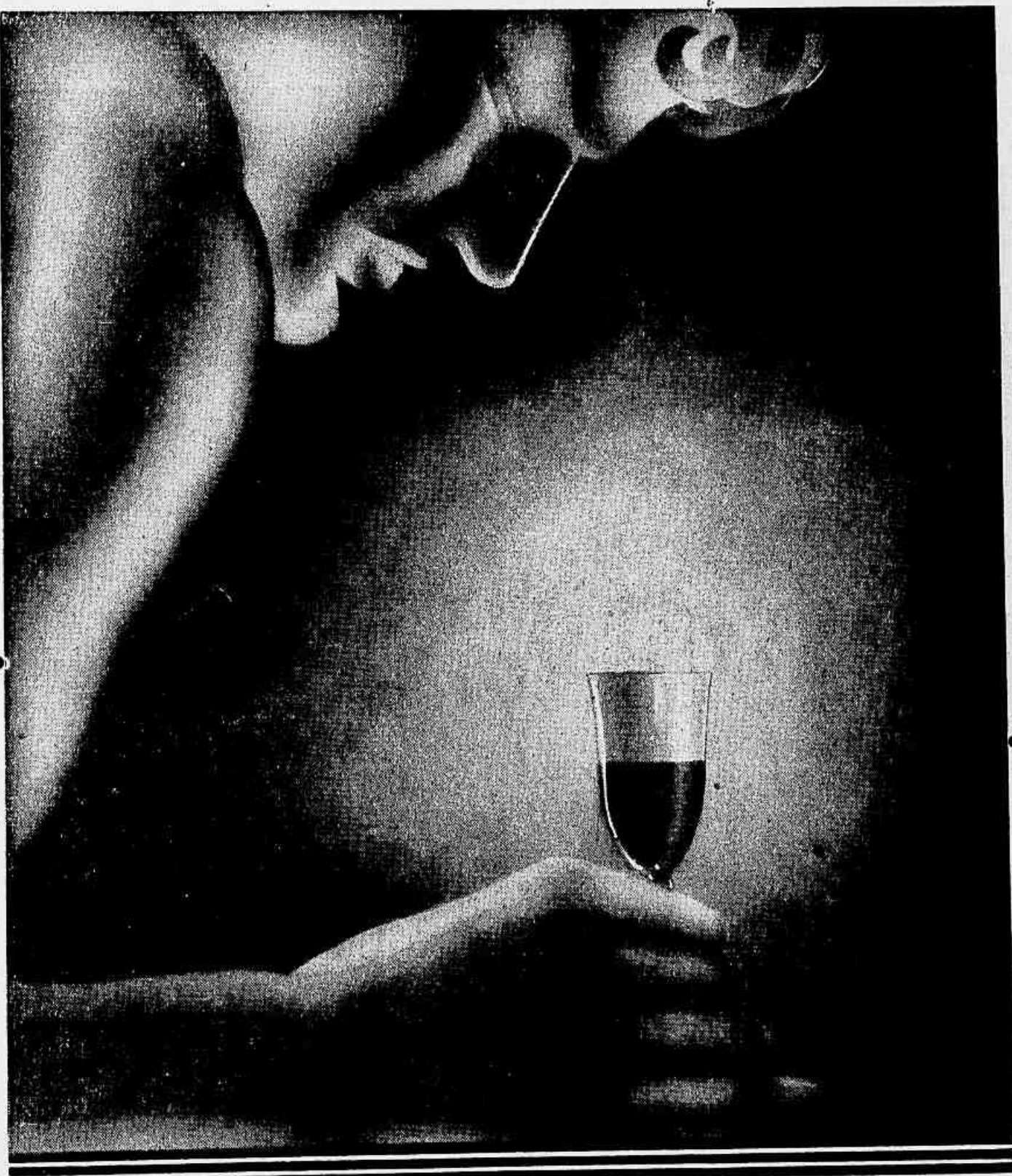
cinha — situação parecia que armada em um dia que o destino resolveu copiar Hollywood. A meninazinha penetrou na jaula. O domador se precipitou para salvá-la, mas ele foi na sua frente, com toda a segueira maravilhosa de que se armara, tirou a menina, nem viu o leão e saiu da jaula, aplaudido por todos, sentindo-se herói. Os assistentes impressionados ovacionaram-no, sen-

tindo que dele se irradiava um fluxo magnífico.

Foi quando o domador falou:

Ele com certeza sabia que o leão é inofensivo, não morde ninguém...

Fugiu antes das gargalhadas. Correu, até que lhe faltaram as forças, atirou-se no chão com o coração batendo, sem poder respirar, e chorou, como uma criança.



CÉREBRO ILUMINADO...

O trabalho excessivo e as preocupações cotidianas esgotam o cérebro e os nervos; daí a cabeça pesada, a falta de memória, a dificuldade de pensar, o desânimo, o mau humor, a vida transformada num doloroso fardo...

Reponha o fósforo gasto, ilumine o cérebro, reconquiste o gosto de trabalhar e de viver!

Fraqueza cerebral, dispepsia nervosa, neurastenia, falta de memória e perda de apetite — **Neurobiol**, o tônico do cérebro!

À venda em todas as farmácias e drogarias.

Neurobiol



SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

O aviso

(Continuação da página 53)
 se de Julian. Olhou para todos os lados. Desesperado, correu para o terraço. Olhou para todas as frestas, com a possibilidade de fuga, de escapar. Esperava um quinto andar. Mas não havia mais. Estava no térreo e ali estava.

— Meu Deus! Onde estava? A princípio não conseguia realmente reconhecer-se. Aparentava ser morto. O fim foi assim, fácil, sem sofrimento, liberdade sem dor? Não sentia

em sua carne a mesma forte vontade e um certo, confuso, desespero. Pelo contrário: sentia-se ao engai e depois parecia os segundos. Passava o momento da sua vida, sentia-se a vontade dominando as frestas de vida. Brancas. Brancas é o que ele via por todos os lados. Uma brancura, uma desmanchação, uma sedução, amor. Entretanto, pouco a pouco, as duras sem se desmanchando e ele sentia, estranhamente, que aquilo não poderia ser o céu.

— Como está ele, doutor?

— Está melhorando e... Tudo não passou de um susto muito grande.

— Graças a Deus.

— Como passou que se recuperou e sentiu que estava no seio da presença de uma pessoa. Sentiu que se amparava e afirmava uma guerra dentro dele, uma guerra. Engolia. Imediatamente apertava um botão, agradecendo pelo corpo vivo.

— Assim os olhos.

— Julian.

— Sim, Peter.

— Anunciado, ele se pôde mover.

— Por que?

— Lá chegando, quando você querendo amparar-se. Segure-se a tempo.

— Como está ele, doutor?

— Está melhorando e... Tudo não passou de um susto muito grande.

— Assim os olhos.

— Julian.

— Sim, Peter.

— Anunciado, ele se pôde mover.

— Por que?

— Lá chegando, quando você querendo amparar-se. Segure-se a tempo.

Falamos todos por experiencia propria:



limpa
mais

Kolynos realça os dentes e os encara, natural. Com a ajuda da escova, limpa e os dentes e a gengiva, dando-lhes a cor natural. Kolynos limpa a boca sem irritar a pele.



agrada
mais

Kolynos encanta, refresca e torna perfumado o hálito. É que Kolynos não é um simples dentífrico, é um creme dental antisséptico, agradável e adocicado e refrescante.



rende
mais

Claro que rende mais! Kolynos é concentrado, com uma quantidade menor de creme se consegue maior limpeza. Kolynos custa menos porque rende mais.

Todos estão de acordo:
para um belo sorriso não há como Kolynos.



o creme
dental
antisséptico

basta um cm.
na escova
seca!

LABELS BRANCO
LOCÃO
Brilhante

DE MUSICA

Impressões de Uma Usina de Aço

A princípio era somente uma frase como-vida. Depois, a máquina esmagou o lamento do homem mas, no entrecchoque metálico daquelas sonoridades, brotou um outro grito desesperado.

Eu sei como é fácil apelar para a divagação literária no momento em que faltam elementos para uma crítica mais objetiva. Contudo, seria desonesto empreender uma tarefa para a qual uma simples audição não fornece os dados necessários. E' forçoso, portanto, que meu comentário sobre Impressões de Uma Usina de Aço se a tenha a observações puramente subjetivas e talvez mesmo superficiais. O que não me impede, todavia, de reconhecer, desde logo, que estamos diante de uma obra que se coloca, para a crítica, num plano elevado, obrigando-me a reservar para uma outra ocasião apreciação mais desenvolvida, dada a sua importância.

Impressões de Uma Usina de Aço pertence, posso informar desde já, a uma fase já ultrapassada do desenvolvimento artístico de Cláudio Santoro, sem que isso importe em desmerecer, de algum modo, o seu valor, classificando-a como realização de somenos importância. Representando, segundo creio, o primeiro contacto de Cláudio com a orquestra, ela já foi superada com páginas mais bem acabadas. Confesso, entretanto, que o tema escolhido me atrai e a sua solução musical me agrada. Há uma profunda sinceridade, uma emoção muito humana nessa obra e isso nos conquista, porque, com suas imperfeições e hesitações, ela representa, entretanto, a intuição creadora na procura a principio desageitada de sua expressão. E creio mesmo que uma familiaridade maior com a partitura vai nos revelar detalhes interessantes, pequenas vitórias na primeira grande batalha.

Mais uma vez registro, aqui, com simpatia, o interesse — diria, mesmo, o carinho — com que o maestro José Siqueira reconheceu com seguro discernimento em Cláudio Santoro um talento invulgar servido por uma cultura

NO MUSEU...

(Cont. da pág. 45)

Durante a ocupação, os Alemães demonstraram interesse por essa propaganda espectacular. Um dia, um oficial, trouxe uma sugestão imperiosa:

— E' preciso instalar rapidamente o manequim do Fuehrer em suas salas.

— Não temos cêra suficiente — foi-lhe respondido.

— Então, faça derreter uma de suas figuras. Qualquer uma. Por exemplo, a de Napoleão.

— Impossível. A cêra refundida torna-se de cor preta. Seríamos forçados a fazer um Fuehrer negro.

E a coisa ficou por isso mesmo.

Muitos pensam que a destruição de uma figura de cêra traz "azar" ao representado quando se trata de um vivo. Um dos últimos casos, foi o do almirante Darlan, assassinado uma semana apenas depois de ter sido sua efígie atirada na caldeira.

Os supersticiosos vêm nisso simples versão moderna da bruxaria dos feiticeiros que furavam com agulhas finas o coração das bonecas de cêra parecidas com suas vítimas.

já bem formada. A José Siqueira, portanto, os renovados agradecimentos, em nome, do público, por essa iniciativa.

★

Nunca imaginei que teria que desculpar-me, publicamente perante Schonberg. Vejo-me, entretanto, nessa contingencia, levado pela excessiva generosidade de um colega — o crítico musical de um de nossos vespertinos que assina-se RICO. Encontrei em cronica dele uma frase que me pareceu bastante familiar — era de minha autoria — porem lá estava indicada como sendo a expressão do pensamento de Schonberg. Prossegui, perturbado, a leitura do trabalho de RICO e, pouco mais adiante, encontrei outra citação. "O ilustrado Dr. Curt Lange", observa RICO. Mas a opinião reproduzida não é de Curt



Lange, é deste seu criado, que, se me permittem, não é ilustrado nem doutor. O que é evidente é que nem Schonberg nem Curt Lange podem se responsabilizar pelo que aprouver escrever a este modesto jornalista. Peço portanto a Rico que retifique as citações, reiterando os meus agradecimentos por colocar inadvertidamente em bocas tão ilustres as minhas pobres palavras.

Roberto Lyra Filho



Um PERFUME

Inesquecível!

Os perfumes são as recordações mais duradouras!...

Êles são a música dos sentidos e ficam na memória como as canções!...

E ha um perfume que nunca mais se pode esquecer: — é o perfume ORGANDY de BAZIN. O perfume que é sensibilidade, o perfume que é uma noite cheia de estrelas, o perfume do amor e da poesia!...

Água da Colônia
Brilhanina
Extrato
Loção

Óleo perfumado

Pó de Arroz
Sabonete
Talco

Organdy

de **BAZIN**

Obra prima da perfumaria!

A VENDA EM TODO O BRASIL

DIABETE-OBESIDADE-MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO,
DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

Aperção digestiva e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cas-
lândia. Fones: 22-5119 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 12 às 18 horas.



MODÊLOS FRANCÊSES

Ao alto, à direita: — Modelo "chemi-
sier" em lã cinza claro com motivos
aplicados em "tricot" vermelho. Mangas
compridas ajustadas aos pulsos, saia
bastante larga, com faldos franzidos dos
lados. A' esquerda: — Bastante original
e um tanto "audacioso" é este modelo
confeccionado em tafetá escuro, com
grande barra em tafetá de cor unida.
Saia muito franzida e armada. Blusa
terminando em "V" sobre a saia, com
viéz da barra e abotoada na frente. Gola
branca e mangas "bouffants". Ao lado:
de grande elegância é este modelo de
fina lã preta, com a saia toda plissada e
tiras bordadas em branco aplicadas so-
bre a mesma. Gola alta, botões gran-
des e mangas três quartos, formando
pontas



ILONA MASSEY

Encantadora Estrela da tela, diz:
"Considero ARRID o de-
sodorante por excelên-
cia e o recomendo com
o maior entusiasmo".

NOVO
Creme Desodorante
que evita manchas
e odor nas axilas

1. Não irrita a pele.
2. Não estraga os mais finos vestidos.
3. Evita as manchas desagradáveis, nas mangas e nas costas dos vestidos.
4. Seu efeito é duradouro. Evita o cheiro do suor. Tem um delicioso perfume.
5. Tem a fina consistência de um creme de beleza. É branquíssimo, sem gordura, não mancha e des-
parece instantaneamente.

Use ARRID com regularidade.

Preços Cr\$ 4,80 e Cr\$ 9,50

ARRID

O DESODORANTE QUE MAIS SE VENDE.

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

(CAMPANHIA)

TAG — Seis horas... Deve ser ele quem chega...

SONIA — Sim... Deve ser ele. Deixem-nos sós por favor.

TAG — Está bem, Sonia. Até já... (PASSOS CORTINA)

SONIA — (CONSIGO) Meu Deus, ajudai-me... (FORÇA)

ROBERTO — (2.º PLANO — BRILHANTE) Pode-se entrar na sala de Madame Sonia, a Vidente?

SONIA — (AMUADA) Ora, Roberto, você nunca precisou pedir licença.

ROBERTO — Mas vejo-a nervosa e estou receioso...

SONIA — Quantas vezes preciso lhe dizer para não colocar o chapéu aí, sobre a caveira!

ROBERTO — E quantas vezes já lhe pedi para tirar esta caveira da sala.

SONIA — Deixe-a...

ROBERTO — Ela dá um tom de mistério ao ambiente, não é?

SONIA — Não. É que essa caveira me faz pensar na morte...

ROBERTO — Ora, pensar na morte quando a vida é tão bela!

SONIA — Sim, a vida é bela quando se tem vinte anos...

ROBERTO — Que pretende dizer com isso?

SONIA — Nada... Ou talvez muito... Um nome de mulher apenas...

ROBERTO — Um nome de mulher?

SONIA — Sim... Esse nome talvez lhe diga muito mais que todas as frases que eu pudesse lhe atirar em rosto...

ROBERTO — E qual é ele? Julia, Amelia, Silvia?...

SONIA — Nadir.

ROBERTO — (ABAFADO) Não compreendo...

SONIA — Nadir. Nada mais tenho a lhe dizer...

ROBERTO — Querida, não vá fazer uma cena de ciúmes, não?

SONIA — Não, Roberto... Eu já perdi toda a força com você. Você sabe apenas rir de meus ciúmes...

ROBERTO — Porque são sempre ridículos, infantis...

SONIA — Não desta vez.

ROBERTO — Onde foi você descobrir uma causa dessas?

SONIA — (RINDO TRISTEMENTE.) Você se esquece de que sou uma vidente?

ROBERTO — Tolices...

SONIA — Não, Roberto. Não é tolices. E você sabe disto...

ROBERTO — Você me conhece. Sabe o

meu temperamento. Gosto de brincar...

SONIA — (MÃE — OFENDIDA) Não! Desta vez você não está brincando. Você não pode estar brincando.

ROBERTO — Coisa passageira. Amanhã ou depois ela estará no rol das velharias. Eu nem sequer me lembrarei qual a cor dos seus olhos. Foi sempre assim...

SONIA — Não. Roberto. Ao menos desta vez você está sendo sincero. Você não pode estar iludindo essa pobre moça.

ROBERTO — Francamente... Não a compreendo, Sonia. Você defende essa moça, contra você?!

SONIA — Eu a defenderia contra qualquer um. Eu a defenderei contra o mundo inteiro.

ROBERTO — Eu não posso entender esse seu gesto de bondade...

SONIA — É um gesto humano. Estou lutando em defesa do mais sagrado dos sentimentos...

ROBERTO — Sonia!

SONIA — (REFLETINDO E MUDANDO) Eu já nem sei o que digo... Você tem razão. Foi sempre assim... Mais uma conquista, mais uma creatura sofrendo e você, voltando, como sempre, para mim... Mas é que essa creatura, Nadir...

ROBERTO — Sim... Nadir...

SONIA — Acaba de sair daqui. Eu vi a pobre moça. E lembrei-me que eu também já tive 20 anos e que sofri, sofri horrivelmente por culpa de um homem sem carácter como você...

ROBERTO — É um estranho prazer o que você experimenta em me insultar.

SONIA — Só assim posso me colocar no meu lugar. Acima de você... E sabendo que logo estou me rebaixando, implorando seus beijos... Mendigando o seu amor... Oh! como eu me desprezo!

ROBERTO — Querida! Não gosto de vê-la assim. Vá se vestir. Sairemos. Iremos ao Casino...

SONIA — Não... Sei que muitas pessoas irão me reconhecer. Virão à minha mesa. Estenderão suas mãos para ouvirem as minhas previsões. E eu mentirei...

ROBERTO — Distribuindo ilusões...

SONIA — Vendendo mentiras... O povo necessita tanto de um pouco de felicidade que paga para ouvir dizer que a terá... Pobre humanidade. Eu sinto pena e desprezo pelos homens...

ROBERTO — Não esperava encontrá-la tão amarga. Bem, vejo que não é possível ficar e diverti-la...

SONIA — Não. Hoje não poderei falar com você. Hoje, o meu desejo é de esbofetear-lo. Vá, Roberto. Vá de uma vez...

SONIA — Então lute. Lute por ele até ao ultimo alento.

NADIR — E' o conselho que eu desejava. Lutarei, embora as minhas armas sejam mais fracas.

SONIA — Não existe mulher mais fraca ou menos forte. Quando se ama de verdade encontra-se força para tudo.

NADIR — E acha que eu possa vencer?

SONIA — Não lhe faltam recursos para isso. No entanto, eu precisaria conhecer a sua adversaria.

NADIR — Então não sabe quem é? A sua ciencia não lhe revelou o nome dessa mulher?

SONIA — Não... Ainda não.

NADIR — Pois bem, eu vou ajuda-la.

SONIA — Vae me dizer o nome dela?

NADIR — Não. O nome dele... (PAUSA) Roberto.

SONIA — (SURPRESA) Roberto?

NADIR — Sim, Roberto. E agora a senhora já sabe quem é a outra mulher.

SONIA — Talvez...

NADIR — Tiremos as máscaras. As duas estamos amando o mesmo homem. E eu estou disposta a lutar.

SONIA — E a vencer...

NADIR — Não acredito que possa vencê-la. E mesmo assim lutarei.

SONIA — Por que acha que não me poderá vencer?

NADIR — A senhora ilude todo o mundo. Consegue se livrar da policia, entra em todas as casas, ser tratada com consideração. Fez da mentira o seu lêma. Sabe iludir. Eu mesma fiquei abalada com as verdades que disse sobre o meu passado...

SONIA — Si eu disse verdades não pode me chamar de mentirosa.

NADIR — Não sei como a senhora descobriu, mas deve existir um truc. Transmissão de pensamento, talvez... Não importa...

SONIA — Si eu lhe dissesse tudo o que sei a seu respeito!...

NADIR — E como não disse nada a respeito do Roberto?

SONIA — Interessante... Era justamente o que eu não sabia. O que mais me interessava, ou melhor, o unico fato de sua vida que podia me interessar, eu não sabia...

NADIR — E agora?

SONIA — Agora iremos lutar. E eu sei que vou perder...

NADIR — Por que?

SONIA — Suas armas são mais poderosas que as minhas?

NADIR — Quais são as minhas armas?

SONIA — Vinte anos... Você tem vinte anos, menina. E eu vou perto dos quarenta.

Sua cabeleira é loira e macia... A minha já está marcada com fios brancos. Vê, ha pequeninas rugas, quasi imperceptiveis a reardos meus olhos... Estou ficando velha, Nadir. Você... Você é uma flôr que ainda não desabrochou de todo... Daqui a dez anos ainda será mais bonita. Estará no apogeu. E daqui a dez anos eu estarei liquidada...

NADIR — Não adianta dizer isso. Não me comove.

SONIA — Eu não estou dizendo isto para comove-la. Falo para mim mesma, para matar as ilusões que ainda pudesse ter.

NADIR — Finalmente esta entrevista, já se torna longa e cada vez mais desagradavel.

SONIA — E' a primeira cliente que sae do meu consultório sem levar uma esperança uma palavra de consolo. E sabe Deus como eu desejava poder vê-la feliz...

NADIR — E' tão facil. Abandone Roberto.

SONIA — Roberto não é a felicidade, menina.

NADIR — Está bem. Nesse caso, já que prefere a luta, lutaremos. Adeus...

SONIA — Felicidades, minha adorada inimiga... (PORTA DISTANTE — PAUSA CHAMANDO) Julia... Julia... (CORTINA)

JULIA — Pronto, madame...

SONIA — Mande seguir essa menina que saiu. Quero saber onde móra... Já.

JULIA — Perfeitamente. (CORTINA)

SONIA — Oh! Tag, foi bom ter vindo. Eu preciso de você... (OT) Va, ande Julia...

JULIA — (SE AFASTANDO) Vou, senhora...

TAG — Que lhe aconteceu, Sonia? Pela primeira vêz vejo-a com os nervos descontrolados... E seus olhos!... Chorando?

SONIA — Sim, meu bom Téo... Madame Sonia também sabe chorar. Também é humana. É a que distribue as mãos cheias ilusões, mentiras douradas de felicidades futuras, sabe que foi derrotada...

TAG — Derrotada por quem?

SONIA — Pela Vida! Pelo Destino! Ha vinte anos eu venho procurando matar o meu passado. E ele ressucitou.

TAG — Como?

SONIA — Acabo de ter um encontro, comigo mesma, ha vinte anos atraz. No presente surge o meu passado para destruir o meu futuro... (RI NERVOSAMENTE) Madame Sonia... vidente... (RI MUITO) Passado... Presente... Futuro...

TAG — Não compreendo, Sonia...

SONIA — Essa mocinha que acaba de sair daqui, veio me pedir que abandonasse Roberto. Ela ama Roberto... E ela... Ela é

minha filha, Teo... (CÁE EM SOLUÇOS)
Minha filha...

CONTROLE — ENCERRAMENTO MUSICAL.

SEGUNDO CAPITULO

CONTROLE: — ABERTURA MUSICAL

SPEAKER — Madame Sonia, vidente de grande fama, está com seu consultorio instalado numa rua socegada. Sonia é brasileira, como brasileiro é também Tag, o seu secretario que se faz passar por indú. Certa tarde, surge uma pequena para consultar com madame Sonia. Chama-se Nadir. Depois de rápida conversa, Nadir explica que não veio consultar e sim pedir que Sonia abandone Roberto, o homem que é amado pelas duas mulheres. Depois que Nadir sae, Sonia em profundo abatimento conversa com Tag e conta que...

CONTROLE — SOBE A MUSICA E DESAPARECE

SONIA — Teo, acabo de ter um encontro comigo mesma, ha vinte anos atraz. No presente, surge o meu passado para destruir o meu futuro... (RI NERVOSAMENTE) Madame Sonia... Vidente... (RI MUITO) Passado... Presente... Futuro...

TAG — Não compreendo, Sonia...

SONIA — Essa moça que acaba de sair daqui, veio me pedir que abandone Roberto. Ela ama Roberto. E ela... e'la é minha filha, Teo... (SOLUÇANDO) Minha filha...

TAG — Como!? Sua filha?! Mas eu nunca soube que você...

SONIA — Tinha uma filha, não é? Esse é um dos segredos de Madame Sonia. Esse é um retalho do meu passado. O meu passado que eu julgava morto...

TAG — Sonia, eu a conheço ha dez anos. O seu passado, para mim, vae até o dia em que nos encontramos em Paris...

SONIA — Paris... Em 1934... Frio, fome, abandono...

TAG — Não quer recordar?

SONIA — Não, ao contrario. Estou precisando recordar, Tag. Eu estou precisando lembrar o muito que sofri para fazer calar o coração. Eu não devo ser boa. Não tenho nenhuma obrigação de ser boa num mundo que só me deu miséria...

TAG — E apesar de tudo, você é boa, Sonia. De uma bondade extrema... Os pobres vem a esta casa em busca de pão e agasalho...

SONIA — Não, Tag. Eu não devo ser boa... Eu quero recordar o que sofri. Ajude-me a lembrar... Sim, ajude-me.

TAG — Foi à beira do Sena... Eu havia erguido a gola do paletó, mãos nos bolsos, cinto apertado para evitar que o estomago grilasse.

SONIA — E eu, um manteau velho, grande oheiras, debruçada no peitoril, esperando um momento de coragem para me atirar às aguas calmas e, de uma vez, acabar com tudo...

TAG — Você já havia passado o corpo sobre a amurada quando eu vi... corri para você... Lembra-se?

SONIA — Eu quiz me soltar. Mas estava sem forças... Debatí-me um pouco...

TAG — E acabou soluçando...

SONIA — (RETROSPECTIVA COMEÇA A SOLUÇAR).

TAG — (AFASTANDO-SE DO MICROFONE) Lembra-se?... Eu a fiz sentar um instante... Depois fomos andando... Com os últimos niqueis que me restavam pedi café para nós dois... E disse-lhe: — (SUBITAMENTE PERTO DO MICROFONE — DEZ ANOS ATRAZ) Que é isso? Pare de chorar, pequena e tome o seu café antes que esfrie...

SONIA — (EXAUSTA-DOMINANDO O CHORO Obrigada... Nem sei porque um homem como o senhor perde tempo comigo...

TAG — Qual é seu nome, pequena?

SONIA — Nome... Porque me pergunta? Não vê que eu quero esquecer tudo, tudo?...

TAG — Está bem. Então façamos um acôrdo. A outra, aquela que você foi até ha poucos momentos, morreu. Faça de conta que está lá, no lôdo do Rio. Agora surge uma nova creatura... Vamos lhe arranjar um nome... Espere... Jeane? Não... Marion... Sonia... E' este está bom: Sonia. Sonia, a mulher que matou o passado.

SONIA — Obrigada. O senhor tem força moral, resiste a esta vida e está me ajudando a resistir. Como é seu nome?

TAG — Meu nome é Teobaldo. Mas eu troquei para Tag... Estava trabalhando num parque de diversões. Fazia uns trucs... Fui despedido ha 15 dias e até hoje não arranjei emprego.

SONIA — A sua pronuncia... O senhor acaso é...

TAG — Sou brasileiro.

SONIA — E eu também! Que contente estou!...

CONTROLE: PASSAGEM MUSICAL —

SONIA — Foi assim o nosso primeiro encontro, Teo...

TAG — E desde aquele momento, combinamos que nenhum faria ao outro qualquer pergunta sobre o passado...

SONIA — E assim temos vivido nestes dez anos. Vidas novas, diferentes...

TAG — O medo que você sentiu às primeiras vezes que tentamos enganar o povo...

SONIA — Depois, arranjamos aquela roupa de cigana... (RI) Foi quando começou a minha fama.

TAG — Você predisse um desastre e, por cumulo da sorte, o desastre sucedeu...

SONIA — Foi quando subimos os preços das consultas. Você começou a estudar grafologia... E com a minha intuição...

TAG — ...e minha vocação de detetive, em pouco tempo estávamos com uma casa montada.

SONIA — Dez anos... Já acumulei uma fortuna...

TAG — Sonia, esse é um ponto em que nunca lhe fez perguntas. Mas sempre me preocupou. Você, ganha tanto e vive o mais modestamente possível...

SONIA — Economiso, Teo...

TAG — E para que?

SONIA — Agora já não necessito fazer mistérios disso. Esse dinheiro está depositado em nome de minha filha. E' com esse dinheiro que ela está estudando. Com esse dinheiro ela vive num meio social elevado.

TAG — E foi ela...

SONIA — Que veio me insultar. Exigir que eu abandone Roberto, o meu amor. Tudo o que me resta na vida...

TAG — Sua filha. O seu passado que ressuscita...

SONIA — Teo, eu nunca lhe contei a história do meu passado. Era um acôrdo...

TAG — E até agora o temos cumprido. Espero que continuemos assim. Eu não lhe faço perguntas. Sonia. E você nada precisa me dizer.

SONIA — Não, Téio. Eu preciso lhe contar. Ouça... Foi ha vinte anos. Eu, então, contava pouco mais de 18 anos. E conheci um homem... Um homem? Não, um canalha... Chamava-se Ernesto... Ah! quando se tem 18 anos e a cabeça cheia de sonhos! Ernesto éra um violinista. Ainda tenho algumas gravações dele...

TAG — Ainda as conserva?

SONIA — Sim... Todo o meu ódio pelo homem não conseguiu matar a minha admiração pelo artista... Um momento, vou colocar um desses discos na vitrola... (PASSOS)

TAG — E' terrível o que você vae fazer. E' mesmo que encostar um ferro em brasa numa ferida mal fechada...

SONIA — Mas faz bem. Dá novo alento... Nova coragem para lutar, para continuar lutando. Ouça...

CONTROLE — UM SOLO DE VIOLINO BEM DOLOROSO — TOCA ALGUM TEMPO E B/G —

TAG — Um grande artista, sem dúvida!

SONIA — Sim... E ha vinte anos atrás, éra belo! Quando êle entrava no palco, de casaca, muito alto, magro, elegante... a sala ficava em silencio. E podia-se ouvir os suspiros das mulheres... E eu me deixei encantar...

TAG — Pela sua arte?...

SONIA — Não... Pela sua arte e principalmente por êle mesmo. Por aquele sorriso sardonico que lhe brincava nos lábios, aqueles olhos claros e serenos... Depois...

TAG — Depois?

SONIA — Os jornais que ainda conservo, noticiam a sua partida para a Europa. Eu fui com êle...

TAG — Foi então por isso que a encontrei na Europa?

SONIA — Não. Eu voltei ao Brasil... Voltei depois de abandonada por êle. Só, na Itália e com a minha filha para nascer... Vim, de terceira classe, num navio suíço. No Brasil, após o nascimento da criança, fiquei desesperada...

TAG — Compreendo sua situação...

SONIA — Dolorosa! Dei a minha irmã para que a creasse. E pouco depois embarcava para Paris...

TAG — A' procura desse homem?

SONIA — Sim... A' procura dêle. Em Paris... (RI AMARGAMENTE) Eu era jovem e bela. E precisava viver. Cantei, dancei, vendi cigarros nos cafés baratos... Um dia, desesperada, pensei em me matar...

TAG — Foi quando eu a encontrei.

SONIA — Justamente. E nasceu Sonia, a Vidente...

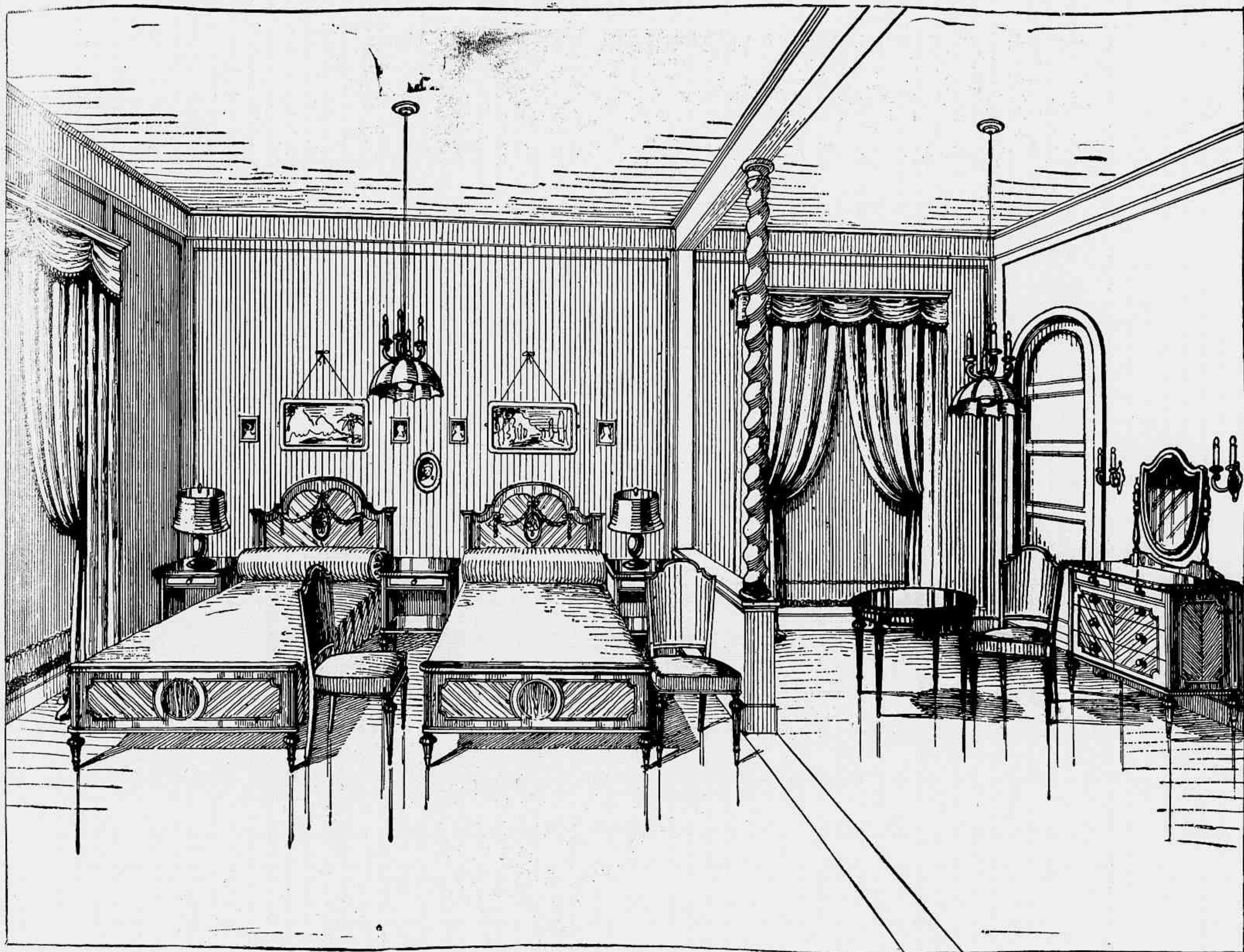
CONTROLE — INTERLUDIO —

TAG — E agora, Sonia? Que pretende fazer?

SONIA — Não sei, Tag... Não sei... Estou tonta, completamente tonta!

TAG — Vae abandonar Roberto?

SONIA — Eu o deixaria si o soubesse o homem capaz de fazer a minha filha feliz!



Dormitorio de estudante

No "cliché" acima reproduzimos um modelo de quarto de dormir em estilo moderno, especialmente desenhado para aposentos de rapazes. O técnico que o criou levou em conta a premente carência de espaço que se encontra nos apartamentos de hoje. As camas, trabalhadas em madeira escura, são colocadas uma ao lado da outra, com mesinhas de cabeceira que podem, pelo seu formato e tamanho, servir como estantes de emergência. No quarto de vestir, uma mesa de centro e um toucador com espelho, além de um guarda-casaca que pode ser feito em qualquer estilo. O necessário número de cadeiras deve ser distribuído entre os dois aposentos, de maneira a não prejudicar a estética nem agravar a exiguidade de espaço.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

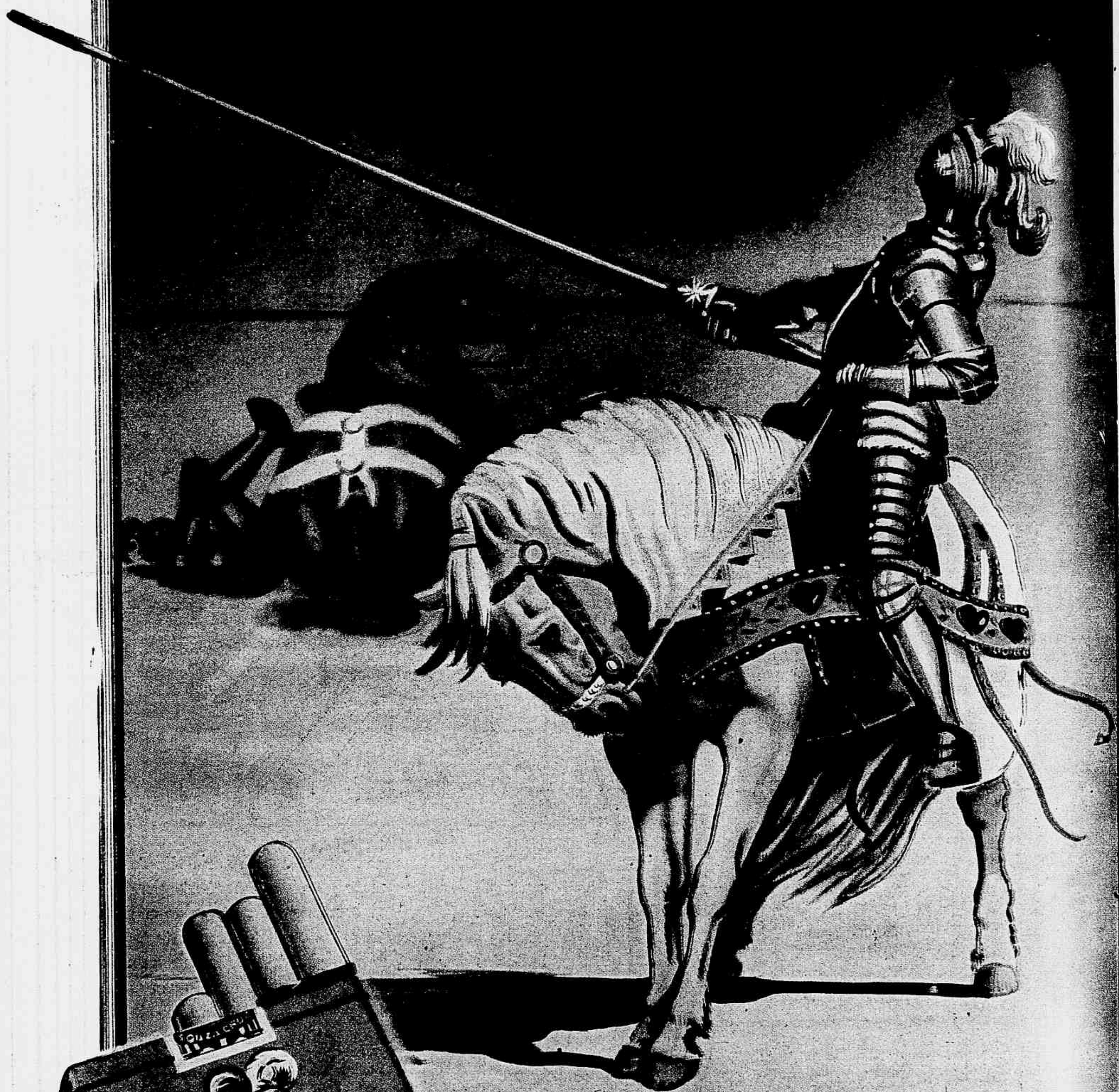
ASA
MARCA

UNES
REG.STRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



C^{IA} DE CIGARROS

Santa Cruz